



UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**UM OLHAR SOBRE A COMPLEXIDADE DA ESCALADA
NA EDUCAÇÃO FÍSICA, NA PERSPECTIVA DE EDGAR MORIN**

DIMITRI WUO PEREIRA

USJT/São Paulo
2010



UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**UM OLHAR SOBRE A COMPLEXIDADE DA ESCALADA
NA EDUCAÇÃO FÍSICA, NA PERSPECTIVA DE EDGAR MORIN**

DIMITRI WUO PEREIRA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora composta pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu / Mestrado em Educação Física da Universidade São Judas Tadeu, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física, na Linha de pesquisa: Bases Psicológicas e Pedagógicas da Educação Física e do Esporte, tendo como Orientadora a Prof^a. Dr^a. Vilma Lení Nista-Piccolo e a Co-orientação do Prof. Dr. Wagner Wey Moreira.

USJT/São Paulo
2010

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
ABSTRACT	7
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I - ESCALADA.....	20
1.1 ESCALAR PARA CONHECER O MUNDO E A SI MESMO	24
1.2 ESCALAR PARA RESOLVER PROBLEMAS.....	36
1.3 ESCALAR PARA RECOMPOR	44
1.4 ESCALAR PARA RESPEITAR	55
1.5 ESCALAR PARA FRUIR.....	62
CAPÍTULO II - O MOMENTO EMPÍRICO	75
2.1 O CENÁRIO DE PESQUISA.....	80
2.2 AS SUBJETIVIDADES INDIVIDUAIS	83
2.3 AS SUBJETIVIDADES SOCIAIS	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	124
ANEXO 1.....	132
ANEXO 2.....	139

DEDICATÓRIA

Essa talvez tenha sido a mais difícil ascensão da minha vida: mais do que os boulders que comem a pele; mais do que as vias esportivas que tijolam os braços; mais do que as longas vias clássicas com proteções distantes que povoam as mentes; mais do que as longas caminhadas até o cume das montanhas que enrijecem as pernas; mais do que a falta de ar; ou o frio congelante dos picos nevados. Mas valeu a pena, pois daqui de cima posso gritar para o mundo todo ouvir aquilo que sempre trago na mochila. Cacá, essa obra é para ti. Obrigado pela paciência e companheirismo. EU TE AMO!

Aos meus dois tesouros mais preciosos. Que esse trabalho tenha valido o tempo que roubou de vocês. Lelê e Quique, que Deus os proteja e nos permita a proximidade de toque.

Dedico também meu esforço àqueles que não puderam comparecer fisicamente a essa leitura, mas que sempre me acompanham na minha jornada pela vida. Pai e Rei, daqui sigo por vocês, como se continuássemos a andar juntos e nada tivesse acontecido.

AGRADECIMENTOS

À doutora Vilma Leni Nista-Piccolo, pela incrível capacidade de acreditar na minha possibilidade de expressar meus pensamentos de forma verdadeira e científica.

Ao doutor Wagner Wey Moreira, que não me permitiu deixar de refletir sobre meus erros e ilusões do pensamento, sem o qual essa obra seria apenas um monte de palavras.

Ao doutor Mauricio Teodoro de Souza, que me fez acordar para o conhecimento que estava latente em mim.

À mestra Renata Frazão Matsuo e a doutora Maria Luiza de Jesus Miranda, por me mostrarem os caminhos de Gonzalez Rey.

À minha mãe Ruth, pela dedicação tremenda que tem aos filhos e a vida. À minhas irmãs Ni, que foi essencial no abstract; Iva, que me acompanha do crescimento intelectual e Poli que é a minha antítese mais importante.

À diretora da Escola da Vila, Ana Maria, que me proporcionou um crescimento profissional e pessoal intenso.

Ao coordenador Washington Nunes, o melhor professor de Educação Física do Brasil.

Aos meus muitos alunos da escalada: Beto, Cicão, Cesar, Rafinha, Rafael, Gustavinho, Tamura, Ju, Caco, Pedro, Flora, Vitor, Roncon, Gui, e tantos outros, que não caberia nesta folha. Vocês me ensinaram, a saber, quem eu sou.

Aos professores que estiveram comigo nos últimos anos, numa aventura incrível que foi implantar a escalada em escolas no Brasil: Alberto, Ronaldo, Denise, Igor, Denis, Sergio, Kauê, Leo, Felipe, João, Airton, Jonas, sem vocês eu não teria tido a coragem de guiar essa cordada.

RESUMO

Este trabalho parte da crise de disjunção do conhecimento que vivemos, para uma reflexão a partir da religação do corpo em movimento com o saber que pretendemos adquirir durante a vida e sobre a vida. Essa crise atinge profundamente a Educação Física, pois sendo uma área que se dedica à relação do ser humano com o movimento, ela perde suas referências quando não encontra fundamentos que unam o ser, com os outros seres, e com seu ambiente, mecanizando e dividindo-o em partes para conhecê-lo. A escalada, nesse contexto, é uma prática esportiva que recentemente ganhou adeptos e mostrou-se, na experiência do pesquisador, uma possibilidade de estabelecer uma união entre o ser bio-antropo-social. O pensamento complexo de Edgar Morin foi a linha mestre que teceu o conhecimento sobre a escalada apresentando-a em sua particularidade e multiplicidade reorganizadora do ser humano no ambiente vertical. A Epistemologia Qualitativa de Gonzalez Rey, por sua vez, permitiu verificar como esse reencontro se processava para um grupo de estudantes do ensino fundamental, que tiveram a oportunidade de vivenciar a prática da escalada na escola e em rocha. A partir das experiências vividas pelos sujeitos e das interpretações do pesquisador na pesquisa de campo, foi possível compreender que: a escalada é construída diariamente pelos seus praticantes, não estando presa exclusivamente à regras inflexíveis e universais; ela é uma prática interdisciplinar, pois ocorre necessariamente num ambiente imprevisível, arriscado e de relacionamento humano, sendo sempre um problema a resolver; ela também proporciona um conhecimento sobre o ser e o mundo, desde sua porção microscópica até a macroscópica, fornecendo abertura para uma visão planetária da vida. A escalada associa o movimento às relações auto, eco, feno, geno, re, organizacionais, isto é, do ser com si mesmo, com o meio ambiente, com as relações entre seres, com as relações biológicas de si mesmo, com a renovação de si e com a organização a partir do diálogo entre a ordem e a desordem. Todas essas relações podem dar algum sentido à existência dos escaladores, ou então proporcionar, nos momentos de ascensão, uma existência significativa que ganha valor pelo enfrentamento dos riscos inerentes a prática.

ABSTRACT

This work starts in the crisis of knowing disjunction, in which we live, to a reflection from the retied body in movement to the knowledge that we intend to acquire during the life and about the life. This crisis reaches deeply the Physical Education because it is an area which dedicates itself to relate the human being and the movement. It loses its references when does not find support to join the being with other beings and with its environment. That makes the being mechanical and divided in parts to know itself. The climbing, in this context, is the practice of sports that recently gains adepts and shows to the researcher the possibility to establish a link among the bio-anthropo-social being. The Edgar Morin complex thought was the guide line interlacing the knowledgement about climbing, and, presenting it as a particular and multiple reorganization of the human being in the vertical environment. The Gonzalez Rey Epistemologia Qualitativa, in his turn, allowed us to verify how this reunion was processed in a group of students in elementary school II, who had the opportunity of living the practice of climbing at school or at the rock. From these experiences lived by the subjects, and, the interpretations of the researcher in the research field, it was possible to understand that: the climbing is built daily by its practitioners; it is not stopped exclusively by inflexible and universal rules; it is an interdisciplinary practice, considering that occurs necessarily in an unpredictable, risky and human related environment, further, it has always an issue to solve. This also provides knowledgement about the being and the world, since the microscopic until the macroscopic portion. The climbing gives an opening to the planetary view of life. It associates the movements to these self, eco, pheno, genus, re organizational relations; those are the relations of the being with: itself, the environment, the other beings, the biological relations of itself, the renovation of itself and the organization, starting a dialogue between order and disorder. All these relations can give some sense to the climber existence; or even, they provide, in the moment of ascension, a meaningful existence which gains value through the confrontation of the inherent risks of practicing.

INTRODUÇÃO

Quando criança passava longos períodos com muita liberdade às margens da nascente do rio Tietê, entre caminhadas pela floresta, banhos de cachoeira, escaladas de rochas, acampamentos e balanços em cipós. Essas experiências são o que guardo de mais rico da minha infância. Esse tempo de vida, descompromissado de horários, de afazeres rígidos, com independência sobre mim mesmo e autonomia nas decisões me trouxeram aprendizado e prazer. Para Marinho (2003: 25), isso ocorre porque “a vida cotidiana não deve ser entendida simplesmente como palco de práticas mecanizadas e rígidas, pois ela permite uma multiplicidade de potencialidades”.

Paralelamente, minha formação educacional escolarizada baseava-se numa concepção de mundo tradicional. Nesta, a ordem se estabelece através de leis universais e o julgamento depende de regras lógicas estabelecidas a priori pela sociedade.

Desde a escola básica até a Universidade, minha busca pelas aulas de Educação Física foram uma tentativa de me libertar dessas amarras do pensamento, através dos movimentos e dos jogos. Porém o estilo tradicional e mecânico das práticas esportivas de futebol, vôlei, basquete, handebol, atletismo, natação, entre outras, nem sempre permitiam reencontrar a liberdade que vivenciava na natureza.

Talvez a origem agonística que prevalece nessas práticas, desde a antiga Grécia, não tenha permitido que sejam encaradas como uma possibilidade de ligar o ser humano ao ambiente em que vive. Ou talvez, os encaminhamentos da sociedade ocidental valorizando a vitória a qualquer custo tenham cerceado outras possibilidades de articular o movimento ao pensamento. Certo apenas tenho que a visão de mundo ao qual me inseria compreendia o conhecimento de forma fragmentada e compartimentada que pouco interligava o vivido e o conhecido.

Assim, eu estava circunscrito a um paradigma. Para Morin (2000a), um paradigma é capaz de instituir conceitos e lógicas que vão imperar nas nossas mentes, sendo o guia de nossas ações. E, dessa forma, iniciei minha carreira seguindo a estrutura de pensamento dominante na sociedade. Ministrava aulas em escolas, academias e clubes, e ao propor atividades que para mim não faziam sentido, sentia-me incomodado. Mas não sabia por quê. Apenas via pouco significado naquele ensinamento.

O final do século XX trouxe à tona algumas mudanças em curso no planeta. A globalização, o movimento ecológico e o avanço tecnológico aceleraram transformações importantes, como: a percepção de que as pessoas estão mais próximas mesmo vivendo em locais distantes umas das outras; que a natureza precisa ser preservada; e que o avanço da informática é uma realidade com a qual teremos de conviver. Essas mudanças ecoaram no crescimento de práticas de atividades de aventura na natureza, como: a canoagem, o mountain bike, o mergulho e a escalada.

Ressurgiu então em mim, um interesse pelo contato com a natureza através dessas atividades e passei a escalar quase todos os dias. Eu era um aprendiz curioso, crítico e interessado, mas era um aprendiz. Para Foucault (2008), era o instinto de resistência à disciplinarização do corpo que entrava em ação, provocando reações e interferências diretas na condução dos meus caminhos.

Em pouco tempo, eu não praticava apenas por lazer, mas já atuava com a escalada profissionalmente, ministrando cursos, organizando eventos e lecionando em escolas novos conhecimentos, como: confecção de nós, nutrição em acampamentos, ancoragens, técnicas de segurança, socorros de urgência, movimentação em ambiente vertical, ética no montanhismo, graduação de vias, aspectos meteorológicos, geomorfologia, entre outros. Percebi que minhas aulas fugiam do aspecto tradicional da Educação Física, mas não sabia por quê.

Reconheci, mais tarde, que meu conhecimento sobre a escalada não se encerrava na própria atividade, ia além das fronteiras dessa modalidade esportiva. Eu aprendia sobre a geografia das montanhas, a história dos feitos heróicos de alpinistas, a geologia das rochas, a fisiologia do corpo na altitude, a biologia dos seres que encontrava na natureza, a física das forças gravitacionais sobre o corpo, a tecnologia química dos equipamentos que suportavam toneladas e as intrincadas relações de confiança, respeito e responsabilidade com os outros praticantes.

Comecei a perceber através dessas aulas uma complexidade entre o esforço físico, as posições verticais, as adaptações morfológicas e os sentimentos ligados a cada nova ascensão que influenciavam minha percepção sobre a Educação Física, o mundo e a vida.

A leitura sobre o estudo das inteligências múltiplas na escalada, proposto por Souza (2001) e o encontro com o pensamento complexo de Edgar Morin reuniram os pontos de vista latentes que se formavam intuitivamente em minha vida, possibilitando uma abertura para compreender que a prática da escalada pode ser uma forma de viver que tece os conhecimentos. Isto explicaria porque a escalada pode ser uma alternativa para a Educação Física enfrentar os determinismos e simplificações que o paradigma cartesiano impõe:

[...] durante muito tempo a Educação Física aportou-se na concepção newtoniana-cartesiana de ensino, trabalhando com o adestramento físico, sendo os conteúdos de nossa área transmitidos de forma autoritária, técnica e mecanizada, intentando padronizar e disciplinar os hábitos, valores e comportamentos humanos para que a lógica capitalista continuasse a prevalecer e a formar cidadão submissos, mantenedores da ordem e, portanto, apoiando os poderes hegemônicos (CARBINATTO, 2006: 127).

A complexidade que fundamenta esse estudo, segundo Morin (1996) vem do latim *complexus* e significa o que está tecido junto, portanto religar o que foi separado é uma das premissas desse pensamento.

Para Morin (2000b), a grande questão é a necessidade de reformar os espíritos¹ de quem pensa. Ele acredita na necessidade de ligar o observador ao objeto observado, contrariando a lógica da neutralidade científica e isso implica em profundas alterações nos seres envolvidos. A partir desse modo de pensar é possível inferir que uma nova forma de ser professor de Educação Física deve compreender o ser em movimento em todas as suas dimensões da unidade e da multiplicidade, da singularidade e da diversidade, da razão e da emoção, do corpo e da mente e assim por diante, não valorizando mais uma do que a outra, ou melhor, ligando-as.

Foi essa religação do conhecimento através do corpo em movimento, que senti na prática da escalada e que me impulsionou a essa pesquisa. Descrevo, pois, uma das minhas aventuras na escalada, que me despertaram para esse tipo de aprendizado que a escalada proporciona.

Acordei numa manhã ensolarada nas Minas Gerais, apreensivo e excitado com a possibilidade de subir uma rocha com mais de 300 metros de altura. Sentia uma pressão interna para provar meu desempenho e avistava um desafio desproporcional ao meu tamanho, quando olhava aquele gigante à minha frente.

Forças de fora e de dentro aumentavam a temperatura do meu corpo, enquanto caminhava rumo à rocha negra que crescia verticalmente acima da minha cabeça. Percebia que estava num momento de ruptura entre antigas concepções e novas realidades. Estava próximo a uma catástrofe capaz de mudar minhas estruturas e me levar à nova organização interior, mas só descobriria isso depois de viver aquelas emoções.

¹ Para Morin (2000b) a palavra espírito em grego, *nous*, tem dois sentidos, tanto pode significar mente, idéia, aquilo que se pensa; quanto espiritual, as coisas da alma, os fantasmas, os demônios, isto é, as coisas da religiosidade. Nas línguas latinas como o francês e português, por exemplo, esse significado amplo é reduzido apenas à religião.

Havia estudado o croqui da via Evolução², para avaliar minhas chances de chegar ao topo, tinha observado a previsão do tempo que prometia calor e nenhuma nuvem, bom sinal para quem pretende permanecer por horas pendurado em uma rocha. O Pedrão como é conhecida a montanha, também tem acesso por uma estrada ao cume, mas pelo lado oposto ao que estava.

Escaladores preferem subir pelo lado mais difícil, íngreme e perigoso, que no caso é a face norte, que tem grampos de proteção fixos a rocha para diminuir a aflição e aumentar a segurança de quem a desafia.

Não estava só, comigo, três amigos seguiam, cada um com suas angústias e sonhos. Na escalada é possível escalar sozinho, ou solo, mas em grupo pode-se prover mais segurança, pois um escalador segura a corda para ao outro subir e assim as inseguranças são divididas.

Na decisão da formação das duplas sorteamos no jogo de palitos. A sorte deve ser companheira e devo acreditar nela ao meu favor, independente de quem seja meu parceiro de corda.

Estou na base. No momento de escolher quem seguirá primeiro, percebo o receio dos demais e assumo a responsabilidade. Estou ansioso e quero começar. Meu instinto me manda começar logo, talvez para acalmar meu próprio medo, eu prefira estar em movimento. Gosto de sentir a adrenalina elevada ao subir uma via nova e a melhor forma de fazer isso é descobrir, explorar e avançar rumo ao topo sem hesitação.

Logo estou preparado, cadeirinha, mosquetões, freio, sapatilha, corda presa à cintura, cada material é ajustado cuidadosamente, pois sei que podem salvar minha vida. Meu parceiro está garantindo minha segurança e começo a subir. Cada movimento é lento. Tenho experiência e confio em minha capacidade de escolher corretamente cada posição do corpo para locomover-

² Um croqui é o desenho de um caminho, ou via, com indicações de como subir com segurança. Ele mostra os locais de proteção, o comprimento, a dificuldade entre outras informações importantes para o escalador. O nome Evolução é escolhido pelos conquistadores, isto é, aqueles que subiram primeiro essa via.

me com precisão, vou passando a corda nas proteções da rocha com agilidade e precisão.

A rocha é abrasiva, vou sentindo a pele dos dedos se amoldando as saliências e fundindo-se aos cristais de granito. Dor e prazer. Sinto a pedra ficando em meus dedos removendo minhas digitais, mas ao mesmo tempo, sei que esse é o sinal de que meu corpo está se adaptando a necessidade de dureza, aspereza e secura desse ambiente.

Coloco o carbonato de magnésio na mão, um tipo de talco para mantê-la seca, pois estou a vinte metros de altura. Abaixo a corda está presa em um ponto de proteção, dez metros abaixo de meus pés, e o nervosismo aumenta a transpiração. Ninguém quer cair mais de dez metros de altura num lugar como esse.

Chego à parada³ e agora é a vez de meu parceiro subir. Coloco os mosquetões no olhal da proteção que está fixado à pedra, e passando a corda por eles chamo-o, pois pode seguir com minha segurança pronta para auxiliá-lo em caso de queda. Ele escala com destreza e logo me alcança, agora é sua vez de liderar. Começa a guiar à próxima parada. Estou atento, corda presa ao freio de segurança, observo seus movimentos e sei que sua vida está em minhas mãos. Caso caia, depende de mim para segurá-lo. Minha responsabilidade é grande, e apesar de conhecê-lo há pouco tempo, coloco sua vida como a mais importante naquele momento, afinal ele deverá fazer o mesmo por mim. Cumplicidade e responsabilidade são quesitos que unem escaladores nas montanhas e são vitais para trazê-los de volta em segurança.

Assim prosseguimos. Os outros escaladores estão subindo depois de nós, em outra cordada, isto é, a ligação entre dois escaladores por uma corda. Estamos separados, mas estamos juntos. Somos amigos, viemos juntos, cada um tem seus objetivos, mas queremos nos encontrar no topo e comemorar essa expedição juntos.

³ Parada é um lugar com proteções, para que os escaladores revezem a liderança da subida. Elas distam aproximadamente 30 metros uma da outra. Nela o líder pára e dá segurança para o segundo, que chegando à parada começará a liderar, até que cheguem ao final da via.

O sol forte judia do organismo, vou desidratando aos poucos, reponho a água, mas sei que perco mais líquido do que consumo. O exercício de escalar é extenuante, todo corpo trabalha, todos os músculos se movimentam. Estou guiando, isto é liderando a cordada ao topo.

Olho para baixo encontro uma minúscula agarra, isto é, um lugar para me apoiar. Coloco a ponta de meu sapato, procuro uma agarra para minha mão, firmo a ponta da falange distal do anular e médio, apenas dois dedos. A outra mão tateia uma agarra ainda mais alta, não encontro nada que me dê segurança. Decido colocar a mão espalmada na rocha. Agora pressiono a mão para baixo, pois não estou com os dedos flexionados. Acredito nessa posição e desloco meu peso para o pé apoiado, Sinto meu joelho flexionar-se bastante, estou sobre um único pé. Equilibro-me nele e estendo a perna ao máximo. Minhas mãos vão puxando o tronco para cima. Cada elevação do corpo significa uma força diferente dos músculos dos membros superiores. O tronco e as costas sustentam a postura rígida e equilibrada naquele momento. Nesse ponto a mão espalmada não apóia mais, pois está abaixo da altura do meu ombro e percebo que ela não me ajuda. Agora é a vez de arriscar. Lanço esse braço ao alto, numa fenda minúscula, na qual devo introduzir os dedos e entalá-los. A precisão deve ser total, pois se errar me desequilibro. Sigo a estratégia traçada e acerto. Meus dedos estão esmagados na fenda e quanto mais meu peso é depositado neles, mais seguro me sinto, agora posso subir o outro pé e retirar a mão entalada. Sucesso! Chego à outra parada. Respiro fundo. Prendo meu mosquetão, bebo um gole d'água e grito. Pode subir! É cedo para comemorar, tenho muito a prosseguir.

Sinto que estou a mais de uma hora subindo. Meu companheiro vai liderar. Ele está a dois metros acima de mim. A confiança da dupla é grande nesse ponto da via. Minha alegria agora supera a apreensão do início. Cada metro vencido é um metro a menos rumo ao destino. Enquanto minha cabeça viaja em pensamentos, uma minúscula pedra em que ele estava apoiado se quebra. É um instante mínimo no qual percebo seu corpo caindo em minha direção. Não há pensamento agora, apenas o movimento rápido de minhas mãos segurando firme e bloqueando o deslize da corda. Ele impacta seu corpo

na rocha ao meu lado. Coração disparado, pergunto se está bem, ele responde que sim. Na minha cabeça apenas a lembrança dos dias de treinamento de segurança, que proporcionaram um programa motor suficientemente adequado a esse tipo de situação inesperada.

Passado o susto prosseguimos. Já estou terminando mais um trecho. Olho para baixo e gravo a paisagem na memória. Mesmo uma foto não poderá captar a sutileza do meu olhar. A 150 metros de altura as grandes árvores estão minúsculas. Consigo ver montanhas muito distantes. Muito verde das matas e o azul do céu. Presto atenção no cacto ao meu lado. Como veio parar aqui? Como sobrevive em ambiente tão inóspito? Mas ele não é o único ser vivo nesse local. Há formigas, aranhas, marimbondos, calangos e outros seres. Mais bela ainda é uma bromélia que dá cor ao local. Única cor na rocha cinzenta. Percebo que os espinhos do cacto estão grudados na corda. Estamos impactando a natureza, alguma modificação sempre acontecem quando o homem chega. Mas acredito no menor impacto possível e na necessidade de levar essa idéia aos que ainda não entenderam esse recado.

Agora estou no meio da parede. O “Forninho”, como é conhecido esse local, é um buraco na rocha, para descanso. Sua temperatura, mesmo no outono dá a sensação do nome que tem. A nossa dupla de amigos está muito lenta abaixo. Um deles avisa que vão desistir antes que algo pior aconteça, pois o outro não passa bem. Decisão dura mais acertada. Esse tipo de escalada não permite erros, nem fraquezas. Grito que vamos continuar e que nos vemos mais tarde, boa sorte é tudo que ouço, antes de continuar.

O meio da parede é também o crux, isto é, o lance mais difícil da subida. É minha vez de guiar e sei o que isso significa. Vou arriscar-me na parte mais perigosa. Talvez tenha sido por isso que estudei tanto o croqui. Queria saber que tipo de dificuldade teria nesse lance crucial, e agora estava diante dele com a possibilidade de ultrapassá-lo.

Tenho um teto de pedra sobre minha cabeça e vejo uma proteção dois metros acima. Seguro uma boa agarra, puxo meu corpo pelos braços,

balanço o pé, estou pendurado apenas pelas mãos no vazio, lá em baixo, o nada. Consigo apoiar o pé direito numa fresta, prendo um mosquetão, passando a corda por ele e elevo o corpo. Agora posso ver acima do teto e encontro outras agarras para as mãos. Suspendo-me rapidamente e para meu alívio, tenho como ficar sobre meus dois pés. Tempo para pensar. Seria melhor não ter feito isso.

Passo a corda por outra proteção e começo a escolher qual o próximo movimento. Indecisão. Olho para a esquerda, onde deveria ter uma proteção a uns quatro metros de distância e não a encontro. Olho para cima e nada vejo. Por onde seguir? Pelo que me lembro é pela esquerda. Não há nada na esquerda, então deve ser para cima. Recomeço a subida verticalmente. Um, dois, três, quatro metros, olho freneticamente procurando uma proteção. Descubro meu erro. Na minha esquerda reluz ao sol uma proteção novinha. Estou longe dela e as agarras são minúsculas. Olho para o alto e vejo a proteção seguinte. Está também a quatro metros de distância, aproximadamente. O que fazer?

Entendo porque é considerado o crux da via. Aqui tomar a decisão correta é quase escolher pela vida ou renunciar a ela. Instantes difíceis. Mas instantes. Não posso ficar muito tempo parado no lugar. Se me cansar e soltar do lugar em que me agarro agora será um queda de pelo menos oito metros.

A razão diria para ser minucioso nos movimentos; a sensação que devo perceber mais meu corpo como parte da rocha, fundindo-me a ela; a intuição para ver meu ser no topo da montanha; e a emoção para deixar fluir o sangue nas veias.

Todas juntas elas me enviaram para a proteção acima. Não poderia cair, pois bateria no platô abaixo e isso não seria nada bom. Confiança era isso que precisava e foi o que me levou agarra por agarra. O filme desse momento passa ainda na minha mente. Vejo-me subindo, corpo colado à parede, percebendo cada reentrância, a respiração é lenta para não afastar meu centro de gravidade da rocha, fazendo parte daquele universo denso dos minerais. O

cálcio dos meus ossos e articulações seguindo como soldados para a ponta dos meus dedos, o ferro do meu sangue fervendo em meu corpo, o sódio e potássio dos neurônios eletrificando meu ser. Minha atenção é tal que posso ouvir o magma do centro da Terra, que formou essa montanha há milênios sussurrando em meu ouvido: É por aqui! Somos um só: eu, a natureza, a corda que me une a meu companheiro. Tudo conspira a meu favor. O terreno e o divinal se unem numa relação de comunhão.

Todos os dias que treinei duro até aquele momento. Todos os livros e manuais que li sobre técnicas de escalada. Todas as conversas e cursos com outros escaladores que tive o prazer de ter vivido. Todas as histórias heróicas de montanhistas que escutei. Todas as aulas de escalada que dei para difundir meu conhecimento. Todas as brincadeiras no sítio do meu avô entre rochas, rios e matos que tinha experimentado na infância. Todas as aulas de fisiologia, biomecânica e sociologia da faculdade. Todos os amores e temores de uma vida estavam comigo naquele lance da via e foram fundamentais para que hoje possa contar essa história.

Dali em diante houve um longo caminho, mais nada me afligia, pois sentia que não seria detido no meu objetivo. Acreditava que meu destino era chegar ao topo e isso se cumpriria.

Foram seis horas de escalada. Ao final, retirei a sapatilha apertada, dividi o último lanche e me preparei para a longa caminhada de volta. Era o que restava para o corpo cansado e satisfeito. Não havia mais nada, apenas o doce prazer de descobrir que o risco da subida valia a pena, para sentir o doce sabor da chegada ao topo.

Explorar a montanha foi encontrar a mim mesmo e perceber que algo havia mudado. Eu agora podia juntar as peças do quebra cabeça. O corpo que explorou a rocha e conheceu seus segredos milenares, foi redescoberto por ela em cada troca de energia durante a subida. O corpo que subiu não estava só, dependeu de outro corpo para saber quem era e reconheceu no outro o igual a si, dentro das diferenças entre eles. Essa junção proporcionou

um conhecimento que se acredita possa ser mais explorado pela Educação Física pelo seu potencial de reorganização dos seres humanos.

Isso é viver! Para mim as pessoas deveriam experimentar pelo menos uma vez na vida encontrar-se consigo mesmas, com os outros e com o planeta, tal qual eu havia feito naquele dia.

Naquele momento, percebi que deveria procurar algo além do paradigma a que estou confinado. A visão holística da experiência vivida, não permitia fragmentar e compartimentar o conhecimento. Tudo está interligado e articulado. Foi isso que descobri naquela escalada.

Minhas reflexões me fazem acreditar que a Educação Física tem na escalada um conteúdo complexo a ser explorado. A partir da minha própria trajetória percebi que minha forma de lidar com a aprendizagem da escalada na escola é complexa. Portanto, numa visão auto organizadora, as contradições entre a prática de escalar e as teorias da Educação Física geraram interações entre si nas minhas aulas, que retroagiram sobre meu pensamento sobre a escalada, a Educação Física e a minha própria vida. Como afirma Morin (2005a), um elemento gera a si mesmo e gera o sistema que gera o próprio elemento novamente, renovando-o.

Assim, este trabalho pretende mostrar as complexas relações que ocorrem na escalada e verificar como essas relações se dão na prática da escalada escolar, local onde desenvolvi minha experiência profissional mais significativa e do qual tirei as lições mais interessantes para meu crescimento pessoal.

O objetivo geral desta pesquisa é, portanto, compreender a complexidade da escalada numa perspectiva do pensamento de Edgar Morin.

Para alcançar esse objetivo final a pesquisa está organizada em dois aspectos de investigação:

O primeiro é conhecer as características da escalada em sua complexidade, buscando revelar a auto organização que se processa nessa prática esportiva. Apresentaremos no Capítulo I essa abordagem a partir da revisão de literatura.

O segundo é esclarecer se essa complexidade se expressa também para um grupo de alunos do ensino fundamental II, de uma escola de ensino privado de São Paulo, que participam de uma intervenção pedagógica dessa modalidade. Acredita-se que esses indivíduos podem acrescentar, ao primeiro aspecto da investigação, novas perspectivas, confirmando ou não algumas ideias acerca da complexidade da escalada. O Capítulo II compreende uma pesquisa de campo baseada na Epistemologia Qualitativa de Gonzalez Rey (GONZALEZ REY, 2005).

As considerações finais proporcionam reflexões por meio da construção de uma síntese teórica, capaz de compreender o significado da escalada para o grupo que participou do momento empírico, associada ao pensamento do pesquisador sobre a complexidade da escalada.

CAPÍTULO I - ESCALADA

O ato de escalar é uma habilidade tão antiga quanto o próprio ser humano, pois faz parte de suas ações desde que vivia em árvores e cavernas, como forma de sobrevivência e proteção. A sistematização da escalada como esporte, por sua vez, ocorreu na contemporaneidade, como outras as atividades humanas relacionadas ao movimento.

Nas três últimas décadas essa prática se expandiu e se difundiu, inclusive em locais onde não há grandes elevações geográficas. A tecnologia foi uma das responsáveis por esse avanço, pois permitiu a criação de equipamentos sofisticados e de muros artificiais construídos em diversos locais, imitando a natureza.

Para iniciar esta discussão, cabe colocar uma distinção entre os significados das palavras, que serão usadas no texto e que geralmente causam confusão.

A escalada tem seu marco inicial nas montanhas da Europa, especificamente em 1786, com a conquista do *Mont Blanc*, nos Alpes, com seus 4800 metros de altitude (PEREIRA, 2007). A ascensão das montanhas indicava um impulso dominador europeu sobre os outros povos no mundo moderno. A escalada, como outras práticas esportivas, fez parte desse processo, que trouxe consigo as crenças e paradigmas daqueles tempos. Assim, o termo Alpinismo é explicado para designar as atividades esportivas realizadas em montanhas.

Compreende-se de onde surgiu essa expressão, mas deve-se perceber que ela vem impregnada pela forma de pensar da qual se originou. Pela visão científica tradicional, utiliza-se a lógica para designar os conceitos sobre o conhecimento e a cultura existente. Uma das formas de compreendermos a lógica foi apresentada por Aristóteles e pode ser representada pelo axioma identitário (MARCONDES, 2007), isto é, A, não A e

Terceiro Excluído. Raciocinando sobre o termo Alpinismo, dessa forma, perceberemos que:

A identidade que se deu à prática de atividades de montanha é o Alpinismo, ou A. Isto porque, seu surgimento ocorre dentro dos valores e do lugar (os Alpes) que recebe esse nome.

A não contradição do axioma é considerar a palavra Montanhismo como sinônimo de Alpinismo, portanto não A. Isso decorre de que, de outra forma, teríamos que adotar as palavras Andinismo, Himalaísmo, ou outras que descrevessem a prática de atividades de montanha em locais diferentes. Assim Montanhismo é uma não contradição para o Alpinismo, e pode ser adotado como designação.

Escalada, nesse pensamento, é o Terceiro Excluído. Ela não representa todas as atividades de montanha, afinal, pode-se optar por caminhar nas montanhas e isso não é considerado escalar. Como Terceiro Excluído, não cabe usar a palavra escalada como sinônimo de Alpinismo e Montanhismo.

A lógica linear, proposta acima, pode ser revista a partir de outra visão científica. Desde que estudos da termodinâmica, no final do século XIX e início do XX, sacudiram os mecanismos simplificadores do paradigma Newtoniano-Cartesiano, eles possibilitaram refutar a noção de separabilidade das coisas (MORIN, 2005b) abrindo a possibilidade de novos pensamentos sobre a lógica. Morin descreve que a lógica Aristotélica corresponde a um sistema simbólico de regras de cálculo binário que não podem ser transgredidos e que, portanto absolutizam a visão de mundo. Mas esse paradigma não explica a invenção e a criação, “o ato pelo qual uma teoria é concebida ou inventada não requer análise lógica” (POPPER, 1959: 31 *apud* MORIN, 2005b: 216).

Isso nos leva a pensar numa outra noção de realidade, pautada na causalidade global e não linear, que permite entender que, ora um objeto pode se apresentar com uma forma, ora com outra. Isso só é possível se pudermos

conceber níveis de realidade como ficou exposto por Bell (*apud* NICOLESCU, 1999) a respeito de partículas subatômicas, que se comportavam como onda ou como partícula, dependendo do momento em que eram encontradas. Esse tipo de pensamento proporciona a noção de que o sujeito observador deve ser incluído no objeto observado.

Assim sendo, passamos a uma proposta de ressignificação dos termos Alpinismo, Montanhismo e Escalada:

Alpinismo continua sendo a identidade das práticas esportivas na montanha, isto é, A. O termo pode ser aceito pela própria história do esporte.

Montanhismo é não A, isto é, a não contradição. Mas A não pode ser não A, porque nem toda atividade de montanhismo é feita nos Alpes. Portanto há uma tensão entre os termos contraditórios, que só é resolvida pelo fato de assumir a existência de montanhas fora dos Alpes, que deveriam ser conquistadas pelos europeus. Mas quando os conquistadores entram em contato com os povos de outras regiões, precisam distinguir as denominações. Optar por Montanhismo não diminui o sentido de Alpinismo e mantém a identidade do conquistador.

A questão que colocamos como proposta é o Terceiro Excluído, isto é, o praticante das atividades de montanha, passa a ser considerado em outro nível de realidade, como Terceiro Incluído, pois a atividade não se explica por si mesma, mas pelos que a praticam, afinal a ação de escalar é cultural e biológica, portanto subjetiva.

O Terceiro Incluído foi primeiramente apontado por Lupasco (*apud* NICOLESCU, 1999) no axioma. Em outro nível de realidade, isto é, uma realidade complexa, o Terceiro Incluído gera uma relação de causalidade global e não linear.

Assim, o escalador entra na relação com a prática do Alpinismo ou Montanhismo, pois é ele quem realiza a atividade. Ele define o termo a ser usado como identidade da prática, a partir de sua experiência com ela (ou seja,

da ação propriamente dita). O termo não é definido *a priori*, de forma determinista, mas a partir da inclusão do agente nessa atividade, como sujeito da ação.

O escalador projetado para dentro da contradição A e não A, ou Alpinismo e Montanhismo, como Terceiro Incluído, é agente transformador da própria prática, pois interage com ela. Ele não precisa dissociar os termos, apenas perceber suas distinções, percebendo-se sujeito ativo da ação de escalar. Ele cria, inventa, ou recria sua identidade a partir dos locais em que pratica, de como pratica e da sua intencionalidade na prática.

Nessa relação não há necessidade de excluir nenhum significado, pois são os próprios escaladores que definem o significado a partir de suas experiências, que podem ser coletivas ou individuais, isto é, os escaladores podem atribuir denominações diferentes para a mesma prática, mantendo as contradições inerentes à sua realidade complexa. Atentemo-nos, porém, que essa relação não é apenas individual ou coletiva, é individual e coletiva.

Dessa forma, a escalada é toda atividade de subir ou trepar e quando praticada em montanhas podemos denominá-la Montanhismo ou Alpinismo. Nessa definição, o Terceiro Incluído pode praticar a atividade fora das montanhas, como ocorreu a partir da criação dos ambientes artificiais de escalada, sem perder sua identidade, afinal como propôs Pascal (*apud* MORIN, 2005b), é possível conceber o acordo entre duas verdades opostas.

O escalador pode se perceber como agente da história do montanhismo, independente da época em que começou a escalar. Não está mais preso à história, ao contrário, cria a história da modalidade a partir de suas experiências com ela. Ele é definidor de suas ações, pois “o que se define não pode ser definido por si mesmo” (MORIN, 2005b: 229), isto é, a modalidade não pode ser definida por si, mas apenas por aqueles que a praticam. Entende-se que a limitação da definição existente no princípio foi responsável por abrir a porta para uma nova via do conhecimento.

Morin (2005b) completa reafirmando que é a através da imaginação, criação, invenção e transgressão que o sujeito reaparece. Para ele foi a própria lógica aristotélica que permitiu a volta do sujeito teórico, individual, social, cultural e histórico:

Vemos reaparecer, com o sujeito, o problema das condições de produção e de organização da teoria e da lógica. [...] Assim, a racionalidade complexa comporta a análise de suas próprias condições de emergência e de exercício, inclusive lógicas, isto é, comporta necessariamente um meta ponto de vista sobre si (MORIN, 2005b: 250).

Partindo dessa colocação inicial, seguimos para alguns aspectos da escalada, sempre a partir de suas teses constituídas, procurando suas contradições e, com a tensão criada com as antíteses visamos encontrar a auto organização que a escalada proporciona àqueles que a praticam, como forma de compreender os motivos que os levam à realização dessa prática esportiva.

1.1 ESCALAR PARA CONHECER O MUNDO E A SI MESMO

Os pioneiros dessa modalidade esportiva foram homens imbuídos do desejo de conhecer e descobrir o que havia no topo das mais elevadas montanhas do planeta. Isso ocorreu desde o século XV, na Europa, com ascensões de montanhas recobertas de neve e gelo, principalmente na região de Chamonix (COSTA, 2004).

Revelar os mistérios dessas montanhas, verdadeiros gigantes adormecidos, era uma obsessão. Não é por acaso, que o início da escalada foi estimulado pelo interesse científico do naturalista suíço, Horace Bènèdict Saussure. Ele incentivou Jean Michel Paccard e Jacques Balmat, a descobrir o que havia nas alturas, por acreditar nos benefícios dessa escalada para a humanidade (PEREIRA, 2007). Na realidade, o que se esperava em relação ao ganho de conhecimento do mundo natural ocorreu; porém, mais significativo foi o poder de se olhar o mundo de cima. Isso gerou um movimento do ser

humano ao topo (DAFLON e DAFLON, 2007), pois a ascensão possibilitou uma visão de superioridade sobre o mundo e as pessoas.

Isso nos remete ao por que uma pessoa decide arriscar a vida nas escaladas. Talvez essa seja a pergunta mais difícil, afinal, são tantas subjetividades envolvidas, que a resposta pode surgir de uma multiplicidade disforme de sentidos e significados que cada um encontra nessa prática.

Em 1924, nas encostas da maior montanha do mundo, desapareceu o inglês George Mallory. Seria o primeiro homem no topo do Everest e lá deixou sua vida e um legado, pois quando perguntado do por que escalar uma montanha? Respondeu: “Por que ela está lá!” (HEMMLEB *et al*, 2008).

Para a maioria das pessoas, arriscar a vida em penhascos pendurado em cordas, ou enfrentar avalanches não faz sentido. Para alguns escaladores, é um dos motivos de viver. Saber os motivos que levam as pessoas a realizarem ações é uma das formas de compreender o significado que dão a elas.

O surgimento da escalada como prática esportiva nos remete ao domínio do ser humano sobre a natureza selvagem. A afirmação de Mallory faz emergir em a figura de uma montanha a espera de ser dominada. A história da escalada reflete exatamente a necessidade de conhecer o mundo físico, explicá-lo e conquistá-lo.

Notadamente, esse foi um ponto de partida para muitas conquistas posteriores pelos europeus, em outros países aos quais queriam estender seus domínios. Essas se tornaram cada vez mais desafiadoras, como a chegada ao topo do Annapurna, em 1950 (HERZOG, 2001), e as conquistas do Everest, em 1953, e do K2, em 1954. Todas eram montanhas com mais de 8000 metros de altitude, os tetos do planeta (NICLEVICS, 2007). Chegar ao topo representava atingir locais nunca antes tocados pelo ser humano e ver o mundo de cima. Revelar o mundo físico, geográfico e geológico era o motor da ciência.

A compreensão dessas ascensões humanas como revelações do então desconhecido planeta Terra, nos levam a uma reflexão das contradições integradas a essas escaladas. As motivações políticas, científicas e militares rumo às montanhas, não podiam prever, que quanto mais se conhecia o planeta mais próximo o ser humano estava de si mesmo, principalmente sobre suas fraquezas orgânicas e psíquicas. O que não se percebia, naquele momento, era que quanto mais se explorava a grandeza e vastidão das montanhas, mais era necessário conhecer o organismo humano e como este reagia em condições de baixa temperatura, pressão e isolamento. Para Melo (2006) a busca por escalar montanhas é na verdade uma tentativa de entrar em contato com seu interior.

Quando escalavam no ar rarefeito das montanhas geladas, os desbravadores sentiam-se sós. Eles aprendiam a sobreviver sozinhos em condições adversas. Nessas condições descobriam que o ser humano está intimamente ligado ao planeta, pois seus corpos precisavam gastar energia para sobreviver e ao mesmo tempo precisavam economizar essa energia. Esses escaladores tinham que conservar calor, trocando calor e produzindo calor. Tal qual o planeta que, quando recebe energia do Sol, troca calor com todo o ambiente terrestre e produz calor para manter o planeta com vida. Para Morin (2003: 50) isso significa que somos seres auto – eco – produtores da Terra, “seres cósmicos e terrestres”.

Escalar uma grande montanha faz o ser humano se sentir pequeno, insignificante no Universo. Uma avalanche, uma tempestade de neve, uma fenda aberta pelo degelo, ou a simples falta de oxigênio necessitam de uma reorganização interna do indivíduo para lidar com a situação. O ser humano articula suas células na captação e utilização ótima do ar respirado para produzir energia: ao mesmo tempo, mantém o foco psicológico na atenção e vontade de continuar vivo, que são constantes desse processo simbiótico.

Cada célula do organismo representa a vida, mas nossas intenções e desejos podem nos levar à morte, se permanecermos por muito tempo na chamada “Zona da Morte”, que é a região acima dos 7000 metros de altitude

(NICLEVICS, 2007). Somos seres biofísicos, mas estamos alicerçados em nossa condição social e cultural, talvez esse seja um motivo pelo qual nenhum outro ser vivo chegue ao topo dessas montanhas.

O Homem é o único ser vivo nativo das regiões ao nível do mar que se expõe, propositadamente e por outras razões que não as de sobrevivência, aos rigores e à adversidade dos ambientes hipóxicos característicos das regiões montanhosas de elevada altitude (MAGALHÃES *et al*, 2002:82).

Dependemos das nossas interações físicas com o meio, mas só reagimos rumo à conquista do topo, pela condição humana que nos impulsiona para além dos limites racionais e fisiológicos. Um exemplo disso é a descrição feita por um escalador, sobre uma noite passada na chamada Montanha da Morte, o K2:

Por fim, eu estava mergulhado na mais profunda solidão, na mais profunda escuridão. Meu mundo se resumia aquele buraco no gelo, onde eu estava entalado até a cintura, e ao K2. Nenhuma luz! Ninguém! Absolutamente ninguém para ouvir meus gritos desesperados de socorro.

Eu sabia exatamente o que havia acontecido, sabia que estava no K2, que havia chegado ao cume e que eu precisava, de qualquer maneira, ficar acordado para permanecer vivo, para poder descer daquela montanha logo que amanhecesse. Se eu conseguisse suportar o frio, tudo daria certo. (NICLEVICS, 2007: 26-27).

Os seres humanos têm a capacidade de interagir com o meio, (produzindo a si mesmos) readaptando-se às condições desfavoráveis, porque seus desejos, suas motivações e sua máquina corporal, termo usado por Morin (2005e), são produtores e produzem o próprio ser. As forças que movem o ser ao topo são: a condição biofísica dessa potente máquina e a vontade da mente de prosseguir. Elas determinam o que fazer, se devem continuar ou desistir.

Moraes e Oliveira (2006) apresentam em seu estudo, um importante relato sobre a auto - descoberta na montanha, que só foi possível através de uma reflexão posterior do escalador que se viu abandonado pelo parceiro:

[...] um negócio assim, como se eu estivesse julgando mesmo a atitude dele. E depois eu mesmo vou mudando o depoimento, tomando consciência de que eu estava com raiva sem ter motivo, Me motivei e falei: O cara abdicou do sonho dele de chegar ao cume da montanha, abdicou abrindo mão agora, para que eu tente chegar por nós dois. Aí foi um momento de reflexão. Eu consegui muita força para poder continuar sozinho (Sujeito A1 *apud* MORAES e OLIVEIRA, 2006: 17-18).

A energia adquirida pelo escalador, não proveio de um fato considerado favorável, mas, pelo contrário, de uma necessidade do outro escalador de desistir, pois estava entrando em congelamento. O sentimento de raiva inicial é compreensível por nós leitores, mas numa situação como a encontrada por ele, as emoções não permitem reflexões profundas. Nossas reações emocionais costumam ser mais velozes e intensas do que nossa capacidade de refletir sobre os fatos.

Quando o escalador se viu só e precisando tomar decisões sobre seus rumos, percebeu que foi melhor estar sozinho e com boas condições, do que desistir mais à frente, para resgatar um companheiro que não teria mais condições de permanecer no local. Descobriu, na atitude do outro, que pode ser considerada egoísta a princípio, uma fonte de poder para alcançar seu objetivo.

Quando se trata de auto produção, ela não se resume apenas às formas orgânicas citadas inicialmente, mas a sistemas complexos nos quais as transformações no organismo dependem também das reações internas ou psíquicas e externas ou do ambiente.

Quando Morin (2000b) fala sobre a ilusão do conhecimento, nos permite entender a situação colocada. Ele diz que nosso pensamento pode nos enganar através de três princípios: Os erros cerebrais, isto é, o conhecimento

não é reflexo do real, é tradução e construção. Os erros físicos, o conhecimento do fato depende da interpretação. Os erros epistemológicos, ou seja, há uma crise nos fundamentos da filosofia e das ciências naturais desde as descobertas e pensamentos de Bohr, Nietzsche, Popper, Wittgenstein entre outros.

A lógica racionalizadora está suscetível a esses erros. No caso citado, acredita-se que dois sujeitos têm mais chance de atingir o cume juntos, pois um pode auxiliar o outro em caso de acidente. Isto está correto e gerou a raiva do escalador que faz o relato. Porém, aceitar essa lógica como única e inviolável é não perceber que uma lógica deve permitir contradições, isto é, seus contrários devem estar presentes tornando-a aberta a possibilidades imprevisíveis, como a que ocorreu. Aceitando a contra lógica de escalar sozinho, e tendo como parâmetro o fato da desistência do amigo, como uma oportunidade para si, aliviou-se de emoções negativas e seguiu rumo ao topo, agora pensando em como deveria reagir a cada dificuldade da trajetória, sem poder contar com nenhum auxílio.

Morin (2005a) ainda afirma que perceber o mundo como um sistema integrado entre as partes e o todo, cada qual interdependente do outro, é essencial para prosseguir uma jornada ao desconhecido, seja esse um conhecimento científico, ou as ações do cotidiano.

É possível perceber, pelo exposto, que, na escalada, o ser é auto-eco - produtor de si mesmo, como ocorre em qualquer sistema vivo ou não. Isto significa: Ser auto é fazer a partir de si mesmo. Eco é fazer as coisas sempre com relação a outros elementos. Ser produtor é nossa capacidade de nos recriarmos a cada instante, desde nosso próprio organismo até nossa relação com o mundo. Assim começamos a nos conhecer, conhecendo o mundo.

A partir de cada célula do organismo de um escalador, lhe é permitido fazer uma viagem que pode levá-lo a compreender o Universo. A partir da pressão que a dispersão cósmica que nos formou sofreu, podemos entender que a força que fazemos para nos agarrar na rocha também é uma

relação física em que os elementos constituintes sofrem transformações. Quando nos agarramos a uma pedra para segurar nosso corpo estamos produzindo mudanças nas nossas células adaptando-as. Este relacionamento do organismo com toda a estrutura da rocha permite sentir e conhecer a rocha, abrindo uma porta para o conhecimento da sua importância como estrutura do planeta. Por exemplo, segurando um arenito e sentindo ele se esfarelar nos dedos descobrimos que esse tipo de formação rochosa é mais suscetível às agressões do meio, como as intempéries. Sua composição é sedimentar, isto é, se formou pela deposição de materiais orgânicos e inorgânicos (SUGUIO, 2003). Estes sofrem a ação da chuva, vento, calor e de componentes químicos de toda espécie, alterando e criando novas formas rochosas como o arenito que pela menor solidez de sua constituição pode se dissolver pela ação do escalador.

Partindo das células da epiderme, que tocam as rochas durante nossa escalada, descobrimos mais do que um simples esforço físico. Esse toque exige a energia do indivíduo, necessária para manter o atrito que permite sustentar o corpo ou permanecer com as mãos segurando-o, em qualquer posição que pretendamos ficar.

A quantidade de energia gasta é variável e subjetiva a cada situação e a cada corpo que é suspenso. As posições possíveis, durante a escalada, são extremamente variáveis: um apoio, dois apoios, três apoios, quatro apoios, isso se reflete para os membros superiores e inferiores. Além disso, outros apoios inusitados, como das costas, das pernas, da cabeça, enfim, de uma enormidade de posições, podem ocorrer.

Quanto mais tempo o escalador permanecer em posições de apoio, mais essa epiderme é exigida e começa a se adaptar, tornando-se mais espessa e resistente ao atrito, pois a fricção com as superfícies apoiadas gera adaptações fisiológicas para suprir as necessidades futuras de agarre.

Essas células não agem sozinhas, relacionam-se com o sangue e os músculos que trazem a energia para as contrações musculares e as ações

mecânicas dos tendões, polias, articulações e ossos. Principalmente nos membros superiores, essas contínuas ações que se repetem em intervalos regulares ou não, começam a gerar adaptações morfológicas (SCHOFFL *et al*, 2004; QUAINÉ e VIGOROUX, 2004). É comum observarmos as mãos dos escaladores experientes e percebermos a dureza de sua pele e a espessura de seus dedos, indicando que utilizam mais esses segmentos como sustentação do corpo, do que outras pessoas.

Tanta energia direcionada para apoios e suspensões do corpo, principalmente pelos membros superiores, diferenciam os corpos dessas pessoas das demais. Os pés, também são responsáveis por apoios precisos e intensos, nos quais os escaladores depositam todo seu peso sobre minúsculas agarras ou saliências. Muitas vezes, a pressão do pé é exercida em superfícies lisas e escorregadias. Essas posições na ponta dos pés são facilitadas pelo uso de sapatilhas, as quais, com seus solados rígidos de borracha, auxiliam na aderência. Novamente a exposição continuada proverá alterações, lesões e deformações, pois, para melhor desempenho, as sapatilhas são apertadas (Van Der PUTTEN e SNIDJERS, 2001).

Mãos e pés em apoios simultâneos ou não, possibilitam o bailado vertical. Os movimentos fortes e precisos na escalada, mais se parecem com uma dança, ou então um jogo de xadrez corporal, com intencionalidades enérgicas e levezas em equilíbrio estático e dinâmico que se intercalam e se sobrepõem em cada lance estrategicamente. Noé *et al* (2001) já mostrava que a utilização de força e manutenção de equilíbrio em situações de inclinação vertical exige controles motores diferenciados em cada posição. Esses controles finos e harmoniosos, porém vigorosos e intensos integram o conjunto ser humano - mundo vertical.

Percebemos, com isso, que o tempo de exposição ao estímulo, somado à quantidade de pressão nos segmentos que ocorrem de forma intencional pela motivação ou energia do escalador em subir, produzem o movimento necessário e suficiente para se alcançar o topo.

Mas não é apenas quando estamos pendurados pelas mãos e pés em rochas que nosso corpo se transforma. Outras células também se relacionam de forma parecida em escaladas nas montanhas com ar rarefeito. Nesses ambientes, a proporção de oxigênio diminui, chegando a 30% da existente ao nível do mar, quando se está no Everest, por exemplo, (FARIA, 2005). Essa condição de pressão diferenciada produz alterações fisiológicas no organismo como: elevação da pressão arterial, aumento da frequência cardíaca, espessamento do sangue (MAGALHÃES *et al*, 2002).

Essas alterações no nível celular são provocadas pela necessidade do organismo de reagir à baixa pressão do ar respirado. O aproveitamento de cada molécula de oxigênio presente no ar, pelas mitocôndrias é a única forma de sobreviver em ambientes de ar rarefeito. Novamente, com o aumento do tempo a esse estímulo, as células que captam oxigênio forçam outras estruturas a entrar em ação para suprir essa dificuldade do organismo. Em decorrência disso, ocorrem mudanças corporais como: o aumento da caixa torácica, o aumento da espessura dos capilares para melhorar o transporte do oxigênio pelo sangue e, até para indivíduos que nascem e descendem dessas regiões, a estatura é inferior, pois assim o oxigênio chegará mais facilmente a cada parte do corpo (ASHCROFT, 2001). Isso permite mais eficiência nos movimentos que se quer realizar, para se alcançar o topo.

Mesmo nascendo na altitude, e tendo seu corpo mais adaptado ao ambiente, algumas pessoas preferem não escalar. A vantagem orgânica que os povos da altitude têm, não é motivo suficiente para se arriscarem nas alturas, por esse motivo, nem todos moradores da altitude sobem as montanhas. Os seres humanos são antropossociais, eles dependem de outros motivos, principalmente os econômicos, no caso da escalada, como afirma Krakauer (1997), além dos biológicos, para se arriscarem em montanhas geladas. As alterações no sistema orgânico de cada pessoa dependem de fatores bio – psico – sociais para se manifestarem.

Partindo de qualquer célula do escalador, em qualquer dessas situações, veremos adaptações geradas pelo esforço. Se observarmos em

nível ainda mais microscópico, poderemos entender que cada átomo das células, bem como cada partícula, comporta-se dependendo das condições de pressão, tempo, movimento e energia, produzidas e produtoras. Essa é a tentativa de organização na desordem produzida pela intencionalidade e necessidade do local em que se está.

Os locais de escalada na natureza, como as montanhas, rochas, escarpas e blocos de pedra, numa visão complexa, fazem parte do sistema planetário e, portanto, são organizações complexas. Sendo assim, cada uma de suas partes constitutivas tem um papel no funcionamento do todo. Cada mineral que compõe uma rocha integra o sistema maior que é a própria rocha e essa recebe forças externas como: as ações do vento, as chuvas e outras intempéries que podem alterar sua estrutura. Isto é o que ocorre em rochas do tipo sedimentar. Alterações de calor e pressão mudam a composição química e reestruturando uma rocha ígnea ou metamórfica (FARIA, 2005). Como sistemas auto-organizados, as formações geológicas do planeta interagem com as energias e com os próprios elementos do sistema geológico para continuarem existindo, talvez com nova forma, tal qual o corpo humano.

Cada componente químico da rocha está interagindo com o meio, da mesma forma que cada componente celular interage em nosso organismo. Um exemplo dessa interação é a criação das cordilheiras. As placas tectônicas que sustentam os continentes e se movem horizontalmente. Com o passar do tempo, devido à pressão e ao calor do centro da Terra, a energia magnética move o magma nas regiões mais profundas que, por sua alta temperatura, exerce pressão e gera movimento e transformação das rochas que acabam se movendo, provocando mudanças na geografia do planeta, como a elevação dos relevos e das montanhas (SAADI, 1998).

O movimento e a energia que criam as cadeias montanhosas por pressão e calor, gerando mudanças na forma da crosta terrestre tem resultado similar ao movimento humano e a energia do indivíduo que gerando calor e pressão sobre os componentes químicos do corpo resultam na formação dos ossos, articulações, músculos e demais órgãos do corpo humano. O tipo de

rocha se altera como ocorre com as metamórficas e nos escaladores, o ato de se movimentar para o alto criará interações endógenas e exógenas com o ambiente, tal qual as que exercem forças sobre a geografia do planeta recriando as formas das paisagens naturais. A criação das cordilheiras como os Andes e o Himalaia é um acúmulo de substâncias que sofreram a ação da energia e do movimento da Terra (CELINO; LEITE, 2001), da mesma forma que os calos nas mãos e o espessamento das falanges dos escaladores é o acúmulo de substâncias que sofreram ação da energia e do movimento de ascensão humana rumo ao topo.

Tal qual o cálcio se deposita nos ossos, articulações, tendões e polias das mãos dos escaladores para que, aumentando sua resistência, possa facilitar a aplicação de força, quando há essa exigência, assim também as células do organismo, como as mitocôndrias, hemoglobinas e alvéolos se modificam para melhorar a captação de oxigênio, em condições de altitude elevada, possibilitando melhor captação, eficiência e sobrevivência no ar rarefeito.

As reações na cadeia geomorfológica do planeta são como as reações em cadeia no nosso corpo (MORIN, 2005e).

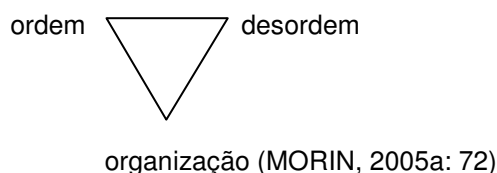
Do mesmo modo, as rochas também se decompõem e se transformam para sustentar a própria formação geológica do planeta, num ciclo constante e imprevisível, para manter a ordem, na desordem. Assim, surgem as elevações do relevo, que geram a fluidez das águas dos rios, vertentes, nascentes, aquíferos subterrâneos e oceanos, resfriando o planeta e adaptando-o para que as diversas espécies possam sobreviver. Essas águas, terras e altitudes variadas e singulares, em cada região, vão propiciar uma diversidade de formas de seres vivos. Esses ciclos são o que Morin, baseando-se nos estudos de René Thom, considera como catástrofes:

[...] mudança/ruptura de forma, em condições de singularidade irreduzível. [...] Ela traz em si a idéia de Acontecimento e de cascata de acontecimentos. Longe de excluir, ela inclui a idéia de desordem e

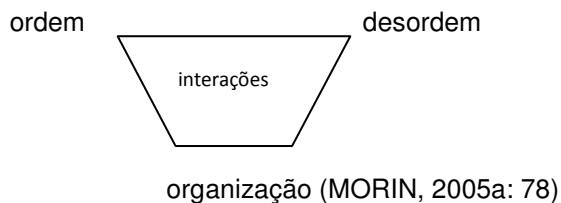
o faz de maneira genésica, já que a ruptura e a desintegração de uma forma antiga é o próprio processo constitutivo de uma nova. Ela contribui para fazer entender que a organização e a ordem do mundo se edificam em e por desequilíbrio e instabilidade (THOM, 1972 *apud* MORIN, 2005a: 64).

Compreender essa forma organizacional humano - natureza é partir dos princípios da termogênese, na qual o calor é a energia que exerce pressão e conseqüentemente movimento nos corpos humanos e não humanos que, através dos movimentos, geram calor que se dissipa ou se dispersa, tornando o sistema auto-produtor de si mesmo. Soma-se a esse fator a interação entre os corpos, também produzindo alterações nos ambientes, isto é, os corpos, ou elementos do sistema produzem interações gerando novas energias e mantendo a espiral circulante:

As determinações/imposições vão se precisar e se multiplicar com a materialização, onde se fixam as possibilidades de interação entre partículas, que vão formar a base dos processos físicos, entre eles os de organização. A partir daí, se estende, através de interações, o jogo



A completude desse jogo acontece pelas interações entre os elementos do sistema, ou seja, no nível da micro organização (átomos, partículas, organismos vivos, seres humanos, comunidades) ou no nível da macro organização (estados, empresas, geologia planetária, estrelas) (MORIN, 2005a). O ser humano, como composto e compositor desse sistema, tem, em sua interação com o mundo, a possibilidade de auto-organização, isto é, ele é determinado e determinante do circuito tetralógico. Esse é um princípio chamado por Morin (2005a) de circuito recursivo.



Enfim, esse princípio de auto organização dos sistemas pode ser encontrado na escalada, quando observamos atentamente as interações que ocorrem, da ordem à desordem, e da desordem à ordenação, desde os níveis celulares de adaptação dos seres vivos ao meio ambiente da escalada, da mesma forma que podemos encontrar essa auto organização no macro ambiente das transformações rochosas que formam as montanhas.

Escalador e Montanha, nesse nível de compreensão, são similares em existência. O escalador busca a altura, assim como a altura atrai o escalador para si.

1.2 ESCALAR PARA RESOLVER PROBLEMAS

Um dos problemas encontrados pelos escaladores em suas tentativas e que geram frustrações e decepções dizem respeito a encontrar um meio seguro de se chegar ao fim de uma empreitada sem cair. A queda é um sinal de perigo factual que pode gerar danos. Ela é evitada a todo custo pelo escalador, tanto pelo potencial de morte, quanto pelo sentimento de impotência.

Durante uma tentativa de chegar ao topo, um escalador cria um programa que pode ser um planejamento logístico para quando vai tentar escalar uma grande montanha como o Everest, ou mesmo uma estratégia de movimentação para escalar uma via em rocha com algumas dezenas de metros.

Em ambos os casos, a dificuldade em prever todas as possibilidades de eventos da escalada pretendida mantém um grau de incerteza quando se coloca o plano em prática. Alguns fatores que levam a isso são: previsão do tempo, instabilidade da rocha, organização dos materiais necessários para segurança, escolha dos parceiros, avaliação das capacidades dos praticantes, entre outros.

Soma-se a isso a efetividade de se colocar em prática as ações propostas como planejamento: sentir medo durante a subida, mudança brusca do clima, falha de equipamento por desgaste de uso, mau uso dos materiais de segurança por descuido, nível de treinamento do escalador, ou simplesmente uma dor em qualquer parte do corpo que traga certa indisposição ou mal estar.

Em 1996, a maior tragédia ocorrida no Everest pode ser considerada um bom exemplo desse tipo de situação. Duas empresas propuseram levar clientes ao topo da maior montanha do mundo. Ambas tinham grande experiência nesse tipo de expedição e foram responsáveis por um grande desastre, no qual morreram clientes e os próprios chefes das expedições. Rob Hall e Scott Fisher eram os líderes de cada grupo. Eles já haviam subido essa montanha e contavam com sua grande experiência em escalada para criar um planejamento perfeito (KRAKAUER, 1997). O que eles não puderam prever, é que uma série de fatos em cadeia reduzisse seu grupo a um amontoado de corpos semi vivos, no ponto mais alto do mundo. Nada pôde ser feito, a não ser contar com a sorte e a capacidade individual de descerem para salvar suas vidas. Chegar vivo só foi possível a uma parcela dessas pessoas.

Entre os diversos fatores que podem ser elencados como causas estão: Uma tempestade que se aproximou com velocidade, apesar da previsão anterior ser de tempo bom, alguns membros dos grupos não terem capacidade física, nem experiência suficiente para tal desafio; um guia ser de origem ucraniana, portanto tinha a dificuldade de comunicação com os americanos e acreditava que cada participante deveria subir por suas próprias forças; um dos clientes teve uma cegueira momentânea, devido à cirurgia ocular que realizou e que foi afetada pela baixa pressão do ar; um dos *sherpas*, guias nepaleses,

não cumpriu com sua obrigação de fixar cordas nos locais específicos, porque estava cuidando de uma cliente muito rica e importante para o líder da expedição. Os *sherpas* fazem essa atividade como uma profissão, a mais bem paga do seu país, e precisam ficar vivos, para sustentar suas famílias. Sendo assim, o desejo de chegar ao topo, e de levar os clientes até lá, fez os líderes fugirem do plano inicial, que previa descida obrigatória no máximo até as 14 horas. Além disso, um dos clientes estava na sua terceira tentativa e não quis desistir, mesmo com o risco iminente de não retornar vivo. E até mesmo para muitos escaladores nepaleses houve falta de respeito com *Sagarmata*, a Deusa Mãe do Mundo, nome do Everest em nepalês, levando a crer na sacralidade da montanha como permissão para se chegar ao topo, o que contradiz a possibilidade de mercantilização da mesma.

Esses fatos isolados, muitas vezes, podem ser corrigidos, mas quando se trata de lidar com todos ao mesmo tempo, nos dá a impossibilidade de prever o futuro, com certeza. Os fatos não são acontecimentos lineares regidos pelo princípio da causalidade (MORIN, 2000a). A incerteza presente na vida, quer seja pela crença na aleatoriedade, ou no acaso, isto é, a sorte e o azar podem iludir nosso pensamento. Na altitude, sob efeito da baixa pressão do ar, estamos ainda mais sujeitos ao erro na tomada de decisão e, portanto, não basta pensar em soluções para os problemas, é preciso integrar os problemas para solucioná-los de modo auto organizado.

Boukreev e De Walt (1998) mostraram que entre os diversos fatores que geraram essa tragédia, alguns podiam ser evitados por um escalador experiente. Mas em sistemas complexos não é suficiente apontar as contraposições é preciso descobrir soluções nas interações dos elementos do sistema. A maior lição desse fato, é que quando se pretende escalar uma montanha como essa, todos os elementos da equipe devem ter capacidade de se adaptar as diversas necessidades, pois todos são parte integrante da mesma, o contrário torna o sistema frágil e passível de erros fatais.

A escalada de grandes montanhas, que usamos como exemplo, foi precursora de outros tipos, nos quais se destacam o *boulder* e a escalada

esportiva. Essas sub-modalidades não têm como objetivo atingir o ponto mais alto de uma montanha. Elas são desafios menores em termos de tamanho, com cinco a trinta metros de altura, em média, respectivamente cada uma delas.

O que há de comum entre elas é o que Morin chama de “ecologia da ação” (MORIN, 2000b), isto é, elas se apresentam como problemas a serem solucionados. Assim a resolução desses problemas está na interação do ser humano com o ambiente vertical.

Em primeiro lugar, a incerteza de se conseguir escalar uma via, isto é, um caminho determinado numa rocha, depende de como enfrentamos a situação e de que estratégias temos à nossa disposição para solucionar esse problema. John Gill, matemático e criador da escalada de *boulder*, levou essa questão a fundo. Ele preferia escalar blocos de rocha com menor altura para concentrar-se no modo como conseguiria chegar ao final sem cair nenhuma vez. Com isso, ele minimizava os riscos e maximizava a dificuldade de ascensão (PEREIRA e ARMBRUST, 2007).

Hoje em dia, além de escaladores procurarem esse tipo de subida, eles também se propõem a um desafio ainda maior, que é escalar a via à vista. Nesse tipo de escalada, o ideal é conseguir subir na primeira tentativa e sem cair nenhuma vez, tornando a chance de sucesso única na vida, para aquela via.

A incerteza nessa ação exige colocar toda concentração no objetivo de completar a via, criando uma estratégia de subida *a priori*. Porém, ela deve permanecer como uma possibilidade aberta a ajustes e mudanças de planos durante a execução, do contrário o escalador pode cair devido a um erro de cálculo ou a um posicionamento errado do corpo durante a tentativa.

As escolhas mentais que fazemos, antes de iniciar a ação, são aperfeiçoadas com a experiência e com a aprendizagem, mas isso não garante o sucesso. Nossa mente e nossa percepção do ambiente podem falhar e se isso ocorrer devemos ter maneiras de tentar evitar a queda, o que se chama

comumente de um plano B. Porém, o fracasso iminente, quando percebido, envolve emoções que vão afetar novamente nossas escolhas. Assim, o plano de respostas não depende apenas da organização cognitiva, há também a emocional, a social e principalmente a motora (SOUZA, 2001).

O desafio na escalada esportiva e no *boulder* exigem do praticante que elabore um plano mental, procurando descobrir quais são e como usar cada ponto de apoio, isto é, que crie uma estratégia prévia de ascensão. A esta estratégia Morin (2005a) chama programação. Quando inicia a subida, ele deve avaliar se fez boas escolhas e replanejar as futuras situações, caso necessário. O sistema de ação, retroalimentação e ação novamente, deve permanecer aberto para ajustes o tempo todo, pois não é possível prever exatamente qual a intensidade de força que se deverá aplicar em determinado ponto de apoio, isso só ocorre, no momento em que se está pendurado ou equilibrado.

Mas manter o sistema sempre aberto pode impedir as ações prévias que estavam corretas sobre como realizar a via. Portanto, na ecologia da ação, não se desperdiça aquilo que se conhece, ou que se testou anteriormente. Acreditar num caminho possível é importante, tanto quanto fazer ajustes. Seguir para o desafio depende de fazer uma autocrítica da sua racionalidade (MORIN, 2000a).

A capacidade visual de perceber as agarras, reentrâncias e saliências, às quais nos seguramos, é testada no instante que utilizamos nosso tato e, se necessário, criamos imediatamente novas estratégias para os lances que se seguem. A incapacidade de depender apenas da razão para tomar decisões precisas, neste caso, abre a possibilidade de intuirmos sobre quais devem ser os procedimentos mais adequados em cada situação. Não tomamos decisões racionalizadoras, criamos uma interdependência razão – intuição na escolha dos movimentos.

Esses ingredientes tornam esse tipo de escalada: esportiva, e *boulder* muito procurados na atualidade, pois além de não nos isolar em grandes montanhas geladas, ainda possibilitam a manifestação de nossas

inteligências múltiplas (GARDNER, 1995), como se estivéssemos jogando com o corpo numa ambiente vertical. A inteligência corporal cinestésica se mostra como a manifestação de um comportamento que pode ser um resultado positivo para o escalador. Souza (2001) conclui, em seu estudo, que a necessidade de resolver problemas na escalada se dá, principalmente, com resposta predominantemente corporal. Isso não significa que outras manifestações não participem, mas que essa manifestação, geralmente, produz resultados muito confiáveis.

O autor demonstrou que crianças estimuladas a escalar uma via utilizam formas diferentes para resolver os problemas. Com algumas, há o predomínio da resposta através da inteligência corporal cinestésica; com outras, a manifestação lingüística, matemática, interpessoal, intrapessoal etc, participam da resolução tanto quanto, apesar da resposta final se apresentar como um movimento para se alcançar o fim da via.

Isto significa que uma explicação de quem já fez a via, o *feedback* do professor, uma reflexão sobre um erro cometido, um cálculo sobre a quantidade de agarras, uma percepção de um ponto de apoio não utilizado, ou a sensação da aplicação de força que não estava consciente podem auxiliar no alcance de bons resultados para o praticante numa segunda tentativa. Tudo depende da via de conhecimento mais favorável que o praticante consegue acessar. A ecologia da ação é exatamente a utilização de formas de acesso variadas e integradas para resolver problemas humanos em determinado tempo e espaço.

Nessa forma de ação, o indivíduo não está sozinho, o próprio meio é uma ferramenta para atingir os objetivos desejados. Os escaladores procuram respostas com predomínio motor, mas devem estar prontos para soluções provindas das relações com outros escaladores, isto é, informações que, em geral, favoreçam suas escolhas e determinações de novos planos de ação.

Um elemento ainda não apresentado nesse problema, não é externo ao praticante, mas está dentro dele. O medo. Todas as ações projetadas e

experimentadas num movimento de ascensão ao cume das montanhas e das paredes seriam simples ou mecânicas e, por isso, redutoras do ser humano a máquinas, se não houvesse a estética como elemento complexificador desse sistema. Para Morin (2005d), a estética usada em seu sentido original é o sentir. A emoção de escalar envolve a percepção dos movimentos da subida, mas vai além e projeta-se à possibilidade de queda. Isto porque “A estética e o imaginário têm uma parte em comum: a estética alimenta o imaginário, e é, em parte alimentada por ele” (MORIN, 2005e:133).

Um escalador, quando se prepara para subir, agarra-se à rocha com firmeza e sutileza. No início, movimentos ritmados vão elevando seu corpo, observa onde segurar e vai transferindo seu peso com tranqüilidade. De repente, olha para o lado e não encontra a proteção, que espera existir naquele ponto para passar sua corda. Seguro de si respira fundo e agora, senhor da situação continua subindo. Mais alguns metros e descobre que a proteção procurada está há alguns metros abaixo de si, não a encontrou e passou por ela sem enxergá-la, tal era sua confiança. Então olha para o alto e vê a proteção seguinte. Ela está a cinco metros acima de sua cabeça, enquanto a outra está cinco metros abaixo.

Nessa situação, subir ou descer são decisões igualmente difíceis. E, nesse momento, o medo confunde a razão e a percepção. A chance de cair e se machucar gravemente é aumentada pelo conhecimento racional da hipótese da queda; da consciência de que cair pode representar chocar-se fortemente contra as pedras abaixo; da impotência sobre a capacidade do equipamento e do segurador de suportarem seu corpo; da fragilidade da vida.

O medo toma conta do ser e pode ser sua derrocada. Quanto tempo a pessoa pode suportar seu corpo naquela situação de imobilidade até decidir por um caminho? A polaridade oposta ao medo é a coragem. Ela é uma forma de resolver o problema. Atirar-se a uma das duas opções, subir ou descer até a proteção seguinte. Mas o erro de escolha pode ter graves conseqüências.

A auto-organização nesse caso pede que todo conhecimento adquirido sobre a escalada: técnica, força, equilíbrio, estratégia e habilidade sejam articulados nos jogos de vertigem de que fala Callois (*apud* MORIN, 2005e: 137), pois: “[...] acarretam a perda da estabilidade sensitiva, a atração irresistível do sem fundo, ou seja, do infinito”. E nesse instante, unem-se razão, emoção, sensação e intuição para decidir o momento exato de seguir, seja para cima ou para baixo, numa pulsão de emoções, controladas e desesperadas, de sensações afloradas e imperceptíveis, de razões conscientes e inconscientes.

Morin (2005e: 139) lança a idéia de “estado poético” para expressar o estado de graça alcançado quando, na confluência do jogo com a estética, saímos “do estado prosaico, utilitário e racional e somos dragados por um transe de fervor, comunhão e exaltação do momento” vivido no qual sentimos a “verdadeira vida”.

Essas escolhas devem chegar à consciência do escalador, para que seu movimento não seja apenas mais um ato mecânico. Perceber seus atos motores rumo às alturas pode aumentar a consciência de si e das relações com o mundo.

Morin (2005a: 99) afirma que “desordem e ordem nascem quase juntas: desde os primeiros momentos do universo, desde a nuvem, aparecem as primeiras imposições. O ‘único real’ é a conjunção da ordem e da desordem”. A auto organização por sua vez aparece exatamente pela metamorfose ocasionada pela catástrofe, isto é, a desordem gera tamanho calor e caos que possibilita o aparecimento de emergências no indivíduo capazes de levá-lo a nova organização. A adrenalina que se eleva em nosso organismo quando em situação de perigo, é o furor da organização. Talvez isso tenha ocorrido com Denise Emmer:

Minhas pernas começaram então a tremer, e o corpo, levado a exaustão, já quase não respondia a minha vontade cega de subir. Foi então que a natureza impôs as suas leis irreversíveis e eu,

agarrando-me desesperadamente à corda, despenquei cerca de 20 metros. Enquanto caía, a pedra, o céu e a mata passaram por mim qual um filme de mínimos segundos. Pendulando e com a corda a comprimir-me o tórax, fiquei, por um tempo que não sei precisar, na sôfrega tentativa de encontrar um apoio para meus pés, já que minhas mãos muito machucadas em consequência do atrito com a corda não me serviram sequer para segurar-me a rocha. Via o sangue escorrer pelos meus braços e sentia uma dor generalizada que parecia vir de todas as partes de mim. Entretanto, a mais aguda, a dor inconsolável e mais funda, era a irremediável realidade de que poderia estar prestes a morrer tão jovem. Aos dezesseis anos de idade (EMMER, 2007: 20).

Essa história retratada pela jovem escaladora não foi o fim de sua vida como praticante do esporte, mas foi um início, o princípio de sua vida como escaladora, surgindo na percepção da proximidade com a morte.

1.3 ESCALAR PARA RECOMPOR

A separação do conhecimento é uma das dificuldades com a qual lidamos a esse respeito. René Descartes (*apud* MORIN, 1996) propôs que um problema deve ser dividido em quantas partes forem necessárias para que possamos conhecê-lo totalmente, diminuindo ou eliminando a possibilidade de erros. Atualmente sabemos que esse tipo de pensamento disjuntivo causou diversas cisões em nossas concepções. Algumas delas são bastante evidentes:

- A separação da mente e do corpo. Desde os filósofos da antiga Grécia até os da ciência moderna, o corpo veio sendo separado e mutilado, quer seja para conhecê-lo melhor ou para exaltar as virtudes da mente. Talvez a prática da escalada seja uma das possibilidades que temos de mostrar como a unidade mente-corpo apresenta sua conexão. Quando pendurado pelas pontas dos dedos, o escalador se agarra com firmeza na rocha, tentando fundir-se a ela. É como se quisesse entrar nela para se sentir seguro, exatamente quando ocorre uma sintonia entre as ações e as intenções que se expressam. Conseguir escalar com eficiência demanda reconhecer aquele

corpo pendurado à rocha como um ser único, “liberto em movimentações criativas, tensas e sensíveis, repentinas ou planejadas, expressando sua subjetividade em um diálogo constante consigo mesmo” (MARINHO, 2001: 65). Essa forma de perceber e sentir o corpo, afirmada pela autora, exige o reconhecimento do corpo e da mente como unidades inseparáveis.

- A separação da razão e da emoção. Para escalar é preciso utilizar nossa capacidade objetiva e racional para compreendermos os riscos da prática. Se não for assim, a prática pode se tornar uma roleta russa. Mas, ao mesmo tempo, precisamos lidar com a forma como processamos as informações do ambiente, com o conhecimento que temos sobre a prática, com os sentimentos que nos suscitam cada exposição ao perigo que nos propomos desafiar, e ainda tomar a decisão do grau de exposição que queremos correr em cada situação (PEREIRA, 2009). Sentimento e cognição dão as mãos para escalarmos com segurança, sem perder as sensações de vertigem que a escalada provoca.

- A separação do prazer e da dor. Quando o ser humano sai de seu lugar de conforto rumo a uma escalada, sua única certeza é que terá momentos intensos, que a experiência poderá ser marcante. Isso não quer dizer que serão apenas bons momentos, quer dizer que poderá sentir grande prazer nas realizações, mas que talvez pague um preço por isso. Para Pereira e Felix (2004), na escalada, os riscos são vividos como forma de se alcançar o prazer, não são evitados. Portanto, a dor provinda desse desafio é concebida como parte integrante desse prazer.

- A separação da morte e da vida. O sentido da vida de muitas pessoas que escalam está no ato de integrar-se com o ambiente vertical. Para quem vê essa prática de fora, parece um risco inútil. Buscar o inesperado e o incerto, aproximar-se da morte, não faz sentido para quem nunca escalou. Mas o praticante pretende retornar com uma grande experiência, que lhe permita reconhecer o valor da vida. O escalador busca uma linha tênue entre a vida e a morte, nesse conflito ele encontra motivos que dão sentido à sua existência (PEREIRA e FELIX, 2004).

Morin (2000c) nos traz uma explicação sobre esses antagonismos por meio de sua própria experiência de vida, ao contar que nasceu quase morto. Sua mãe teve complicações no parto que lhe custaram a vida. Essa situação serve para explicar os antagonismos presentes em todos os sistemas e que na frase de Heráclito “Viver de morte, morrer de vida” ligam as contrariedades:

O que soube muito mais tarde, e que talvez tenha igualmente me marcado, mas na mais completa inconsciência, é que antes mesmo de nascer, mas já como um feto, eu fora condenado à morte para que minha mãe vivesse, ela própria condenada à morte por meu nascimento (MORIN, 2000c: 48).

Quando uma pessoa se dispõe a escalar, ela está de alguma forma religando, mesmo que involuntariamente, alguns aspectos que podem estar separados em sua consciência.

Alguns autores acreditam na racionalização, especialização e auto controle como forma de dominação dos riscos para vencer as dificuldades na escalada (ATTARIAN, 2004; MOARES e OLIVEIRA, 2006). Porém, outros, preferem buscar explicações no sagrado e no mito. Costa (2000) explica que o processo de sacralização das montanhas é uma chance que o escalador tem de ascender a uma condição espiritual mais elevada, próxima do divino. Ela ainda afirma que a altura é um lugar reservado aos heróis. Brito (2008) descreve que o estilo de vida do montanhista incorpora consciente ou inconscientemente dimensões simbólicas que envolvem o ambiente de montanha. O autor ainda vai além, quando compara a indissociação entre os opostos; bem e mal, na presença da montanha, como lugar sagrado e palco de tragédias humanas, dando vida à montanha, como na mitologia.

Melo (2006), por sua vez, explica que os mitos sobre o divino fazem parte do imaginário dos escaladores, mas integra essa busca pelo sagrado através de uma passagem por situações de risco que levam à fruição. Longe de apresentar a prática como um afã irresponsável pelo perigo, ele demonstra

que esse caminho é percorrido com uma preocupação do escalador em preservar a vida. O racional e o emocional andam juntos, para compor certa ordem na desordem do ambiente e do ser humano.

As montanhas surgem como um exemplo único da capacidade imaginativa do homem moderno, que num processo contínuo cria conexões e tece novos sentidos para a realidade. A paisagem montanhosa atua como um emissor de imagens simbólicas. Através dela se fundem diversos sentimentos, compondo um universo intuitivo não racionalizado.

Ao problematizar a montanha sob a ótica das relações simbólicas e culturais sobre ela traçadas, buscamos retratar suas nuances menos visíveis. O imaginário contemporâneo forma hoje um quadro impreciso, em que estão presentes diversas influências. Afloram dialogicamente no chamado senso comum sentimentos topofílicos e topofóbicos, valores antigos e modernos, conscientes e inconscientes, que introduzem maior complexidade à interpretação de suas representações. (BRITO, 2006: 19)

Nassif (2004) fala da mitologia como chance de ascender a uma condição espiritual elevada, escalar é um ritual de aproximação ao divino, a aventura é uma tentativa de transcendência.

As vivências que a escalada proporciona à pessoa tornam sua vida distinta do cotidiano de outras, e a possibilidade de confronto real com a morte é um estímulo poderoso na busca de um significado à existência (PEREIRA e FELIX, 2004).

A busca por conquistas pessoais ultrapassa o ato de chegar ao topo. Para os escaladores, o sentido da sua vida está no ato de escalar e no processo de integração vertical. Enfrentar os perigos faz sentido na vida dessas pessoas, o escalador busca uma linha próxima entre a vida e a morte, só assim pode entrar em contato com seu interior (MELO, 2006).

Um exemplo da relação ser humano - verticalidade pode ser apreciado na experiência narrada após a conquista do Annapurna:

Estamos no Annapurna. 8075 metros. Nosso coração transborda de imensa alegria. [...] O topo é uma crista de gelo em forma de cornija. Os precipícios do outro lado são insondáveis, aterradores. Mergulham verticalmente sob nossos pés. Não há equivalentes em nenhuma outra montanha do mundo. A missão está cumprida. Como a vida será bela agora! É inacreditável alguém que, abruptamente, realiza seu ideal e se realiza a si mesmo. Sou todo emoção. Nunca senti alegria tão grande nem tão pura. Esta aresta de gelo será o objetivo de toda uma vida? (HERZOG, 2001: 250).

Porém, nas trajetórias voltadas à altura, descobre-se a contraposição da glória com a tragédia, o desastre e a morte, acompanhando de perto a virtude. As antinomias do vencer e perder, viver e morrer, sorrir e sofrer, alcançar e desistir, convivem lado a lado e não podem se separar, devem se fundir.

O escalador convive com as duas possibilidades em busca de ser feliz. Ele acredita que deve continuar a escalar apesar dos revezes possíveis e imprevisíveis desse esporte numa atitude de encarar esse momento como único e necessário para ser feliz. Chegar ao topo de uma montanha, completar uma via na rocha, ou encadear um *boulder* na primeira tentativa, sem nenhuma queda, tem um sabor tão especial que vale a pena arriscar para transcender.

Talvez, Joe Simpson tenha sido a pessoa que melhor pôde explicar esse sentido antagônico dos sentimentos do escalador sobre sua atividade (SIMPSON, 2004). Ele foi o protagonista de uma aventura sem precedentes. Escalando com o amigo Simon Yates nas montanhas do Peru, eles tiveram uma situação difícil durante a descida. Simpson sofreu uma queda e quebrou a perna. Descer de uma montanha de neve, nessa condição, é considerar probabilidades mínimas de sobrevivência. Eles tinham contra eles o ar rarefeito, o frio congelante, e a impossibilidade de andar sem auxílio. Quanto mais tempo passavam na montanha, pior a situação ficava. Num esforço fenomenal, Yates ajudou Simpson, deslizando-o pela corda montanha abaixo. O gelo liso e os 50 metros de corda que tinham tornavam a atividade muito demorada e a noite caiu sobre eles.

Num determinado momento, Simpson caiu num penhasco e Yates, segurando-o pela corda, teve que escolher entre cortar a corda, deixando o companheiro cair, ou ser arrastado por Simpson ao abismo, na escuridão. Enviou o companheiro à morte e seguiu buscando sua salvação. Simpson, de repente, sentiu seu corpo voando:

Então, aquilo que eu esperava aconteceu de repente. As estrelas se foram e eu caí. Como algo que retorna a vida, a corda chicoteou violentamente contra meu rosto e caí silenciosamente, infinitamente, em direção ao vazio, como se estivesse sonhando que caía. Rápido, mais rápido que o pensamento, e meu estômago protestou contra a velocidade da queda. Enquanto eu caía, acima de mim eu me via voar e não sentia nada. Sem medo nem pensamentos. Então é isso! (SIMPSON, 2004: 102).

O incrível é que Simpson não morreu, ele caiu numa greta, espécie de fenda no gelo. Contra todas as previsões, sem comida, nem água, ferido, perdido e sozinho, conseguiu sair do buraco, rastejar por quilômetros no gelo, encontrar o acampamento, no mesmo dia em que o amigo havia decidido voltar, e gritar o suficiente para que, na escuridão, este o achasse caído e quase morto, para voltar à vida.

A corda de escalada que foi cortada é um símbolo da existência de cada escalador. Ela é o fio tênue que pode manter o escalador vivo, apesar da proximidade com a morte. Cortá-la, para Yates, significava eliminar a possibilidade de Simpson de manter sua existência, mas a chance de continuar com a própria. Apesar de a história mostrar que é possível sobreviver independente da presença do outro, a sensação do escalador é da responsabilidade pela sua existência e pela do outro, o que leva a alteridade. Os princípios antagônicos de egocentrismo e alteridade convivem em tensão contínua e a corda metaforicamente, pode ser o elo de união entre eles. Com ela, é possível, acreditar no distanciamento da vida sem perdê-la.

As montanhas e a paredes estão lá, como disse Mallory e devem ser escaladas por quem está aqui. Quando o ser humano sai de seu lugar de

conforto e se aventura a subir, estabelece uma relação única com elas, e seu momento é tão intenso que deixa marcas em sua alma. Arriscando-se rumo ao inútil, ao inesperado, ao incerto, ele se aproxima da morte, retornando depois de uma grande experiência interior, reconhecendo o valor da vida. Nessa hora percebe sua existência, pois entre a vida e a morte existe o instante que está escalando, e o escalador só vê sentido naqueles momentos em que podia avistar tanto horizonte quanto sua vista permitisse.

Quanto mais improvável a situação e maior o esforço exigido, tanto mais doce é o sangue que nos flui depois, libertando toda a tensão. A perspectiva do perigo serve apenas para aguçar o controle e a atenção. E talvez seja esse o motivo racional por trás de todo esporte de risco: você eleva deliberadamente o grau de esforço e concentração, com o objetivo, de limpar a mente das trivialidades. Trata-se da vida em pequena escala, mas com uma diferença fundamental: ao contrário da vida rotineira, na qual em geral é possível corrigir os erros e chegar a algum tipo de acordo que satisfaça todas as partes, nossas ações, mesmo que por momentos brevíssimos, tem conseqüências seriíssimas. (ALVAREZ *apud* KRAKAUER, 1997: 79)

Nessa perspectiva escalar é uma forma de combater os determinismos, divisões e separações do pensamento. A divisão do conhecimento em partes, com a intenção de conhecer um objeto, criou a hiperespecialização do saber. Nas palavras de Morin (2000a), um saber esotérico, isto é, só acessível àqueles que conhecem muito bem um determinado assunto. Na antiguidade, os esotéricos eram especialistas no misticismo e nas magias, daí provém a palavra que dá origem à especialização.

Essa estrutura de pensamento universalizante afastou-nos da compreensão da totalidade. A contradição dessa tese é a crença no saber geral sobrepondo-se às partes, isto é, considerar que conhecendo o todo resolvemos o problema. Corremos o risco de compreender que as partes compõem um todo, e de acreditarmos na ideia da totalidade como pedra fundamental ou como um novo paradigma para todas as respostas.

Polarizar para um lado ou para o outro, para o todo ou para as partes, cria uma dicotomia que impede ligarmos o todo às partes e as partes ao todo. Para Pascal (apud MORIN, 2005a: 158), “Eu acredito ser impossível conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes”.

Morin (2005a) demonstra que todo sistema comporta emergências, isto é, as qualidades ou propriedades com alguma novidade em relação às qualidades e propriedades de cada um de seus componentes isoladamente. Essas novas qualidades, provindas das relações entre os componentes tornam o todo maior do que a soma das partes. Mas, ao mesmo tempo, o todo pode ser menor do que a soma das partes, pois em todo sistema há sempre alguma inibição das qualidades ou propriedades de seus componentes ou, simplesmente, há perdas no meio do sistema.

O holograma proposto por (MORIN, 2005a) permite compreender a totalidade na unidade e a unidade na totalidade, pois um único ponto de um holograma, que é uma imagem tridimensional de um objeto, contém quase toda a informação da imagem. Da mesma forma que uma célula contém quase todo o patrimônio genético do indivíduo, e o indivíduo quase toda a cultura de uma sociedade.

Posto dessa forma, um exemplo da escalada, que suscita essa relação complexa, é a via desenhada para se escalar. Via é um caminho ou rota de subida. Ela contém todos os pontos de apoio, agarras ou superfícies para se sustentar enquanto se sobe. A via é uma trajetória ao topo e sua totalidade é representada pela subida até chegar ao fim. Mas, para isso, deve-se passar por suas partes. Cada apoio do percurso é importante para chegar ao final, e o fim da via depende de cada apoio no qual podemos nos segurar.

Compreender as vias é o principal desafio do escalador e elas existem nos ambientes naturais e artificiais.

Na natureza, uma escalada em rocha virgem, isto é, ainda não escalada por ninguém, prevê que alguém tenha conquistado um caminho até o topo. Isso significa conseguir identificar em quais locais o escalador, pode se

apoiar e colocar proteções para, com relativa segurança, ter acesso ao final da mesma. Assim o conquistador dessa via cria um acesso, no qual cada parte do caminho compõe o caminho todo. Esse trabalho é feito em dupla, isto é, um deve subir e o companheiro deve prover sua segurança. Isto requer cuidado, pois a determinação dos pontos de proteção será crucial para que outros escaladores possam repetir essa via em segurança.

A distância entre os pontos de proteção, o tipo de proteção, a dureza da rocha, a inclinação da parede, a técnica de proteção usada pelo escalador, os equipamentos escolhidos para segurança, entre outros aspectos influenciam diretamente na conquista dessa via. A determinação de onde e como proteger depende também da experiência do praticante, sua habilidade, sua condição física e sua decisão sobre a quantidade de risco que pretende impor nessa escalada, ou grau de dificuldade que pretende que a via tenha ao final. Ele pode escolher uma rota mais difícil e arriscada dependendo de seu interesse e de sua motivação.

Isoladamente, cada um desses componentes recebe uma avaliação, por parte do conquistador, para que provenha a segurança. Mas o tipo de proteção usada, mesmo que seja um equipamento de alta sofisticação tecnológica, pode ter suas qualidades reprimidas pela falta de habilidade em usá-los, pela fragilidade físico-química da rocha, ou pelo desgaste natural de uso.

Mesmo treinado, um escalador pode descobrir que sua condição física é insuficiente para uma inclinação específica da rocha, ou seja, sua capacidade inicial pode não ser a ideal.

Ou então, numa via em que se pretende um nível de dificuldade intermediário, descobre-se que as proteções ficaram muito distantes umas das outras, pela posição das agarras em que se poderá segurar. Apesar da dificuldade técnica não ser tão elevada, no geral, a via acaba com alto nível de exposição ao risco de quedas.

Quando analisamos os elementos da via de forma segmentada, percebemos que eles podem ter sua capacidade reprimida pela própria via tornando-se menor do que a própria via, na soma simples das partes. Ou então algum elemento pode estar superdimensionado, um lance pode ser muito mais difícil do que o restante, ou ser muito mais arriscado do que os demais.

Esses exemplos de vias em rocha mostram que as interações entre as partes de uma via podem gerar emergências ou imposições tornando a soma das partes maior ou menor do que a via toda.

Outro exemplo pode ser observado na escalada em ambientes construídos. Uma via é uma sequência de agarras. Agarras são peças de resina plástica e pó de mármore que imitam as reentrâncias na rocha. A agarra permite um movimento de ascensão, isto é, uma pequena via. Dispostas de forma organizada e repetitiva na parede artificial permitem que se atinja o fim dela. As melhores vias são aquelas nas quais o escalador consegue perceber a integração das agarras na formação da trajetória. Mas sua repetição não significa eliminar a variedade de movimentos e posições que são realizados enquanto se sobe, pois as disposições das agarras na parede podem se apresentar de forma muito distinta.

Uma boa via deve permitir que as propriedades de cada agarra, isto é, sua forma, sua textura e seu tamanho, que são qualidades fixas destas, interajam com as mesmas propriedades de outras agarras. Nesse processo, as distâncias entre as agarras, a inclinação da parede e a posição em que são colocadas são emergências do sistema que podem ampliar as propriedades de cada agarra.

Uma agarra, que é fácil de segurar pelo seu formato, pode se tornar difícil dependendo da distância em que se encontra da seguinte. Uma agarra, quando colocada em determinada posição, deve ser segurada apenas pelas pontas dos dedos, exigindo uma força específica dos mesmos. Mas, se colocada na posição invertida pode facilitar o atrito com a mão e proporcionar

boa aderência. Então, uma mesma agarra tem qualidades distintas, dependendo de como é colocada na parede.

Uma agarra, cuja forma permanece fácil de ser segurada numa parede com inclinação de 90 graus em relação ao solo, pode ser muito difícil de segurar se esta inclinação chegar a 45 graus. Então, a interação da agarra com o meio interfere, inibindo suas qualidades. Propriedades e qualidades das agarras podem ser perdidas ou acrescidas de acordo com as situações e ações que elas exigem do escalador em cada momento.

Todos esses elementos ainda dependem de serem colocados em cadeia. O encadeamento do sistema de agarras, colocado na parede, exige do escalador mais uma habilidade: identificar a forma de se realizar os movimentos, dependendo das emergências que as agarras conquistam ou das imposições que as agarras sofrem durante sua colocação. O único modo de se resolver esse problema é conhecendo ou percebendo cada agarra e suas propriedades de forma minuciosa e concebendo as ligações entre elas, ou seja: entre as distâncias das agarras; entre as posições das agarras, entre as agarras e a inclinação da parede e entre as dificuldades de segurar cada agarra. Só assim podemos conceber a via.

Olhar a via de forma geral não permite reconhecer cada particularidade e reconhecer uma agarra. Estar fora da parede de escalada não permite saber como reagir à mesma quando se está na parede. No vocabulário do escalador, esses movimentos, que são colocados em cadeia por quem escala uma via, são chamados encadear, exatamente pela necessidade de se encontrar a relação entre os elementos.

Essas vias de escalada em ambientes construídos são de tal forma complexas que as pessoas que elaboram esses caminhos ganharam um nome, *route setter*, o apontador, ou marcador de vias (PEREIRA e MANOEL, 2007). Eles são responsáveis pela criação de sequências lógicas de movimentos que permitam não só o desafio, mas o desafio possível para escaladores de diferentes níveis, desde os inexperientes aos mais hábeis.

A via pode ser criada para alguém, em específico, escalá-la e, portanto, podemos montar vias que podem ser mais fáceis ou difíceis para cada tipo de pessoa, isto é, com características que sejam predominantes na realização dos movimentos, como por exemplo: a altura, a força, a idade, a experiência, a força, a coragem, entre outras.

Nisso reside mais uma recomposição que a escalada permite descobrir. Cada via, apesar de ter uma organização fixa, pois as agarras não mudam sua posição sozinhas, é escalada por pessoas diferentes. Assim, as emergências e inibições dos elementos da via, isto é, das agarras que compõem a via, também dependem das emergências e inibições da pessoa que a escala.

O holograma é um paradoxo. Como na imagem projetada, cada célula é uma parte do todo, mas também o todo está em cada ponto da imagem. A totalidade do patrimônio genético está presente em cada célula do indivíduo, assim como cada indivíduo contém o patrimônio histórico, cultural e social da humanidade. Numa relação com a via, cada agarra está presente na via, assim como a via está em cada agarra. Uma agarra pode representar uma pequena via de um único movimento, pois ela tem as informações de uma ascensão. Mas toda via é uma construção humana e subjetiva e o todo e as partes devem ser compreendidos na sua relação com o meio no qual estão inseridos.

1.4 ESCALAR PARA RESPEITAR

“Vale repetir: o ato moral é um ato de ligação: com o outro, com uma comunidade, com uma sociedade e, no limite, religação com a espécie humana” (MORIN, 2005c: 29).

A ligação solidária com o outro, proposta pelo autor acima é um exercício de compreensão de si, dos outros e da espécie como um todo, sem anular as individualidades e singularidades. Mas nosso afastamento inter individual, isto é, entre os indivíduos da espécie, ocorre de forma acentuada e

veloz no seio de uma sociedade marcada pela tecnologia e pela comunicação que, ao isolar o ser e exacerbar o egocentrismo compete com as forças de ligação entre as pessoas.

Além disso, Morin (2005c) vai além quando afirma que a mesma tecnologia e a comunicação que nos separam também nos permitem descobrir que o Sol, nossa fonte primária de vida, terá um fim. Mesmo que possamos mudar de planeta ou de galáxia, a dispersão do cosmos é um fim certo e irremediável, portanto passamos a ter consciência de nosso fim, independente de nossas ações.

Participar ativamente da escalada é uma luta constante, não apenas contra a própria morte, quando a aventura chega aos limites físicos do ser humano, mas nos leva além dos nossos limites. Para compreender as nossas relações com a natureza, na busca do respeito ao planeta, podemos evocar o código de ética do montanhismo, difundido pelas Federações Estaduais e pela Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada (FEMERJ, 2009; CBME, 2009). Essas regras se baseiam em valores gerais, difundidos internacionalmente, sendo o principal deles a Declaração do Tirol sobre a Boa Prática nos Esportes de Montanha, adotada pela Conferência sobre o Futuro dos Esportes de Montanha, ocorrida em Innsbruck, Áustria, entre 6 e 8 de setembro de 2002, a qual se pauta pelos seguintes aspectos: - definir os valores fundamentais nos esportes de montanha; - conter padrões de conduta; - formular critérios éticos para tomada de decisão em situações incertas; - apresentar princípios éticos para o público julgar os esportes de montanha; - introduzir os iniciantes em valores morais do seu esporte (FEMERJ, 2009).

O objetivo da declaração não é criar regras a serem adotadas pelos praticantes, mas, definir valores atuais nessas práticas. Não se instituindo como leis que determinam o esporte, mas colocando-se como atuais, isto é, que podem se alterar com o tempo, elas permanecem como orientação à reflexão do escalador. Buscar a conscientização dos praticantes de atividades esportivas na natureza nos reporta novamente ao pensamento de Morin (2003) quando ele afirma que é a partir dessa reflexão que pode nascer à consciência

para a concretização desses valores. O pensamento complexo propõe tratar com a incerteza do mundo concebendo organização nele (MORIN, 2000b), assim, um conjunto de valores quando colocados à serviço da organização social, é uma forma de conceber a democracia sem impedir as liberdades individuais nem a possibilidade de intervenção nas próprias regras.

Em Kant (1997), concebemos esses valores morais como sendo o imperativo categórico, ou seja, uma regra, ou lei, que pode ser considerada tão boa pelo indivíduo que ele não apenas a respeitaria, mas gostaria de tê-la criado. Mas na complexidade a ética não se baseia numa lei universal, pois o bem e o mal não aparecem de forma nítida, pelo contrário devem ter finalidade para o indivíduo, a sociedade e a espécie. Mas a incerteza do destino humano necessita de senso crítico, de obter conhecimento pertinente, de combater a ilusão, de afetividade, e de compreensão, portanto o desafio ético é disciplinar o egocentrismo exagerado e desenvolver o altruísmo (MORIN, 2005c).

Essa colocação confere com o que Portela (2005) afirma sobre a ética na escalada:

A Escalada em Rocha não está limitada por regras formais. Os seus conceitos estabelecem-se por um consenso geral, há uma ética que tenta descobrir o que é “certo”, e o que é “errado”. A maior liberdade do escalador está em ser capaz de definir o jogo e como vai jogá-lo (PORTELA, 2005: 39).

Mas, mesmo em situações imperativas, as contradições continuarão existindo. O desafio está em conceber que em cada ocasião há uma prioridade e que devemos fazer uma escolha. Essa escolha é dependente da consciência do indivíduo, mas não se detém nisso. Ela se forja na norma cultural de uma sociedade e segue rumo a um ato de ligação com o outro, com a comunidade, com a sociedade e com a espécie.

Entre os valores defendidos pelos montanhistas (FEMERJ, 2009), nos quais podemos perceber essa tentativa de ligação, encontram-se:

- A dignidade humana – sendo que todos os seres humanos nascem livres e iguais em direitos, dando atenção à equalização homens e mulheres.
- Vida, liberdade e felicidade – tendo responsabilidade de proteger as comunidades em áreas montanhosas.
- Solidariedade – promovendo trabalho em equipe, cooperação e compreensão.
- Proteção à natureza – assegurando as características naturais das montanhas, protegendo fauna, flora e o ecossistema.
- Realização pessoal, verdade e excelência – por meio dos quais se procuram atingir metas e obter prazer.
- Aventura – reconhecendo os riscos e avaliando os potenciais para a prática. (FEMERJ, 2009)

Nessa modalidade esportiva podemos observar que os valores devem gerar uma cadeia de regeneração contínua entre indivíduo e sociedade, tal qual o pensamento complexo compreende a regeneração dos organismos individuais e dos sistemas coletivos.

Interessante perceber uma menção à equalização de direitos entre homens e mulheres contestando, como afirma Bruhns (1995), os pré-determinismos dos quais o fator biológico sexo é dotado de sentidos.

O cuidado com o meio ambiente e a preservação de áreas naturais como valor deveriam supor um caráter de moralidade centrada na aceitação do ser humano como parte do sistema e não como proprietário ou consumidor dos recursos naturais.

Todos os valores que tratam das relações entre as pessoas, no montanhismo, demonstram um respeito aos direitos humanos e pressupõem responsabilidades para com o outro, sejam as populações locais ou os próprios praticantes.

O art. 1º afirma que cada escalador é responsável por si mesmo e que não deve colocar em perigo, nem o próximo, nem o meio ambiente. O art. 2º aponta que um membro de uma equipe deve fazer concessões em favor do

grupo. O art. 6º mostra que o socorro deve ter prioridade sobre os objetivos estipulados anteriormente. Responsabilizar-se então, é reconhecer seu pertencimento à espécie humana, mantendo a unidade na diversidade (MORIN, 2003).

O art. 3º diz que quando somos visitantes nós respeitamos as regras locais. Já o art. 7º traz os acordos referentes ao meio ambiente, consolidando a noção de que se deve praticar a escalada preservando a natureza, e respeitando os acordos da comunidade escaladora em relação a cada local de prática. Para Morin (2000d), a sustentabilidade é um elemento complexo que está no âmago do conceito, isto é, é um princípio da solidariedade. Para o escalador, preservar os locais e as boas relações com as pessoas nos locais de escalada é preservar a própria prática de escalar que é o motivo do prazer e do divertimento de cada escalador.

No art. 8º é posto que, a qualidade e a forma como escalamos é mais importante do que a realização da escalada. A escalada comporta vários estilos, desde as subidas de montanhas com gelo em grandes altitudes, passando pelas escaladas em rocha, que vão de um pequeno bloco a 2 metros do solo até grandes monólitos rochosos, nos quais se passam dias para se chegar ao topo (PEREIRA, 2007). É preciso lembrar que há também a possibilidade de escalarmos em paredes construídas pelo ser humano, que oportunizam às pessoas, com nenhuma experiência, apreciarem essa prática esportiva. Essa diversidade de opções permeia a subjetividade que cada indivíduo pode ter em relação à escalada. É possível praticar a escalada independente das características físicas, da idade, do gênero, da nacionalidade e da condição social. A acessibilidade da escalada depende mais da cultura do que de fatores genéticos, financeiros, estéticos, ou sociais.

O art. 9º diz que a conquista de uma via é um ato de criação. Ela deve ser feita de acordo com as tradições da região em acordo com a comunidade local e pensando nas gerações futuras. Paralelamente a isso, Morin (2005d) afirma que a democracia requer consensos nas decisões e a aceitação majoritária, mantendo a diversidade e os antagonismos. Não significa

que uma via, como foi conquistada, será para sempre, mas que o conquistador e a comunidade escaladora daquela via devam decidir qual o destino da mesma, de forma democrática e pelo diálogo.

Apesar dos esforços no estabelecimento de uma forma organizada de se escalar, alinhada com ideais de preservação e sustentabilidade, há exemplos de atitudes anti-éticas entre os escaladores. Niclevics (2007) aponta a remoção de toneladas de lixo do Everest, como uma das formas de percebermos que nem todos os escaladores que tentam seu cume são tão preservacionistas como a Declaração do Tirol preconiza. Para Marinho (2004), a escalada cria um diálogo com a preservação ambiental através da sensibilidade, do lúdico e do prazer, mas a autora estabelece uma crítica importante salientando uma comercialização do espírito do prazer. Surge uma contradição entre conquista e convívio sugerindo que não há apenas a ideia de preservação ambiental.

Oyague *et al* (2005), por sua vez, acreditam que estamos no fim de uma era, na qual a escalada foi realmente livre, regida apenas por uma ética de consenso, mas que isso está acabando. Para os autores, a profissionalização, mercantilização e a competição estão esportivizando a escalada, usando uma expressão de Ferrer (2002). Para Dias (2007: 116); “artificialização e comercialização, são categorias absolutamente integradas ao processo de criação de símbolos esportivos”, não sendo diferente na comunidade escaladora e refletindo valores sociais hegemônicos e cartesianos, tanto quanto apresentando possibilidade de resistência ou oposição a esses.

O mundo esportivo não é um universo simbólico de ordem pura e perfeita, capaz de desenvolver de maneira implacável suas próprias lógicas - quer estas lógicas sejam de uma possível re-integração com a natureza, quer sejam de uma reprodução dos princípios de uma racionalidade instrumental. Em suma, penso que no montanhismo há sempre (e no mínimo) um duplo foco: um no relacionamento estratégico e outro no comunicativo. O montanhismo, dentro da sua complexidade e variabilidade, pode estar, a um só tempo, a favor e contra o ideal heróico tradicional. Ele pode estar simultaneamente, concentrado no individualismo e nos relacionamentos estratégicos formados em um molde de dominação, bem como nas cooperativas

relações de amizade fundadas sob os auspícios de um “agir comunicativo” (DIAS, 2007: 20-21).

Para Heywood (1994), a popularização da escalada também é responsável pela degradação ambiental, o que a própria cultura da escalada nega, devido à promoção de atitudes responsáveis por alguns montanhistas. Marinho (2004) acredita que o simples aumento de praticantes de atividades esportivas na natureza não significa um enfoque na preservação da mesma e conclui que a simples participação em atividade na natureza não gera uma sensibilização para com o meio natural, é preciso um tratamento educativo quando se inicia a atividade.

Essas contradições e antagonismos fazem parte da democracia. Nela, segundo Morin (1991) todos ganham e todos perdem cada um à custa de si mesmo e dos outros. Ele propõe que o diálogo entre posições opostas é uma forma de resolver esse problema que necessita tolerância e compreensão entre os seres humanos.

Escalar é um exercício de respeito para a maioria dos praticantes. Os escaladores costumam se reunir em grupos ou comunidades para sua prática; em função dos locais onde escalam, da amizade, do companheirismo, das necessidades de segurança e do exercício do diálogo e definem como escalar e como se relacionar com o meio e com os outros.

Indivíduos, sociedade e espécie são inseparáveis e co-produtores um do outro, supondo as autonomias individuais, a participação coletiva e o sentimento de pertencimento, anunciando uma ética em cadeia (MORIN, 2005d). Dias e Alves Junior (2006) sobre esse assunto, comentam que na comunidade escaladora aparecem traços de resistência à sociedade de consumo, demonstrando que afetividade e fraternidade são elementos sólidos das redes de sociabilidade entre os praticantes de escalada. Ainda afirmam que há comportamentos padronizados e mercantilizados nesse meio esportivo, mas com expressões de desejo de comunhão, indicando uma ética que se aproxima da valorização da cidadania, da solidariedade e da democracia.

Um exemplo da manutenção de valores e de ações nessa direção foi o resgate que os brasileiros Paulo e Helena Coelho realizaram no ano de 1999 no Monte Everest. Eles estavam tentando pela quarta vez chegar ao cume. No dia anterior ao que pretendiam completar sua missão, o português João Garcia a havia conseguido, mas se perdeu na descida, passando a noite perambulando na neve. Paulo enfrentou a escuridão e a tempestade e depois de 12 horas encontrou-o com mãos, pés e nariz congelados. Eles sacrificaram sua tentativa de chegar ao topo para salvar o escalador (MANSUR, 1999).

Esse tipo de situação na qual o valor da vida é colocado acima dos objetivos pessoais, nem sempre é a tônica das ações na escalada, pois as boas intenções são sempre discursadas, mas as ações efetivas, muitas vezes, ficam aquém. A história relatada pode representar momentos de reflexão e internalização para futuros escaladores em suas trajetórias na escalada, no sentido do pertencimento religado à espécie.

1.5 ESCALAR PARA FRUIR

Beck (2002) coloca que, a partir da década de 1960, surge a designação de jogos e que os escaladores jogam como o conjunto de práticas diferenciadas na escalada. Como jogo, essa prática não pode ser interpretada apenas por seus aspectos racionais ou pelas análises biológicas, mas também pelas motivações subjetivas de cada praticante, pelas interações entre os indivíduos, e também pelas relações que o escalador estabelece com o meio em que pratica.

Huizinga (2007) afirma que o jogo é uma fração da vida e que só pode ser descrito por suas características, como: local para ações livres, interesse e desinteresse, sendo isolado no tempo e no espaço, absorvendo o participante, e contendo ordem e desordem.

Em uma de suas formas, a escalada de grandes paredes rochosas, ou Big Wall, o participante está exposto a um alto grau de risco. Esse jogo é praticado por duplas ou pequenos grupos, que pretendem subir centenas de

metros, e que, para isso, deverão dormir pendurados no mínimo por uma noite, mas, a duração da escalada pode se estender por mais de uma semana (LONG, 1993).

Esse tipo de jogo surgiu no Vale do Yosemite, na Califórnia (EUA), entre grandes monólitos rochosos, junto com o movimento hippie na década de 1960. Os escaladores então contestavam os valores sociais, pregavam a paz, a expressividade e a simplicidade, voltando o olhar para si e para a natureza. O isolamento de rochas e florestas era o palco para a realização do sonho de liberdade daquelas pessoas. Eles acreditavam que escalar os tornaria mais humildes, pois estavam diante de paredes de proporções imensas. Adquiriam coragem no medo e ganhavam confiança no desafio que lhes permitia encarar a vida. Para os escaladores de *Yosemite*, a liberdade era um motivo que valia a pena o risco.

Todavia, a contradição entre liberdade e poder não se dissocia e também houve uma corrida às alturas que culminou com a busca por feitos heróicos que geraram grandes polêmicas. Entre elas, a conquista do Cerro Torre, um pináculo de mais de 1000 metros de rocha e gelo na Patagônia, em 1959. A chegada de Cesare Maestri e Toni Egger foi contestada, pois o segundo morreu em uma avalanche e as fotos do cume se perderam.

Outras competições ainda acontecem no mesmo afã de atingir recordes. O norte americano Dick Bass iniciou um projeto de subir ao ponto mais alto de cada um dos sete continentes. Mas foi o canadense Pat Morrow, em 1985, o primeiro autor dessa proeza (DIAS, 2007). E a maior lenda do esporte, Reinhold Messner escalou primeiro todas as montanhas com mais de 8000 mil metros e foi ao topo do Everest em 1978 sem usar oxigênio suplementar. Ele deixou marcas que são perseguidas no mundo todo ainda hoje. A competição aqui é uma motivação antagônica ao espírito livre de muitos escaladores, mas não pode ser desprezada.

No Brasil, também participamos desse processo. Waldemar Niclevics e Mozart Catão chegaram ao topo do Everest em 1995 e foram

considerados os primeiros brasileiros no topo do mundo (NICLEVICS, 1995). As trajetórias deles foram distintas. Mozart morreu na face sul do Aconcágua, que se acredita ser o mais difícil, vítima de uma avalanche. Isso instigou dois outros brasileiros a chegarem, em 2004, por esse mesmo caminho, Rodrigo Raineri e Vitor Negreti (GASQUES, 2002).

Devido à proeza, estes se lançaram a um novo desafio, subir o Everest sem uso de oxigênio. Em 2006, Vitor chegou ao cume sem essa ajuda, mas morreu na descida por causa do frio e dos efeitos da altitude, um dia antes da primeira brasileira, Ana Boscariolli, atingir o cume com oxigênio suplementar. Em 2008, Raineri volta com oxigênio extra, junto de Eduardo Keppke ao topo. Além desses, apenas Irivan Burda chegou, em 2005, na expedição 10 anos de Everest, com Niclevics. Chegar ao topo Mundo, como é conhecido o Everest, torna um escalador conhecido. Aqui além de motivações intrínsecas, descobrimos que as forças externas também exercem seu poder, dando prestígio e fama, além de proporcionar dinheiro e visibilidade na mídia às pessoas.

Com o surgimento de paredes artificiais no fim do século XX na Ucrânia (PEREIRA e MANOEL, 2008) cristalizou-se a relação da escalada como esporte, pois foi possível realizar campeonatos. Neles, há facilidade em criar regras, estabelecer marcas e controlar o ambiente, apontando para um processo civilizatório do esporte. A escalada seguiu o rumo do espetáculo e o domínio dos meios de comunicação de massa como qualquer atividade esportiva.

Há aqui, uma contraposição entre o espírito competitivo, e a escalada pelo prazer, de movimentos livres, na natureza, cujo único objetivo é a diversão, a liberdade e o prazer, como aponta Marinho (2001). Pode-se escalar em paredes artificiais apenas para tirar as tensões, brincar com amigos, ou ainda para aprender novas possibilidades de movimentos, sem maiores compromissos. Ou, segue-se para as rochas tendo como cenário as árvores, o vento, o sol, e a suave aspereza da rocha, apenas para descortinar a paisagem do topo. Mas o espírito da disputa pode muito bem acompanhar

cada uma dessas possibilidades, afinal as interações entre os seres estão sempre entre os pólos opostos.

A noção de ecologia em Morin, como sistema auto - eco - organizado, não é um paraíso. Pelo contrário, as oposições têm uma necessidade existencial de parasitismo e simbiose.

Começamos, logo, a compreender que a eco-organização constrói-se e mantém-se não somente na e pela associação e cooperação, mas também nas e pelas lutas, devorações e predações, as quais, sem deixar de ser destruidoras, são também, sob outra face, co-geradoras de uma grande complementaridade (MORIN, 2005e: 41- 42).

Interessante é perceber como, em algumas situações, a escalada pode promover a união desses antagonismos. O prazer de se escalar em rocha não se dissocia do desejo de se chegar ao topo. Quando se está apenas diminuindo o stress, numa escalada na natureza, são mantidos objetivos intrínsecos de cada escalador com relação a seu próprio desempenho. Além disso, os objetivos da prática, mesmo em situações de competição, são estabelecidos pelo indivíduo e não apenas pelas regras do campeonato (PEREIRA e ARMBRUST, 2007).

Em todas as situações, as interações influenciam nosso desempenho. Escalando em uma parede artificial, temos a sensação de estarmos sendo vigiados, por quem nos assiste ou pelo companheiro que nos dá segurança. Nos dois casos, podemos sentir a energia positiva dessas pessoas, tanto quanto a pressão para não falhar. Assim, mesmo traçando objetivos próprios, somos forçados pela avaliação externa e até mesmo pela pessoa que nos dá segurança, isto é, pelo nosso companheiro de escalada ao qual confiamos nossa vida.

No *Big Wall* a complexidade é uma composição de diversos fatores: escolher a rota; conseguir equipamentos; conhecer as técnicas adequadas para a tentativa; desenvolver o preparo físico; equacionar a alimentação, o

vestuário, a forma de acampamento, encontrar os parceiros ideais, a época do ano e escolher o estilo de subida, sendo que o mais usado e arriscado é a cápsula. Neste, os escaladores levam apenas a corda suficiente para uni-los e prover sua segurança. Isto aumenta o desafio, pois como as vias em geral não são em linha reta e estão em inclinações negativas, a técnica de rapel para descer ao chão só é possível até certa altura, o destino em chegar ao topo. Os escaladores devem conseguir chegar ao fim da via, ou não terão como descer.

A grande quantidade de variáveis e a escolha de uma forma de subida que impõe restrições e amplia os riscos torna essa escalada um jogo cujo divertimento está em brincar com o próprio destino. A complexidade de auto organização e reorganização dos praticantes com a técnica, o ambiente, o parceiro e si mesmo identifica o *Big Wall* com a frase de Morin (2005c: 138) “Viver de prosa não passa de sobrevivência”.

Escalar um *Big Wall* não é o tipo de experiência que qualquer escalador pode ter, pois mesmo que o escalador consiga um alto nível de organização logística para a empreitada, isso não é o suficiente. Nessa atividade, o enfrentamento do medo da morte, a cada instante, torna o jogo não apenas como uma fase, da qual se possa desistir em algum momento. Aqui, um erro pode ser fatal e a auto organização, nos aspectos mental, corporal e social, precisam funcionar. O escalador não depende só de si, ele está ligado ao parceiro que lhe dá segurança, portanto, uma falha de um pode comprometer os dois. E nenhum dos dois tem a opção de desistir, pois dependem um do outro todo o tempo. O controle da ansiedade, por exemplo, interfere diretamente nas condições fisiológicas em situações estressantes, gerando desestabilizações dos padrões de movimento, dificultando o controle das posturas e movimentações, gerando mais desequilíbrio e mais medo (PIJPERS et al, 2005).

Se não bastasse, há o acaso nas situações de escalada. A despeito de se olhar a previsão meteorológica e se estudar a geologia do local em que se pretende subir, ainda assim, não há certeza se uma tempestade irá pegar os escaladores durante a subida, ou então se alguma pedra irá se desprender,

derrubar, ou atingir alguém. A palavra acaso vem do árabe *az zahr*, e significa jogo de dados (NICOLESCU, 1999). Podemos interpretar o *Big Wall* e a escalada como um jogo de dados, no qual se confia na sorte ao seu lado para vencê-lo. Costa (2000) afirma que as aventuras são dotadas de um sentido, aproximando o aventureiro do jogador que condiciona sua vida à sorte, com a qual ele conta a seu favor.

Nesse jogo, aprendemos a lidar com as incertezas da vida, o que torna a escalada uma atividade com ricas experiências pessoais.

Nos jogos verticais, as experiências se traduzem pelo reconhecimento das próprias potencialidades, isto é, das subjetividades e do conhecimento das regras visíveis ou não à percepção, nos ensinando a assumir os riscos das nossas decisões.

Mas, se pensarmos apenas no *Big Wall* afastaremos a maioria das pessoas dessa prática esportiva, não tanto pelos acidentes em si, muito mais pela sensação de medo que esse tipo de atividade suscita, ou então pelo despreendimento da realidade que esse jogo proporciona aos praticantes.

Os jogos e a escalada podem estabelecer conexões dentro dos limites de risco controlado, como propõem Costa e Tubino (1999). Essas são formas metafóricas que os esportes de aventura, nos quais se inclui a escalada, estabelecem para uma prática com os mesmos valores e sensações das práticas mais arriscadas, porém, mantendo um nível de segurança maior e mais controlado, permitindo uma acessibilidade maior a todo tipo de pessoa.

A aventura é uma palavra que vem do latim e significa o que está por vir, com sentido de imprevisível (FERREIRA, 1989). A escalada é um tipo de aventura em ambientes verticais pouco previsíveis, mas quando nos reportamos ao ambiente de paredes construídas pelo ser humano que imitam a natureza, estamos domesticando a natureza selvagem e tentando reproduzir os sentidos que ocorrem na rocha ou no gelo.

Podemos considerar esses ambientes como ilusórios, mas as sensações providas das práticas são similares e simbolizam para os praticantes a chance de testar suas qualidades em ambientes mais controlados.

Nesses locais, o jogo e a escalada podem se encontrar também na forma de simuladores de diversos componentes do ambiente natural. Marinho (2001) aponta que, apesar da mercantilização do espaço urbano, ela encontrou, nas paredes de escalada indoor, uma sociabilidade e uma afetividade singular que permitem aos atores sociais serem eles mesmos, apesar da disciplinarização dos corpos estar presente em todas as atividades humanas, em especial nas urbanas.

A escalada pode ser concebida como um jogo de vertigem, termo cunhado por Callois (1990) para designar atividades nas quais o prazer está na sensação de deslizar, ou cair; no caso da escalada, de ascender, sabendo da possibilidade de queda.

Essas sensações que dão prazer e podem ser realizadas com certo controle têm o intuito de levar o praticante à emoção como a descrita a seguir:

Então, aquilo que eu esperava aconteceu de repente. As estrelas se foram e eu caí. Como algo que retorna a vida, a corda chicoteou violentamente contra meu rosto e caí silenciosamente, infinitamente, em direção ao vazio, como se estivesse sonhando que caía. Rápido, mais rápido que o pensamento, e meu estômago protestou contra a velocidade da queda. Enquanto eu caía, acima de mim eu me via voar e não sentia nada. Sem medo nem pensamentos. Então é isso! (SIMPSON, 2004: 102).

Proporcionar jogos de escalada para iniciantes pode ser uma ferramenta interessante para aguçar as percepções sobre os benefícios que essa prática produz.

O ensino da escalada como forma educacional, iniciou-se com Maurice Herzog, o conquistador do Annapurna, na França, na década de 1960

(ATTALI *et al*, 2007). Desde então, foram criados métodos que permitem escalar com relativa segurança, adaptando materiais e proporcionando práticas divertidas e eficientes à formação educacional como demonstram vários estudos (HYDER, 1999; BOSCHER e BAKKER, 2002; ARMBRUST e PEREIRA, 2007).

Ramos (1999: 3) apresenta fatores que intervêm na prática da escalada em ambientes construídos, como: “físicos - força, resistência, flexibilidade, coordenação motora, repertório gestual e controle postural; perceptivos - visualização, equilíbrio, tato, relaxamento, orientação espaço – tempo e respiração”. Este autor também os relaciona com os aspectos psicológicos e sociais – “controle emocional, auto-confiança e resolução de problemas”. Esses fatores atuam de forma simultânea durante a escalada em rocha e também estão presentes na escalada educacional, portanto, parece existir uma relação forte entre ambas, permitindo aproximações e aprendizagens. Sobre isso, Marinho (2001) destaca a importância das paredes construídas, porque são momentos de encontro entre os praticantes, nos quais se reforçam os laços de amizade.

Diversos jogos e brincadeiras podem ser adaptados para o ensino da escalada. Um deles é o jogo conhecido, como Jó-quei-pô⁴: Formam-se dois grupos de crianças, um de cada lado da parede de escalada, cada grupo deve seguir lateralmente na parede, isto é, escalando no sentido horizontal, sendo uma criança após a outra, em fila, ininterruptamente. Quando a primeira criança do grupo encontra a primeira do outro, elas devem jogar o Jó-quei-pô, o vencedor continua escalando e o perdedor deve descer da parede e voltar para o fim da sua fileira. Dessa forma o jogo tem uma continuidade. O vencedor do jogo será a equipe que conseguir chegar à primeira agarrar da equipe adversária, podendo o jogo ser recomeçado então. Uma regra importante é

⁴ Jó-quei-pô é um jogo de origem asiática no qual ao se falar o nome do jogo escolhe-se uma entre três alternativas: mão fechada (significa pedra), mão aberta (significa papel) e mão fechada com indicador e anular abertos (significa tesoura). Os adversários colocam as mãos a frente em uma das formas e ganha pedra sobre tesoura, papel sobre pedra e tesoura sobre papel, formando uma lógica circular.

que, se alguém descer, ou cair, enquanto se locomove, essa pessoa deverá retornar ao fim da fila.

Esse jogo tem um objetivo central, que é alcançar o lado oposto. Mas as interações do indivíduo com o ambiente vertical e do indivíduo com os outros indivíduos o tornam um pedaço da vida em pequena escala, tal qual Huizinga (2007) expõe sobre o jogo.

Do ponto de vista individual, a tarefa de escalar envolve: a percepção das agarras; a inclinação da parede; a intensidade de esforço que deverá ser despendido; o posicionamento do corpo na parede para manutenção do equilíbrio; a descoberta de uma forma de jogar o Jó-quei-pô, sem cair da parede, afinal, uma das mãos deverá estar solta nesse momento; a motivação natural de tentar a vitória.

Todos esses elementos estão presentes numa escalada em rocha e envolvem o domínio das técnicas e conseguir usá-las em situações diversificadas e inesperadas, assim, quanto mais se escala e se convive com a complexidade dessa prática, mais ele interfere na forma como tomamos decisões conscientes ou inconscientes. O jogo produz o jogador que produz o jogo. Em qualquer ambiente que se escale, carrega-se a incerteza para se usar no outro ambiente como parte da auto organização para jogar. É desse princípio que Milne e Milne (1962) tiram as ideias sobre a formação do escalador, isto é, o escalador interagindo com a altitude, o frio, a possibilidade de queda, a necessidade do companheiro, a proximidade com a morte, o desejo de alcançar o topo, a criatividade em produzir materiais que aumentem sua chance de sucesso, a capacidade de se equilibrar pelo domínio do próprio corpo entre outras interações que o forcem a se auto organizar.

Do ponto de vista coletivo, as relações nesse jogo implicam em: criar uma ordem de quem será o primeiro, segundo e assim por diante, dentro da própria equipe; alimentar a equipe, voltando quando foi vencido no Jó-quei-pô, ou caiu da parede; indicar locais nos quais o companheiro pode se apoiar; motivar e incentivar os companheiros para a vitória; auxiliar um companheiro

no momento de jogar o J6-quei-p6, segurando-o na parede; estabelecer um confronto justo com a outra equipe; ter na equipe advers6ria um contraponto para reconhecer as pr6prias for7as e limita76es. Aqui, no 6mbito das rela76es sociais, a depend6ncia do outro para atingir metas individuais fica evidente. Essa interdepend6ncia, solid6ria e cooperativa, n6o elimina a competi76o, mas se alimenta desta para produzir condi76es favor6veis ao desenvolvimento pessoal e ao fortalecimento das rela76es humanas; afinal, o jogo, realmente, s6 termina, quando as pessoas perderem o interesse por ele. Numa escalada em rocha, por exemplo, chegar ao topo n6o 6 necessariamente o fim do jogo: h6 o retorno em seguran7a, as conversas sobre a experi6ncia, os resgates em casos de acidente. As rela76es se perpetuam al6m dos limites do jogo propriamente dito.

Outro jogo interessante, que se desenvolve como estrat6gia para o aprendizado da escalada, 6 conhecido como Tr6s – Tr6s. Nesse, um escalador deve realizar uma sequ6ncia de tr6s movimentos na parede. O pr6ximo dever6 repetir a sequ6ncia de movimentos anterior e colocar mais tr6s movimentos, e assim por diante, at6 que atinjam um n6mero de movimentos m6ximo a ser realizado, ou que os participantes percam o interesse na atividade.

Aqui, novamente, temos um jogo com uma a76o entre os indiv6duos em que prevalece a coopera76o, elemento essencial da solidariedade. A participa76o de um, depende do outro. Morin (2000d) insiste na solidariedade como princ6pio 6tico, pois um elemento sustenta os demais e 6 sustentado por eles. Uma das quest6es envolvidas, nesse caso, 6 a criatividade em criar movimentos a partir do seu repert6rio motor, isto 6, da sua hist6ria de vida. Mas a intera76o de um escalador com os movimentos criados pelo outro, proporciona uma intera76o com a hist6ria de vida do outro, suas motiva76es, suas formas de enxergar a escalada, suas possibilidades de movimento e intencionalidades. Nesse jogo, cuja solu76o de problemas 6 predominantemente corporal, a elabora76o de problemas tamb6m 6 corporal, isso n6o elimina a possibilidade de intera76o de outras formas de intelig6ncia, mas exige respostas que a pessoa dever6 expressar corporalmente, mesmo que utilize dicas do outro participante, como por exemplo, sobre uma agarra

que este esqueceu na sequência, ou então que conte o número de movimentos para se lembrar da sequência, ou ainda que se concentre para memorizar a sequência antes de executá-la.

Nesse jogo estimulam-se as competências que o escalador encontra em diversas situações na natureza e mantém-se o caráter de equipe, pois o sucesso do jogo é o sucesso de ambos. Examinemos, por exemplo, a situação de um escalador ao criar uma sequência muito difícil de ser executada. O próximo pode falhar e, mesmo que tente outras vezes, pode não obter sucesso. Nesse momento, o jogo termina, pois não há como dar continuidade. Portanto, as possibilidades de movimento devem ser ajustadas entre ambos para obter sucesso. Da mesma forma, na rocha, não basta que um escalador seja muito bom, ambos devem ter capacidades e competências para chegar ao final de uma via, do contrário não há continuidade na escalada. O desenvolvimento dos potenciais deve ocorrer de forma concomitante para que ambos atinjam seus objetivos pessoais, independente de quem tem, a princípio, mais habilidade ou experiência.

Lembrando sobre a ludicidade que o jogo evoca e trazendo a discussão para a prática da escalada:

A vivência desses aspectos que consideram o ser humano em sua totalidade estruturante; nas suas dimensões irracionais e que reconhecem os poderes dos afetos, dos sentidos, da subjetividade e da imortal memória de nossa animalidade parecem propagarem-se na sociedade contemporânea, e oferecem-nos a prerrogativa teórica que a contradição, o conflito e o paradoxo, são elementos estruturantes da nossa vida (DIAS e ALVES JUNIOR, 2006: 17-18).

A escalada pode ser vivida como um jogo quer seja em ambientes rochosos, montanhas, ou nas paredes artificiais. Nas rochas e montanhas, o jogo tem um caráter de seriedade, pois vida e morte andam lado a lado presas por cordas, mosquetões e nas pontas dos dedos. Mesmo assim, não perdem seu caráter de diversão, de fruição quando se contempla a natureza, de sentimento de felicidade na aventura com os parceiros que dividem as mesmas

inseguranças e regozijos de uma vida em liberdade. Já, nas paredes, constroem-se vias que permitem liberar os movimentos numa infinidade de posicionamentos e esforços. Esses ambientes são pontos de encontro para a sociabilidade, a amizade e a vivência de momentos de alegria, mas podem ter um caráter de treinamento e seriedade, de desempenho e competição, caso a pessoa incorpore esses objetivos na sua escalada.

O jogo, cuja finalidade não é 'séria', comporta a sua própria seriedade no respeito as regras, na aplicação, na concentração e na estratégia.

O universo lúdico pode comportar competições, mas elas estão dentro do jogo, que dá prazer e volúpia, inclusive na angústia. O jogo leva ao transe [...]. Pode comportar riscos, mas são riscos pelo prazer ou pela beleza do jogo. (MORIN, 2005d: 130).

Com os exemplos anteriores, percebemos que intervenções com jogos podem estimular ainda mais as práticas de escalada em paredes, oferecendo novas formas de se divertir e de se libertar nos ambientes verticais, criando situações de aprendizagem e desenvolvimento de forma lúdica.

Descobrimos que a escalada é uma atividade movida pelo prazer: na prática, no movimento, na ascensão. Mas que esse prazer tem uma contradição nos desejos de se atingir metas, de traçar objetivos e vê-los cumpridos, que necessitam de seriedade e compromisso consigo, com seu desenvolvimento pessoal, suas habilidades e capacidades e também com o outro, com segurança e responsabilidade.

A congruência entre prazer e dor, objetivo e liberdade, constantes na prática, são vividas como partes essenciais do jogo de vertigem, pois ela traz o medo e esse dá prazer. O medo como tempero do movimento de subida é o próprio prato principal, isto é, produz a vontade de arriscar-se e arriscando-se sentimos mais necessidade de sentir o medo novamente.

A organização entre prazer e dor e entre medo e coragem são as virtudes vividas na escalada como recompensas.

CAPÍTULO II - O Momento Empírico

Este estudo seguiu uma caminhada, ou melhor, escalada lenta em direção à formulação do problema, à estruturação de objetivos e, quando se deparou com a questão metodológica, a grande dificuldade foi encontrar um método que, se alinhasse com o pensamento complexo.

A decisão por uma pesquisa do tipo descritiva, com abordagem qualitativa, sempre pareceu a mais correta e o encontro com a Epistemologia Qualitativa de González Rey (2005) deu um suporte metodológico em consonância com o pensamento de Morin.

Portanto, esse foi o método escolhido para acessarmos as informações contidas na prática da escalada. Nesse método, a pesquisa é vista na dimensão da construção do conhecimento, na qual o pesquisador e os sujeitos pesquisados interpretam as situações vividas, isto é, a realidade. A partir da orientação e reflexão coletiva, emerge um sentido subjetivo para o conhecimento produzido. Segundo González Rey (2005) esse tipo de pesquisa tem um caráter construtivo interpretativo, pois, a partir da confrontação do momento empírico com a produção teórica, desenvolvemos modelos de inteligibilidade flexíveis, dinâmicos e complexos.

Os procedimentos metodológicos pautados em “Epistemologia Qualitativa” têm por característica não serem obrigatoriamente definidos e seguidos *a priori*. A informação final obtida deles se dá em seu conjunto e sob a chancela dos próprios sujeitos da pesquisa com o pesquisador. Portanto, os instrumentos definidos são aqueles sugeridos por González Rey (2005): o Diário de Campo (DC), os Sistemas Conversacionais (SC), o Completamento de Frases (CF) e o Questionário (Q).

Pereira (1998), discutindo a diferença entre método e técnica de pesquisa, afirma que

[...] as técnicas devem ser aprendidas à medida que as necessidades forem surgindo, porque existem muitas técnicas de que se valem os cientistas e elas variam muito, conforme a área de pesquisa e o problema que se pretende resolver (PEREIRA, 1998: 232).

No caso, a técnica ou procedimento está em contato direto com a realidade empírica e, portanto, precisa ser flexível a esse contexto (DEMO, 1989). A partir dessas concepções foi realizada uma investigação preliminar usando o DC e o SC com outros três sujeitos em uma escalada em rocha, servindo como piloto e cujos resultados podem ser encontrados em Pereira (2009). Foi uma pesquisa que serviu como aprendizado para a familiarização do pesquisador com o método proposto. Aspectos como gravação, transcrição, formulação de questões e temas de debate e os sistemas de conversação, os quais se mostravam como uma novidade para o pesquisador em termos de procedimentos foram aplicados nesse piloto, auxiliando bastante nos procedimentos posteriores, da pesquisa em si.

As informações coletadas a partir das observações foram registradas em um caderno, isto é, o DC, que apresentava também anotações do pesquisador. As aulas também foram filmadas, gravadas em áudio e fotografadas. Os instrumentos foram usados durante as aulas na escola e no passeio à rocha. Todas as gravações foram realizadas a partir da autorização dos pais dos alunos e, após análise, os depoimentos foram totalmente destruídos e as imagens, desde que devidamente autorizadas, poderão servir para futuras exposições do tema em palestras, cursos e oficinas.

Nessa pesquisa foram determinados alguns critérios de inclusão e de exclusão de sujeitos, e fazem parte do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), como: Ser aluno matriculado na respectiva escola e frequentador das aulas de escalada; participar dos procedimentos de pesquisa; ser “Informante Chave”, isto é, fornecer informações relevantes sobre o problema estudado; ter a anuência de pais e/ou responsáveis para participar da pesquisa; colaborar nos instrumentos de pesquisa.

Caso o professor percebesse uma situação de risco desnecessária por parte de um aluno, poderia impedir a participação do mesmo por motivos de segurança e para garantir a integridade física do mesmo ou de outros, já que esta é uma atividade considerada de risco à vida.

O parecer consubstanciado, protocolo 019/2009 enviado ao COEP, foi aprovado na data de 04 de agosto de 2009. O preenchimento e a assinatura do TCLE foram realizados pelos pais e ou responsáveis, após comunicação com a diretoria da entidade escolhida (Anexo 1).

A estrutura das aulas de escalada foi definida a partir do próprio planejamento do professor de Educação Física da escola com o pesquisador, envolvendo técnicas de movimentação na parede de escalada, técnicas de segurança com cordas e discussões sobre diversos aspectos da escalada em rocha, como: planejamento da vivência, alimentação adequada, noções de socorros de urgência, características geopolíticas do local, noções de preservação ambiental e comportamentos de prevenção de situações de risco em altura. Esses aspectos foram desenvolvidos na forma de exposição, demonstração, discussão e exercícios práticos de escalada em parede e rocha do tipo *boulder*, *top rope*, rapel e guiada.

Os documentos oficiais da instituição, como o Projeto Político Pedagógico da escola (ESCOLA DA VILA, 2009) e o Planejamento de Ensino de Escalada (Anexo 2) foram analisados para compreendermos as relações da escalada com a missão e a filosofia da instituição.

A análise e a discussão das informações obtidas, de acordo com os procedimentos orientados pela Epistemologia Qualitativa de Gonzalez Rey (2005), concluem-se como uma síntese teórica dos momentos empíricos do próprio processo de produção de conhecimento. Por sua complexidade, mantém o caráter ativo e responsável do pesquisador pela informação construída. “O processo de construção da informação é regido por um modelo que representa uma síntese teórica em processo permanente a ser

desenvolvida pelo pesquisador em sua trajetória pelo momento empírico” (GONZALEZ REY, 2005: 116).

Isso significa que a síntese compreende: o momento anterior à pesquisa de campo; o período durante a pesquisa, isto é, o contato direto com os sujeitos e a descrição e análise das informações ao final da pesquisa, sendo que, em todo esse processo, as interpretações vão criando condições para que se descubra um significado para o problema, mantendo aberta a possibilidade de novos confrontos com outras realidades.

Gonzalez Rey (2005) ainda define a organização do processo construtivo-interpretativo como lógica configuracional, isto é, uma atividade reflexiva sobre o momento vivido. Estaremos produzindo hipóteses⁵ sobre os sentidos subjetivos processuais, os quais organizem teoricamente a informação obtida pelos instrumentos. Especificamente ao final dessa pesquisa, esperamos produzir um modelo teórico⁶ que responda, através do sentido dado pelos alunos, à complexidade presente na escalada.

Os instrumentos.

- O Diário de Campo (DC), que forneceu informações observacionais do pesquisador sobre o Cenário de Pesquisa. Nele foi possível registrar informações das atividades com os alunos, das conversas com o professor de escalada e de diversos aspectos da instituição.

- Os Sistemas de Conversação (SC) que foram desenvolvidos com gravações de diálogos nas quais o pesquisador buscou captar impressões e expressões dos alunos sobre diversos aspectos das atividades desenvolvidas nas aulas. Nesses momentos alguns temas foram debatidos, como a expectativa de escalar em rocha, a avaliação da competência dos alunos, entre

⁵ As hipóteses são reflexões que ocorrem durante a pesquisa e que podem inclusive alterar os rumos da mesma, sendo necessário apresentarem-se durante o momento empírico.

⁶ Para G. Rey o modelo teórico é uma produção necessária para que o pesquisador mostre sua reflexão sobre a relação do momento empírico com as teorias que contemplam o estudo. Não é a criação de uma teoria universalizante, mas uma construção teórica sobre aquele assunto que dá conta de explicá-lo.

outros. Foi possível conhecer mais sobre as pessoas e seus interesses. O registro de atividades, na forma de vídeo, serviu para demonstrar as habilidades, capacidades, competências e a autonomia dos alunos na escalada. A partir desses registros, alguns debates foram alimentados no Sistema de Conversação. Uma simulação de escalada em rocha foi feita nas aulas dentro da escola, para que eles demonstrassem sua capacidade de escalar na rocha, pois era um elemento pouco conhecido pelos alunos desse grupo. Essa simulação realizada antes de irem à natureza foi usada também para fomentar discussões e reflexões sobre a prática.

- O Completamento de Frases (CF) captou idéias e motivações dos alunos sobre a escalada. Ele favoreceu àqueles sujeitos mais tímidos que têm dificuldade de expressar-se no SC.

- O Questionário (Q) foi usado para obter informações mais objetivas a respeito do conhecimento dos sujeitos sobre a escalada e suas técnicas. Esse instrumento possibilitou verificar como os alunos relacionavam o conhecimento adquirido e a prática da escalada.

- A Filmagem não é um instrumento proposto por Gonzalez Rey, ele sugere o Confronto de Diálogos, que é a troca das informações obtidas no Q e no CF, para posterior debate entre os pesquisados gerando novas hipóteses. Porém como nessa pesquisa as imagens e os movimentos dos sujeitos fornecem indicações importantes sobre seus comportamentos decidiu-se por utilizar esse instrumento, pois, a linguagem corporal produz informações relevantes.

As situações de escalada na escola e em rocha foram filmadas e posteriormente debatidas entre o pesquisador e os sujeitos. Além disso, as imagens forneceram indícios para o pesquisador acerca da forma como cada indivíduo reage e responde às demandas da escalada em diversos aspectos, que puderam ser analisados ao final dos procedimentos da pesquisa.

Essa alteração do rumo dos instrumentos possibilitou acessar “zonas de sentidos subjetivos” (GONZALEZ REY, 2002: 81) importantes para a

pesquisa, pois as imagens complementam ou divergem de algumas percepções que temos durante a pesquisa e permitem aprofundar as entrelinhas entre a linguagem verbal e corporal.

2.1 O Cenário de Pesquisa

Para a realização da pesquisa de campo, Gonzalez Rey (2005) sugere a criação de um Cenário de Pesquisa. Nosso cenário se constitui de um conjunto de aulas de escalada numa instituição de ensino privado da região oeste de São Paulo. O conjunto de atividades ainda contém uma aula na natureza, que se realizará na Pedra da Represa, um maciço granítico considerado como ideal para a aprendizagem desse tipo de prática. Com 50 metros de altura apresenta vários caminhos ou vias de escalada para iniciantes, e se localiza no município de Salesópolis, distante 110 km da capital paulista. Essa aula foi proposta para um sábado, definido juntamente com a instituição de ensino e os participantes para possibilitar o acesso de todos sem interromper as aulas regulares.

O cenário de pesquisa representa-se fisicamente pela escola na qual se encontram os alunos que praticam a escalada e tem características peculiares, cuja descrição pode ser fundamental para a compreensão dos sujeitos que participam da pesquisa, e conseqüentemente, do sentido que dão para essa prática.

As informações colhidas no site da instituição, e nas publicações da mesma, somadas às observações da vida escolar, serão descritas para melhor entendermos esse cenário.

A Escola da Vila é uma instituição que se iniciou em 1980 com o ensino infantil e com a proposta de formar professores em seu Centro de Estudos. Percebe-se, nessa intenção inicial, um desejo da união entre educar e pesquisar para ser vanguarda do pensamento educacional no país. O ambiente institucional se dispõe a refletir, registrar e avaliar o que é realizado nas aulas

num exercício de desenvolvimento de formas democráticas, de convívio com diálogo, solidariedade e respeito (ESCOLA DA VILA, 2009).

O projeto pedagógico, em forma de mandala, encontrado no site da escola, centra-se nos princípios da autonomia, cooperação e conhecimento. O currículo se organiza em espiral, no qual os conceitos mais complexos, como a cidadania, por exemplo, são contextualizados durante os anos desenvolvendo os conteúdos por meio de métodos selecionados, por meio de situações problema visando o “aprender a aprender”, isto é, construindo o conhecimento. A gestão das aulas ocorre em rodas de conversa facilitando a comunicação entre professor e aluno. Outros elementos circulantes no projeto são: a avaliação, a comunidade, a participação dos pais, dos professores, dos membros da administração escolar e dos setores especiais de cultura, língua e esporte (ESCOLA DA VILA, 2009). Assim, compreendemos que a escola produz conhecimento integrando sua comunidade nessa construção, pois ela considera todos os sujeitos que se relacionam com a escola como participantes da construção do conhecimento ali disseminado.

A investigação sobre a unidade escolar leva aos registros acadêmicos produzidos pelos professores da instituição como:

[...] em uma perspectiva construtivista, a ação pedagógica conta com princípios e objetivos previamente definidos, mas não está pronta, acabada: é dinamizada constantemente pelas relações que estabelecem no espaço escolar, pelo fazer diário de professores e alunos (MAGALHÃES; MARINCEK, 1995: 3)

E o setor esportivo também produz conhecimento acerca de sua realidade nessa escola:

Fazer com que todos os atores valorizem o grupo e suas premissas como: perceber e respeitar direitos e deveres, terem comprometimento e pontualidade, cumprir acordos e combinados, ou

seja, fazer do esporte um instrumento de educação corporal, social, cognitiva e motora (SILVA JUNIOR, 2007: 10)

As anotações no DC demonstram uma postura crítica dos alunos posicionando-se com relação aos seus interesses, mas respeitando os interesses dos outros. A democracia é um valor difundido entre os alunos e assumido por eles na maior parte de seus relacionamentos. A escola contém classes dispostas como assembleias, pátio arborizado de convivência, bancos para descanso e encontros, liberdade no uso do uniforme, apesar da obrigatoriedade nas aulas esportivas, como a escalada, e o centro cultural com biblioteca para estudos. Esses espaços favorecem o diálogo e a produção de conhecimento. Não se percebe grande algazarra no intervalo, os alunos não parecem oprimidos na sala de aula, pois, quando se inicia o intervalo, não se vê correria ou pressa para sair da sala. Nesse clima de liberdade, ocorrem as atividades curriculares e extracurriculares da instituição.

A escolha por essa escola ocorreu porque atuo nesta instituição desde o ano 2000 com uma proposta extracurricular de escalada. Conheço bem sua proposta pedagógica e gosto de como a aprendizagem ocorre nesse ambiente. Meu bom relacionamento com a instituição e com as pessoas que ali atuam tornaram minha escolha mais fácil, pois acredito na possibilidade de reconhecer melhor a escalada nesse ambiente tão familiar.

O aspecto pedagógico influencia diretamente no comportamento dos alunos da escalada e só pode ser interpretado à luz da compreensão do que é essa escola, sua Missão, Visão e Valores.

Os sujeitos da pesquisa formam um grupo de sete alunos do ensino fundamental II, com idade entre 11 e 17 anos, todos praticantes da modalidade escalada na escola. Esses alunos se reúnem semanalmente, às 4^{as} e 6^{as} feiras, das 14 às 15h. A escolha desse grupo se justifica pela experiência já adquirida com essa prática, pois a maioria já faz escalada há mais de um ano. Apenas três dos sujeitos já estiveram na rocha anteriormente.

O pesquisador conduziu os sujeitos nas propostas de atividades junto a outro professor de escalada da instituição. O pesquisador é professor de escalada nessa escola, desde o ano 2000 e o outro professor atua também com a escalada, integrantes de uma equipe de trabalho com essa finalidade. Isso facilitou os procedimentos de ensino aprendizagem.

A parede de escalada dessa escola mede 8 metros de altura, por 8 metros de largura. É uma estrutura de ferro com revestimento em madeira em cor verde, com centenas de agarras coloridas espalhadas por ela. As agarras são feitas de resina plástica ou de madeira. A parede é coberta por um telhado que fornece sombra e proteção da chuva, o piso é de cimento e o ambiente em volta arborizado (DC).

Durante a atividade na rocha, ainda contamos com uma estagiária, estudante de Educação Física, visando oferecer maior segurança nas diversas situações na natureza e possibilitando um melhor acesso do pesquisador às informações a serem descritas na pesquisa.

2.2 As subjetividades individuais

Os sujeitos, como co-produtores do conhecimento, carregam em sua singularidade as expressões e comportamentos que permitem acessar informações relevantes para a produção de conhecimento.

Para Gonzalez Rey (2005) a subjetividade é um sistema complexo produzido individual e socialmente que produz um sentido subjetivo para as ações humanas. Esse sentido é uma atividade organizada pelo indivíduo com processos simbólicos, emoções e significados integrados sem que um determine o outro. Para ele a subjetividade individual é a internalização de suas expressões a partir de sua história de vida.

Conhecer e caracterizar os indivíduos permite acessar um pouco de suas ideias, sentimentos, sensibilidades e intuições. Enfim, podemos atingir os objetivos da pesquisa não apenas pelos dados objetivos que obtemos deles,

como: o grau que conseguem escalar, ou há quanto tempo praticam, ou ainda quanta força possuem. Sua subjetividade permite captar o porquê de determinados comportamentos, qual a consciência que têm de seus atos e como se relacionam com as outras pessoas e com o ambiente da escalada.

São estes os sete alunos que participaram da pesquisa como “Informantes Chave”, isto é, sujeitos que produziram as informações relevantes para o pesquisador:

Todos eles foram classificados de forma numeral para preservar suas identidades, porém ao longo da pesquisa, pediram que explicasse porque esse procedimento era utilizado. E após compreender a questão ética envolvida decidiram ser denominados pelo o nome ao qual são conhecidos, preservando sua identidade.

- **Gui** tem treze anos e escala há cinco. Ele é um dos mais aplicados alunos do grupo. Essa foi sua primeira experiência em rocha, uma oportunidade de testar suas habilidades e ansiedades. Em geral, ele é introvertido e fala pouco, tem um comportamento do tipo pouco ativo, porém quando realiza a escalada o faz com extrema precisão de movimentos e muita objetividade, tal qual, quando se pronuncia sobre algum tema (DC). Como, por exemplo, quando afirma no CF: Às 14 horas – “a aula começou e eu comecei meu aquecimento”. Ele tem foco em seus interesses e se dispõe a alcançar o que deseja atingir. Chega à aula e já começa a aquecer-se para realizar as vias da melhor forma possível.

Verificando sua movimentação na parede de escalada, percebe-se que ele usa sempre a ponta dos pés e seus movimentos fluem com naturalidade, porém em determinada situação ele erra duas vezes a sequência numerada que estava seguindo (F 11/09). Nesse caso a displicência na movimentação o fez errar, talvez porque a via fosse fácil. Parece que ele se encontra no limite de suas possibilidades para se reorganizar, como pôde ser observado na filmagem na qual ele escala um boulder difícil e concentra-se o suficiente para mandá-lo na primeira tentativa, mesmo tendo que realizar um

movimento de suspensão do corpo apenas pelas mãos que requer força, confiança e concentração para ser realizado (F 16/09).

Gui encontrou diferenças significativas entre a rocha e a parede como expôs na filmagem (F). Ele apresentou boa desenvoltura na rocha, mas sua primeira experiência em Salesópolis deixou registros de distinções entre o que conhecia e as novidades da natureza. Quando questionado sobre a dificuldade de escalar a via Polenta Frita, que tem graus mais elevado, respondeu: “É, eu achei que foi difícil, mas é bem diferente de escalar na parede” (F – 03/10).

- **Pedro** também tem treze anos e escala há cinco. Ele tem Síndrome de Down, isso lhe confere uma aprendizagem mais lenta do que os demais, mas ele adora escalar. Sua história com o esporte iniciou-se aos oito anos quando fugia da sala de aula e a professora o encontrava subindo na parede de escalada. Conversando comigo decidimos convidá-lo a participar e não parou desde então (DC).

Uma característica da Síndrome de Down, que ele reverteu, foi a hipotonia muscular, pois ele é extremamente forte e apresenta hipertonia nos membros superiores e tronco. Nas aulas ele fez mais flexões em suspensão na barra do que seus colegas. Ele apresenta medo de altura mais do que os demais, porém tem vencido essa dificuldade com a prática. A escalada em rocha será um novo teste nesse sentido (DC).

Ele completou todas as frases escritas sem ajuda do pesquisador ou do professor. Isso demonstra capacidade de expressar seus pensamentos através da escrita. Por exemplo, quando completou: Às 14 horas – “escalada”. Ele associa o horário com a atividade de escalar (CF).

Além disso, percebe-se que o ato de escalar, para ele, é encarado com seriedade. Ele não fica satisfeito quando erra uma via, como no dia em que ao fazer uma travessia errou um posicionamento e não a completou: Ele

olhou para mim, prosseguiu e caiu em pé. Bateu com as mãos nas próprias pernas (F 11/09). Ele auto reprovou sua falha.

Pedro entende a importância da segurança na escalada, afirmando que conhece os materiais usados: “Precisa levar meu pai, ele vai comprar a segurança para mim e também pó de magnésio e o Gri-gri” (Q). Mas ele precisa de supervisão de perto quando se trata de segurar um amigo que está escalando: Gui começa a guiar com Pedro dando-lhe segurança. Ju aproxima-se para ajudar Pedro a liberar e puxar a corda. Pedro nem sempre consegue liberar a corda com rapidez, mas Gui escala rápido. Gui sobe colocando a corda nas proteções, quando vai puxar a corda para passá-la no mosquetão Ju o ajuda a liberá-la. A mão de Ju está sempre segurando a corda na qual Pedro dá a segurança para Gui (F 11/09).

Suas ações apaixonadas na escalada e sua coerência nos discursos nos permitem rever conceitos sobre a própria forma como encaramos portadores de Síndrome de Down. Quando esteve na rocha, nos apresentou ao desafiar a altura, seus medos, encontrando forças para atingir seus objetivos.

Quando perguntamos a ele se imagina que estará escalando no futuro, quando adulto, ele diz: “Eu sou adolescente, eu estou quase adulto” (Q). Ele tem consciência da diferença entre um adulto e um adolescente, organizando-se no tempo e espaço. Ele pode, assim, fazer planos de adulto: trabalhar, fazer faculdade, casar, ter filhos, ter uma casa etc, o que muitas pessoas acreditam não ser possível para uma pessoa com Down.

- **Caco**, com catorze anos, escala há três. Inteligente e crítico ele gosta de falar e expressar sua opinião. Sua dedicação às aulas nem sempre é muito grande, tem outros interesses, pois está conhecendo novas coisas e quer viver novas experiências (DC). Ele mesmo reconhece: “Meu desempenho piorou, mas foi devido a minha ausência nas aulas” (Q).

Durante a escalada em rocha expressou o que a falta de treinos pode gerar. Afirmou que pode conseguir escalar as vias em rocha, mas lhe falta confiança: Caco – “Porque eu já cansei demais nessa. Se for guiar nessa não vou conseguir fazer a outra”. Eu respondo – “Claro que vai, você é forte pra caramba. Você tem meu tamanho”. Caco – “Eu sou gordo, sou gordo” (F 03/10).

Ele é o mais alto da turma e seu estirão de crescimento torna sua coordenação desajustada em algumas situações. Mas essa fase passageira pode ser vivida de forma mais fácil com a prática de um esporte que exige coordenação e refinamento de movimentos como a escalada. Ele é muito alegre, de bem com a vida e articulado verbalmente (DC).

A escalada exige sacrifícios que vão além do querer subir, como por exemplo ficar com os pés apertados, que não é fácil quando se usa sapatilha, porém é o preço que se está disposto a pagar para escalar vias mais difíceis, conforme ele mesmo diz: Quando calço sapatilha – “eu sinto dor” (CF).

Ele já esteve uma vez na rocha. Do local em que escalou tem a lembrança da abrasividade da rocha. No completamento de frases escreveu: Tenho medo – “de cair guiando em Pedra Bela”. Essa referência é marca que guarda dessa escalada, que pode machucar devido aos muitos cristais, portanto não quer se arriscar num local assim.

- **Roncon** tem quinze anos e começou a escalar nesse ano, incentivado pelos amigos da classe. Tem pouca experiência em escalada, mas está bastante interessado em aprender. Fazendo nó – “eu fico todo confuso”. Foi o que escreveu no completamento, isso significa que seu nível de aprendizagem ainda não é muito avançado (CF).

A convivência com a escola, durante a pesquisa, proporcionou-me oportunidades de conhecer um pouco sobre aspectos do currículo oculto da instituição. Na sala de professores o nome desse aluno é comentado, junto a

outros alunos da classe, como um aluno que apresenta certa dificuldade em se concentrar, e, além disso, os professores também têm dificuldade de lidar com suas opiniões.

Na escalada, ele é dedicado, gosta de aprender, concentra-se muito e foi o aluno que maior aprendizado adquiriu. Saiu de uma condição de desconhecimento da escalada e já realiza diversas técnicas com destreza. Tem atitudes ainda imaturas, como numa atividade quando deixou um amigo cair na atividade de cabo de guerra de propósito, mas a convivência com o grupo da escalada é muito favorável ao seu desenvolvimento e amadurecimento social (DC).

Apesar disso, apresenta coragem para dizer que tem medo: Tenho medo – “de altura” (CF). Entre adolescentes, principalmente meninos, afirmar uma fragilidade não costuma ser algo bem recebido, mas ele não teve medo de se colocar perante o grupo.

- **Ju** tem catorze anos, é a mais experiente em escalada do grupo. Participa das aulas há seis anos, é a única que escalou em rocha duas vezes e foi a diversos campeonatos e festivais. Apresenta timidez, mas tem muita sensibilidade e se expressa com clareza acerca de sua própria pessoa. Na sua condição adolescente passa por transformações físicas e psicológicas que interferem e confundem suas percepções, porém é capaz de refletir de forma madura para opinar sobre diversos assuntos. Ela lesionou uma das mãos e está praticando pouco a escalada, mas participa das aulas mesmo assim (DC).

Esse gosto pela prática se associa com a vontade de ajudar as pessoas e ter amigos. Ela apresenta-se sempre solícita, tendo inclusive acompanhado o grupo à rocha, mesmo não podendo escalar por ordem médica. Na escola participava dando segurança aos amigos ou ensinando quem sabia menos sobre técnicas e movimentos como verificado na filmagem: Vitor e Ju estão mostrando a montagem da ancoragem para Flora, explicando sobre como usar corretamente os mosquetões e fitas. Ju coloca o Gri-gri na

cadeirinha para dar segurança e Vitor encorda-se, isto é, ata a corda à cintura para escalar. Flora ajuda Ju a colocar um colchão abaixo de onde Vitor vai guiar, para aumentar a segurança dele (F 16/09).

- **Vitor**, também com catorze anos, é excelente escalador, magro e forte, tem habilidade e desenvoltura. É alegre e parece ser satisfeito consigo mesmo. Sua dedicação às aulas não tem sido muito grande, mas seu conhecimento sobre essa prática esportiva é bom. Ele já escalou em rocha uma vez e participou de alguns eventos e campeonatos. Tem uma atitude otimista frente aos desafios e à vida (DC).

Tenho medo – “[...] de cair em guiada”. Seu alto nível de confiança é bom, mas sabe das limitações do seu potencial frente à natureza, pois guiar na rocha é algo que apresenta riscos potenciais de queda (CF).

Quando desafiado a guiar na escola, mostrou o que já aprendeu até hoje: Em cada momento que vai colocar a corda na costura durante a subida, Vitor fica segurando-se apenas com a mão esquerda numa agarra e com a outra mão pega a corda de sua cintura e prende-a no mosquetão. Seus pés estão bem apoiados nessa situação. Ao final coloca o auto-seguro. Diz – “Tô na minha”, afirmando que está independente da segurança para Ju (F 16/09).

- **Flora**, com onze anos, é a mais nova desse grupo, apesar disso, já escala há quatro anos. É boa escaladora, realiza os movimentos com graça e desenvoltura. Está aprendendo muito com o grupo de colegas mais velhos, principalmente sobre as técnicas de segurança que ainda são novidade para ela. O convívio com os maiores lhe permite perceber os comportamentos de transição entre a fase infantil e adolescente dos amigos. Demonstra muita clareza nas suas opiniões (DC).

Um escalador é um sujeito perseverante e que estabelece metas. Flora, apesar da pouca idade, afirma seus interesses: Meu objetivo – “escalar cada vez melhor” (CF).

Na filmagem isso também fica claro: Flora está tentando um *boulder*. Ela faz força, mas cai. Ju entrevistando-a com a câmera pergunta como se sente. Ela não responde, ri e começa novamente. Na segunda tentativa consegue chegar ao fim do *boulder* (F 16/09).

2.3 As subjetividades sociais

A subjetividade social é representada pelos: mitos, crenças, sexualidade, discursos, produção de sentidos sobre um tema.

Os diversos instrumentos usados nos permitem analisar as relações que os alunos estabeleceram da escalada com a própria vida e os relacionamentos inerentes à sociabilidade. Os indicadores abaixo representam hipóteses levantadas pelo pesquisador sobre a complexidade da escalada e como elas foram apresentadas na perspectiva dos alunos, indicando determinada produção de sentido.

A identidade planetária

Reconhecer a nossa identidade planetária é perceber quem somos e que a Terra é nossa pátria mãe (MORIN, 2005e). O escalador, pela vivência na natureza, vai reconhecendo as diferenças entre os locais, suas peculiaridades e qual seu potencial para enfrentar cada novo desafio.

Caco, por exemplo, quando diz “eu acho que a gente devia ir no Baú” (SC) e completa em outro instrumento: “Na minha opinião, eu sei o básico para escalar uma via simples e até escalar um guiada na rocha” (Q). A Pedra do Baú, com seus 300 metros de altura demanda uma logística mais complexa

do que outras rochas menores e o perigo real dessa empreitada não aceita erros. Lá não existe via simples, pela exposição e altura dos paredões. Conhecer-se e ao mundo da escalada é um processo existencial, vivido corporalmente em contato com o ambiente de desafio, não permite a simplificação do conhecimento meramente teórico ou as conjecturas ilusórias de vivências parciais sobre o assunto, então Caco está em fase de aprendizagem como escalador.

Conhecer é diferenciar aquilo que se percebe. Caco diz: “você tem que ficar procurando as agarras” (F 3/10) e Pedro explica que teve dificuldade porque: “eu acho que as agarras são separadas” (F 03/10). Conhecer as coisas é separá-las entre si, e as agarras na rocha, pela sua falta de evidência, devem ser procuradas e separadas do rocha toda, para que se segure no lugar ideal. A complexidade em encontrá-las está em separá-las sem tirá-las do contexto.

Ju em Salesópolis não está escalando, então pega a câmera para registrar nossa atividade: Ju filma a represa do Tietê, as árvores, as pedras ao redor (F 3/10). O interesse de quem escala vai além do movimento em si, o cenário em volta faz parte da atividade e influencia a própria prática e o praticante.

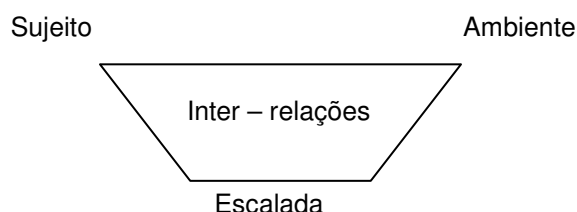
Em outro momento: Caco diz – “Onde você planeja fazer o 3º top? Ali não é uma boa escolha porque tem um ninho, tem um ninho com aranha bem grande?” apontando para uma via de 5º grau (Polenta Frita). Digo apenas – “É o contato com a natureza”. Caco responde – “Desse tamanho a aranha” (mostra com a mão). Dimi – “Melhor ainda, contato com uma natureza maior”. Eles riem. Caco continua – “Você vai primeiro, se ela te morder a gente vai”. Sergio fala – Dimi falou uma coisa legal. Que a aranha tem medo de um bicho maior. Então se você for lá e der uma balançada na teia dela, ela se recolhe. Ela sente o peso pela teia (F 3/10).

Quando se escala o conhecimento de si e do mundo está relacionado diretamente ao sujeito (com sua habilidade e experiência), ao ambiente (com o tipo da rocha – altura, inclinação, textura) e com as relações

que se estabelecem com outros seres no ambiente (aranha, segurança que se dá ao parceiro de escalada ou relação com o proprietário do local).

Um dos exemplos desse conhecimento vivencial pôde ser observado na seguinte frase: “Na pedra você cai e vai ralando e faz uma cicatriz, você cai e a pedra é muito áspera, cristal” (Caco – SC). O sujeito afirma que quando escalou em Pedra Bela, uma rocha ígnea do tipo granítica, ele sentiu na própria pele a ação de cristais arranhando-o, portanto através da prática da escalada ele pode diferenciar os tipos de rocha e saber como deve se movimentar em cada situação.

Para nossos alunos com pouca experiência na rocha a aranha é um elemento a mais na relação que estabeleciam na escola com a escalada, portanto a complexidade torna-se ainda maior quando estamos nesse tipo de ambiente mais aberto e imprevisível.



Os sujeitos se relacionam com o ambiente através da escalada. As variações do ambiente e do próprio sujeito produzem uma escalada mais complexa. A complexidade da escalada é produzida pelas relações sujeito e ambiente. Mas esse circuito retroage sobre si mesmo e a escalada, por ser complexa, exige do sujeito transformações para lidar com o ambiente instável e quanto mais ele cria programas para isso, mais se arrisca em ambientes instáveis. Assim a espiral continua indefinidamente.

Quando questionados sobre as técnicas verticais que deverão utilizar, isto é, as técnicas de segurança, Gui afirma: “Eu acho que já sei fazer bem a segurança para meus colegas e para mim” (Q). Caco e Ju se complementam dizendo respectivamente “tem que saber: guiada, rapel, encordamento” e “*top rope*” (SC). Caco ainda opina “acho que segurança todo mundo sabe dar” (SC). Todos os alunos fazem a segurança em *top rope*, mas

na escalada há outras técnicas de segurança como guiada, rapel, ascensão, montagem de ancoragens, etc. Saber todas essas técnicas e aplicá-las com clareza demanda conhecer ainda mais cada um dos companheiros nas diversas situações reais de escalada.

O conhecimento comporta sempre o desconhecido. Nossos alunos conhecem técnicas, mas a variedade de situações que podem ocorrer em cada tipo de escalada torna o conhecimento por vezes insignificante ou sem significado dependendo da situação que encontrem.

Ju descreve então a sequência do que deve ser feito quando se pretende guiar uma via: “Alguém tem que guiar, tem que encordar, tem que passar a corda no auto seguro e o mosquetão na ancoragem, descer a corda e descer de rapel” (SC). Ju demonstra boa verbalização do conhecimento, isto é, auto conhecimento, pois organiza seu pensamento para expô-lo. Ela não apenas memorizou o que deve ser feito, mas organizou.

Quando questionada sobre o que a escalada já lhe ensinou? Ju responde que a escalada foi uma auto descoberta ou um auto conhecimento:

Eu acho que escalada me ensinou a ficar feliz comigo mesma, quando eu entrei na escola, na Escola da Vila, eu era uma menina muito tímida, e eu comecei a fazer escalada. Eu acho que depois que eu comecei a treinar mesmo [...] eu percebi, quando eu comecei a ver meu grau aumentando, quando eu comecei a competir, eu acho que eu treinava mais para competições do que pra mim mesma. Eu acabei aprendendo de verdade, depois de eu fazer um monte, de me machucar um monte, porque eu tava treinando bastante, é que eu preciso treinar, mas não pra competir. Não faz sentido eu treinar pra competir, não pra mim, talvez pra outra pessoa, mas o que funciona comigo é treinar pra mim mesma. Pra me satisfazer, porque a escalada é uma coisa que eu gosto muito e eu fico feliz quando eu escalo. O que eu aprendi é entender o que significa treinar pra mim. Tem gente que treina pra competições, tem gente que treina pra ir pra rocha, eu acho que o que me interessa não é tanto ir pra rocha, mas pra colocar meu limite sempre um pouco mais pra frente, sem compromisso com campeonato com mais nada só comigo mesma (Ju - SC).

Esse conhecimento sobre si é importante para acessar a informação guardada, isto é, os engramas (MORIN, 2005a). O que pode gerar erro em suas decisões na escalada é a necessidade de auto organizar os programas que possui com seu espírito, que contém tanto os sistemas de logicidades racionais quanto os mitos, fantasmas e ideologias que habitam seu ser.

A contradição entre subir e cair, conseguir e fracassar requer uma tensão entre essas oposições que se expressa na frase de Vitor (CF): Quando toco a última agarra – “eu demoro pra me tocar que acabou e que eu consegui”. Vitor percebe o êxito, mas a consciência do fato vem depois, pois necessita reflexão do próprio ato de sentir. Mente e corpo comportam-se unidualmente como fala Morin (2005a), são unidade, pois não se separam, mas precisam se distanciar e até se opor, para que o indivíduo compreenda sua existência, sendo também dualidade.

Conhecimento pertinente

O que aprendemos deve ser útil para nossa vida. Quando pergunto se o grupo está preparado para escalar na rocha, Gui diz “a gente vai ter uma, ter uma noção do que vai ser lá na rocha” (SC). E Roncon afirma “sim, pelo tempo que a gente está escalando já tem experiência de escalar” (SC). Para eles, fazer as aulas na parede da escola lhes condiciona para o momento da prática na rocha. Eles acreditam que resolverão o problema da rocha com mais facilidade pela prática adquirida na escola. Faz sentido para os alunos praticar na escola para conseguir praticar na rocha de forma segura e eficiente.

Um dos problemas que temos na escalada é escorregar e Gui coloca que: Quando calço a sapatilha – “parece que as vias ficam mais fáceis porque ajuda muito” (CF). Resolver esse problema, para ele, está ligado diretamente a usar a sapatilha. A tecnologia se mostra como ferramenta para essa questão.

Diante de uma nova via, foi uma das perguntas do CF. As respostas: Gui “eu leio e a faço com cuidado para mandar à vista”. Caco “eu a estudo antes de escalá-la”. Ju “leio-a da forma que me permita poupar energia”. A resolução de problemas na escalada se relaciona com o entendimento de como é o caminho a seguir. Decifrar o enigma e estudá-lo mentalmente é uma parte do processo da escalada, que se completa quando corporalmente se aplica a estratégia verticalmente para se chegar ao topo.

Morin (2005e) aponta que a inteligência utiliza de dois expedientes: o programa, que é um automatismo decorrente da aprendizagem de como, solucionar um problema conhecido e a estratégia, que é uma forma de encarar um desafio novo no momento em que ele se apresenta.

Ler a via na escalada é uma tentativa de prever uma situação que ocorrerá. Esse procedimento demanda programas motores que atendam ao requisito daquela situação específica, isto é, uma pessoa que nunca escalou não terá um programa motor para fazer determinada via, pois lhe falta vivência.

Mas a experiência traz possibilidades abertas para o encontro de soluções. Pedro resolveu um problema dessa forma na escola: Há uma situação em que Pedro tem uma agarra com um orifício no qual cabem apenas dois dedos. Ele usa o indicador e o dedo médio, mas de repente ele muda para médio e anular e daí prossegue (F 11/09). Para uma pessoa que não escala isso parece irrelevante, mas os escaladores adquirem mais força nos dedos anular e médio do que no indicador e médio, portanto Pedro já tendo experiência suficiente criou um programa motor que acredita ser mais eficiente e utilizou-o na situação destacada.

Já a situação da estratégia também pôde ser observada: Pedro agora faz um boulder. Ele está a dois metros do chão. Busca uma agarra elevada e fica pendurado apenas pelas mãos. Ele diz – “Ai droga”. Percebe-se numa situação não confortável, e procura um apoio para os pés. Olha para baixo e pisa em uma agarra. Continua e cruza um braço por debaixo do outro para pegar a última. Quando termina olha para mim confirmando seu êxito (F

11/09). Aqui ele teve que recorrer a uma estratégia de solução de problema novo, pois nunca havia escalado aquele boulder e, portanto não esteve naquela posição, então quando se deparou com a dificuldade reclamou e logo tratou de encontrar uma agarra para pisar e se equilibrar.

Muito interessante é a forma como Pedro entende as questões que lhe são colocadas na pesquisa. Na questão 5 do Questionário, foi perguntado como ele avalia seu desempenho na escalada. Ele respondeu: “Eu daria a prova de escalada da semana” (Q). A avaliação como sinônimo de prova, isto é, de causa e efeito tem seu valor. Esse tipo de pensamento que podemos considerar determinista tem que ser considerado, pois o computo (MORIN, 2005e) trabalha com uma composição binária sim e não, para identificar e diferenciar os fenômenos da percepção, procurando respostas efetivas que levem ao acerto, por isso não pode ser desprezado.

No dia 09/09/09 por causa da forte chuva apenas dois alunos compareceram; Gui e Pedro. Eles tiveram como lição que resolver um problema. Foi-lhes dado o equipamento e deveriam simular uma escalada em rocha, como faríamos em Salesópolis. Escolheram entre vários materiais aqueles que iriam precisar e realizaram a tarefa. É bom frisar que tiveram o meu auxílio e do professor de escalada para cumprir o exercício com segurança e correção. Em alguns momentos tivemos que intervir para que eles não cometessem um erro que pudesse causar um acidente. A escolha dos materiais, o uso das técnicas de segurança pelo Pedro, que deveria ser o segurador para o Gui guiar e a destreza do Gui em utilizar seu conhecimento e força para levar a corda ao topo e montar a ancoragem ao Pedro, tudo foi bastante desafiador. Ao final, conversamos e eles perceberam a quantidade de variáveis que existem numa escalada guiada (CD).

Já no dia 11/09/09, foi a vez de um trio fazer a mesma atividade. Vitor guiou, Ju fez a segurança e Flora escalou já com a corda presa em *top rope*. A destreza do Vitor mostrava que sabia realizar os procedimentos; Ju conseguiu entender a sequência da segurança e auxiliar verbalmente os

amigos enquanto Flora demonstrou que ainda está aprendendo essa organização (CD).

Nessas tarefas de simulação, os mais experientes foram preponderantes, mesmo precisando de auxílio em alguns momentos. Aqueles que guiaram precisavam dominar as técnicas de escalada, mas ainda precisam controlar as emoções e não deixar o medo dominá-los enquanto estão subindo para passar a corda nas proteções. Os que ainda não conseguem guiar, preferiram, naquele momento, não tomar a frente e se arriscarem demais, pois consideraram seu desempenho insuficiente para resolver tal problema. Há um duplo sentido nessa decisão de guiar ou não: em primeiro, é preciso conhecer os procedimentos e até verbalizá-los; em segundo, conseguir executar os movimentos enfrentando seu medo. Essas duas coisas estão interligadas e tomar o lugar de guia simboliza estar auto organizado para relacionar os elementos desse complexo sistema “conhecimento – execução”, no qual a emoção, os equipamentos, o parceiro, o meio ambiente, a via, enfim, tudo que se liga ao fato de guiar em rocha, está engendrado.

Essencialmente recorreremos a ideia de se aproveitar a experiência de outrem para aprender. Isso não está errado, mas seguir cegamente nesse caminho pode diminuir a criatividade e auto confiança de um escalador.

Durante uma filmagem Flora mostra isso: Flora está fazendo a travessia numerada. Num movimento mais difícil ela ignora uma informação que dei, mas faz o movimento com eficiência. Ela erra uma sequência de mãos e após meu auxílio ela corrige e continua corretamente. Dou outra dica em um momento, ela ignora novamente, senta-se sobre um dos calcanhares, deixa um pé solto no ar, está bem equilibrada e alcança uma agarra para a mão, realizando a passagem por esse lance. No final da travessia ela utiliza mais uma dica minha, dessa vez se desequilibra, mas recupera o equilíbrio e chega à posição final (F 18/09).

Percebe-se que o escalador precisa acreditar em suas convicções para tomar decisões. Quando ela aceitou minha informação não obteve bom

resultado e teve que corrigir um desequilíbrio. A pertinência de um conhecimento se dá na descoberta do quanto aquele conhecimento tem serventia verdadeira nos problemas a serem enfrentados.

No dia 16\09\09, os alunos Ju, Pedro, Gui, Flora e Caco realizaram a simulação. Nessa aula mais uma vez os alunos foram muito bem. Lembrando que por vezes, é necessário dar informações sobre segurança, para que não se coloquem em situação de risco desnecessário. Alguns procedimentos são extremamente complexos na escalada. A confecção de nós deve ocorrer de forma precisa, e a colocação de proteções também. Em geral, eles carecem de alguma informação ou esqueceram alguma técnica e precisam ser lembrados. Percebi que os mais experientes e habilidosos na escalada foram preponderantes nessa tarefa, um dos motivos é a necessidade de guiar, na qual a inabilidade pode resultar em acidente e, portanto, aquele mais experiente precisa tomar a frente (CD).

Na prática esportiva em geral, a técnica costuma ser uma forma mais eficiente de realizar um determinado movimento que permita atingir objetivos com menor gasto energético. Mas os exemplos da escalada que são observados nas filmagens trazem a técnica como uma possibilidade de movimento que deve fazer parte da história de cada pessoa.

Pedro apresenta boa flexibilidade no quadril e escala sempre de frente para a parede. Ele não faz movimentos de *drop knee*² mantendo o corpo lateralmente na parede, seu tronco está sempre de frente, mas a flexibilidade no quadril proporciona bom posicionamento nessa situação (F 11/09).

Gui está um pouco mais veloz do que Caco e atinge uma parte mais reta da parede, ele procura apoio para os pés e ascende fazendo um *drop knee* (F 3/10).⁷

⁷ *Drop knee* é um movimento específico da escalada na qual com o corpo lateralmente à superfície escalada a pessoa vira os dois calcanhares para o mesmo lado e abaixa um dos joelhos, abaixando o quadril e melhorando a estabilidade.

Flora segue com o som dos pássaros cantando ao redor. Apóia alternadamente braços e pernas. Ela ajusta o pé numa saliência e posiciona-se em drop knee e assim, passa um lance mais difícil (F 3/10).

Nesses exemplos percebe-se que Flora e Gui usam a técnica de drop knee. Pedro não utiliza, ele escala sempre com as pernas em abdução, mas a boa flexibilidade permite que se movimente lateralmente com eficiência.

Nesse caso, percebemos que há duas respostas para um mesmo problema e que a resposta está ligada diretamente ao sujeito que responde. Pedro, por ser portador de Síndrome de Down, tem maior flexibilidade articular do que a média populacional, portanto o movimento de frente para a parede não lhe é desconfortável. Ele também não utiliza muito a ponta dos pés, impedindo que gire o quadril e posicione-se lateralmente em relação à superfície escalada. Nada disso o impede de realizar as vias, pois afinal, parece não ter medo. Nada disso o impede que realize as vias, pois esses fatores biomecânicos estão relacionados com o psicológico, afinal o medo é restritivo a capacidade de escalar de Pedro. A Síndrome de Down é uma alteração genética que se caracteriza pela afetividade do portador e o medo é um fator gerador de insegurança. A afetividade não se relaciona positivamente com a insegurança, pelo contrário é preciso se sentir seguro para vivenciar a afeição e sentir amor para se sentir seguro.

A prática da escalada nesse contexto não dissocia os dois elementos, técnicos e psicológicos, eles convivem e interferem diretamente nos resultados e reagem um sobre o outro. Nesse sentido a especialização é uma possibilidade convergente de se obter: eficácia, precisão, rapidez e funcionalidade, mas que também pode produzir perda de autonomia, inibir competência e anular propriedades do indivíduo.

Ética

Será que eles conseguem escalar sem o professor? Ju afirma que “Sim”, mas Gui, Roncon, Vitor e Caco dizem “Não”. Ju justifica ainda “porque eu acho que a gente tem competência”. Todos os outros dizem que não concordam e alguns dizem seus motivos, como afirma Roncon: “eu pessoalmente não teria muita coragem de ir sozinho”. Caco diz: “eu teria, mas sei lá, no caso de emergência”. Ju justifica novamente dizendo “iria sem professor porque montaria o top rope”. Vitor afirma conhecer seu potencial “sim eu sei o que eu posso fazer, por isso mesmo eu não iria sozinho me arriscar” (SC).

No primeiro dia de filmagem na escola, Pedro e Gui têm a missão de guiar a corda ao topo da parede. Eles estão arrumando os equipamentos: Pedro abre o gri gri e coloca a corda sozinho, o professor apenas faz a explicação do procedimento. Gui então guia sob supervisão e recebendo informações do professor, aos poucos Pedro consegue liberar sozinho a corda (F 09/09)

Nessa atividade percebe-se que a autonomia dos alunos, quando se trata da segurança de seus amigos, e da própria, é parcial, pois o professor sempre supervisiona as ações. A ética da escalada envolve correr riscos dos quais se tenha controle e domínio de ações, pois o bem precioso da vida que está em jogo não deve ser desperdiçado. Isso serve para a vida dos companheiros, do ambiente e para a própria vida.

Gui (CF), ao dar segurança diz – “tomo cuidado e presto atenção para que ninguém se machuque”, marcando a responsabilidade em seu comportamento.

Vitor emprega uma poesia para mostrar como a escalada se apresenta como problema, para ele escalar é um aprendizado e um desafio. Fazendo nó – “é que se amarra a vida” (CF). Ele explica a importância do nó como cordão umbilical. A corda exerce o poder de unir as pessoas pelo que tem de mais importante, portanto aprender a escalar é criar um elo com as pessoas.

A ética na escalada se configura como auto ética, isto é, não apenas um conjunto de regras a seguir, mas como regras criadas pelo ser humano que o escalador deve conhecer e decidir se seguirá, ou não, dependendo das suas convicções e das necessidades existenciais do indivíduo e do planeta. Isso indica uma autonomia do indivíduo para escolher os rumos a seguir.

Caco (CF) diz “Dando segurança eu tenho que ser responsável”. Parece que o quesito segurança é o mais citado nessa frase. Apesar de jovens eles sabem exatamente o que significa ser responsável.

O mesmo aluno complementa: “Uma montanha requer mais atenção que uma parede”. Como ele já esteve uma vez na rocha, sabe que a altura muda a percepção do medo e, portanto identifica na atenção um item de cuidado.

Pedro entende de forma complexa o que significa cuidar da natureza. Ele respondeu no Questionário sobre a relação da escalada com a preservação ambiental que: “Você precisa cuidar da natureza e dos animais principalmente alguns que mordam” (Q). Cuidar da natureza para ele se caracteriza como não destruir tanto quanto não ser destruído por ela. Esse é um pensamento do tipo recursivo, pois percebe que o mesmo que dá a vida pode tirar. Esse tipo de resposta ocorre apesar de sua inexperiência na rocha, pois são raros acidentes com animais nesse ambiente, apesar de existirem cobras, aranhas, vespas e abelhas que podem matar um escalador quando está em ação.

Roncon conseguiu entender o que significa a ética do montanhismo: “Acho que quando escalamos na rocha temos que preservar o meio ambiente para os outros também poderem escalar” (Q). Mesmo não tendo lido o Código de Ética do montanhismo ele percebe que preservar o patrimônio natural, isto é, a natureza física dos elementos que compõem a escalada em rocha, é uma forma de preservar o direito às gerações futuras a escalar, isto é, preservar o patrimônio cultural que é a escalada, como manifestação humana de desejo de subir e reconhecer-se como parte da natureza.

O *ethos*, radical grego da ética, é o lugar onde se escolhe para viver, descansar, um bom lugar, um bom modo de viver. A ética necessita no sentido amplo das relações humanas dos acordos entre as pessoas e com os lugares.

Vitor, Gui e Flora preparam-se para guiar. Será uma simulação do que enfrentarão na rocha. Guiar envolve diversos aspectos da segurança. Eles escolhem os equipamentos, entre vários que estão na mochila, às vezes, tiram uma dúvida comigo ou com o Prof. Sergio. Vitor não quer ajuda de Gui, pois quando esse se oferece para auxiliar em um procedimento, Gui afasta-se. Flora vai dar segurança e questiono se ela vai dar conta, já que é sua primeira vez dando segurança para guiada e ela é mais nova de grupo. Vitor está um pouco perdido no nó de encordamento e pergunto por que não deixou Gui ajudá-lo. Ele diz que queria fazer sozinho para verificar se conseguiria. Explico que a escalada é um esporte de equipe. Gui vai auxiliar Flora na segurança (F 18/09).

Complexidade

A disjunção de que fala Morin em sua obra, refere-se a tudo que separamos e não conseguimos unir novamente, seja por uma forma redutora de pensar, ou por uma necessidade de manter a ordem ao custo da ilusão do pensamento.

Podemos perceber em alguns discursos que apesar dos ensinamentos deterministas a que todos estamos sujeitos, há respostas que permanecem recompondo os sentidos das coisas para os escaladores do grupo.

Caco afirma sobre a leitura da via:

A partir do momento que você conhece a via, você gasta menos tempo nela, fica mais fácil, eu estou escalando um 5A eu quero treinar mais para escalar e estar chegando num 5B, 6A [...] porque já sabe qual movimento vai ter que fazer, vai economizar mais tempo e mais força, vai ficar menos tempo parado, mesmo que fique lendo a

via, na hora que chegar tem que decidir [...] na hora você vai saber o que tem que fazer (Caco - SC).

Ele fala da necessidade de ler a via antes de escalar, pois assim pode economizar energia. Quando faz a leitura cria imagens de seu corpo subindo e prevê situações que poderão ocorrer. Mesmo que não tenha total consciência desse ato, ele está ligando a capacidade de pensar com a de se movimentar. No final da frase ele afirma que apenas ler a via não basta e que na hora decidirá, porque saberá o que tem que fazer. Isso significa que lemos a via para facilitar nosso caminho, mas a realização não se simplifica na racionalização. Aquilo que se imaginou como melhor resposta para uma via pode se descobrir como um erro, ou então a ação que se realizou não foi exatamente como se planejou o que pode levar a uma situação ainda não pensada e à necessidade de alteração da primeira proposta de programa de movimento escolhida. Caso isso aconteça, o escalador deverá criar uma alternativa e algo comum nessa situação é perceber-se corporalmente, isto é, através da propriocepção do seu corpo na via, define-se qual o melhor caminho a seguir. A racionalidade é um caminho necessário à empreitada, mas a intuição anda junto a ela.

Podemos dizer que a estratégia é uma: “Aptidão para aprender ou procurar na incerteza levando em consideração a incerteza. Aptidão para modificar o desenvolvimento da ação em função do acaso e do novo” (MORIN, 2005f: 70).

Ju também fala desse tema dizendo: Subindo – “não penso, só sinto e faço-o como li. Às vezes, tenho que mudar o plano, pensando... Mas só quando erro... O que é raro” (CF). Ela diz que segue seus sentimentos, mas confirma que precisa pensar algumas vezes, mesmo que sejam raras, como ela mesma afirma. Essa colocação final é uma rendição à objetividade para se alcançar o êxito, que não elimina outras formas de inteligência, mas que aceita seu potencial racional para encontrar a maneira certa de chegar à meta estabelecida.

[...] a inteligência pode ser reconhecida inicialmente como arte estratégica no conhecimento e na ação [...] a inteligência é a aptidão para aventurar-se estrategicamente no incerto, no ambíguo, no aleatório, procurando e utilizando o máximo de certezas, de precisões, de informação [...] a inteligência é a virtude de um sujeito que não se deixa enganar pelos hábitos, temores, vontades subjetivas (MORIN, 2005f: 73).

Apesar dessa constatação, o próprio Morin deixa uma possibilidade de abertura para aqueles que acreditam apenas na racionalização: “[...] todo sistema racional inclui questões as quais não pode responder” (MORIN, 2005b: 257). Dessa forma nada mais complexo do que Ju acreditar na sua intuição e na sua racionalidade para escalar bem.

A recomposição de que falamos também se dá na interação das pessoas com o local, isto é, o ambiente em que a escalada ocorre. Nossa aventura na natureza possibilitou experiências diversas para os sujeitos e possibilidades de aprendizagem.

Nossa religação com o ambiente natural, isto é, as árvores, os rios, a terra, o mato, os insetos e os animais vivenciada, nessa escalada criou instabilidades dos comportamentos rígidos dos sujeitos, que precisaram ser mais flexíveis e abertos a novas experimentações.

Quando chegamos, a chuva do dia anterior havia deixado muita lama na estrada e tivemos de descer do carro e andar até a rocha. Enquanto andavam foram percebendo sua inabilidade de desviar das poças d’água e do barro e chegaram com os pés bem sujos ao final. Caco, com seu tênis novo preferiu ir descalço (DC). Esses contatos incomuns para moradores de cidade grande são fontes de ruído importantes para a melhoria da percepção de novas possibilidades com o mundo.

Ju falando sobre a escola escreve: Minha escola – “tem árvores” (CF). As árvores na escola representam um ponto de equilíbrio numa cidade como São Paulo, na qual o concreto predomina. Conviver com algum verde

aproxima nossa percepção da Terra como *oikos*, ou habitat em grego (MORIN, 2005e). Esse sentimento de pertencimento planetário possibilita a eco - organização, isto é, a compreensão do biótopo, ou o meio geofísico, com a biocenose, isto é, as interações entre os seres vivos desse biótopo. Isso dá um caráter vivo ao ecossistema, mostrando nossa dependência de articulação com as imposições e restrições do biótopo para nossa sobrevivência.

Foi isso que percebeu Gui quando respondeu sobre a natureza – “é legal e com muitas aventuras, mas que podem ser perigosas”. Apesar de se sentir instigado pela natureza, Gui não esquece a precaução (CF). Ele completa a frase mostrando a contradição inerente à diversão da aventura, que não se desprende dos riscos da mesma.

Ju fez observações no DC em que acredita na importância desse contato com a natureza na escalada em rocha:

[...] a experiência de escalar de ter um contato mais próximo do meio ambiente é muito importante, pois talvez, quando os alunos atuais forem adultos que pretendem derrubar um pequeno e insignificante pedaço do que resta de floresta em SP, tenham motivos pelos quais pensar duas vezes antes de realizar a ação (Ju – DC)

Esse tipo de declaração mostra como o ambiente da cidade de São Paulo no qual vivem, não é percebido como meio ambiente. Para ela a presença de árvores é importante, tanto na escola quanto na rocha. Mas quando escalamos em Salesópolis a árvore era o único local que nos abrigava do sol e do calor e assim era valorizada, acreditando Ju, que essa vivência poderia gerar mudanças nos comportamentos dos amigos.

No DC do dia 26/08/09 discuti com os alunos Gui, Pepê, Caco, Roncon e Ju sobre planejamento de escalada em rocha. Eles conseguiram planejar uma série de ações que vão praticar, mas a falta de prática em rocha dificulta avaliar suas ações. Teoria e prática devem andar juntas no

aprendizado de tudo e isso inclui a escalada, como ficou claro para o grupo, pois alguns elementos e procedimentos tiveram que ser revistos e reforçados para uma execução segura em rocha.

Quando Pedro tentava a via Santa Ignorância, Gui ajudou-o a colocar a cadeirinha. Fran o acompanhou na via Coça as Costas e ficam a menos de 4 metros de distância um do outro. É ela que vai dando dicas para ele. Caco também diz a ele - “Sobe o pé esquerdo”. Eu falo – “Estende a perna”. Pedro está parado e procura agarras para as mãos. Seu corpo permanece estável. Está na parte mais inclinada, quase 90 graus. Sobe pé esquerdo em uma boa agarra, sobe o corpo para direita, apóia a mão direita e o pé direito procura apoio, quando acha movimenta-se para a direita e esquerda. Faz uma sequencia de quatro movimentos sem parar. Está a cerca de 20 metros de altura. Seu corpo dessa vez não está tão deitado na pedra. Fran diz a ele – “Não olha para baixo não” e completa dizendo que há uma boa agarra próxima ao joelho dele. Ele coloca o pé onde estava a mão e sobe o corpo. Seus movimentos seguem mais coordenados e soltos. Normalmente, ele fica inclinado na rocha, mas ao se movimentar afasta o quadril para poder movimentar as pernas. Ele avança mais um lance e diz – “Ah droga”, pois sente-se sem agarras boas para as mãos. Seu equilíbrio está nas pernas. Dessa vez ele faz movimentos de extensão de joelho e quadril e vai subindo lentamente. No final da via, ele está apoiado apenas na ponta dos pés. Ele diz quase no final – “Ai, aqui dá medo”. “Isso Pedro” – diz Fran. Ele chegou no topo (F 3/10).

A situação vivida ocorreu depois de Pedro não ter conseguido chegar ao topo da primeira via que havia tentado. Ele estava decepcionado e teve de ser incentivado a tentar novamente uma escalada. Ele sentiu duas grandes dificuldades: uma foi o medo de altura, pois nunca havia escalado nada com mais de 10 metros; a outra foi a inclinação positiva da parede que exigia mais apoio nos pés do que nas mãos. Como Pedro aprendeu a escalar na escola em uma parede com boas agarras e inclinação negativa não usava bem a ponta dos pés.

Quando partiu para a Santa Ignorância utilizou mais a ponta dos pés, melhorando seu equilíbrio e assim pode enfrentar seu medo de altura, pois começou a acreditar na possibilidade de chegar ao topo. Pedro religou seu próprio corpo na escalada: mãos, tronco, pernas e pés trabalharam de forma conjunta para estabelecer um resultado esperado o que normalmente não ocorre na parede da escola: Ele usa braços e pernas coordenadamente, mas continua apoiando o meio do pé nas agarras (F 11/09).

A escalada em rocha como religação dos saberes é um mosaico contendo vários elementos que foram captados por Ju em Salesópolis: estávamos sentados em um banco de madeira abaixo de uma grande árvore, que pela proximidade com a rocha fornecia sombra e o nome da via Coça as Costas do Duende, afinal quando se desce dela, seus galhos tocam nossas costas. Comemos lanche, chocolate, frutas, barras de cereais. Caco teve um pequeno arranhado no joelho devido à pedra que caiu quando escalava. Ju filmou os equipamentos que estavam sobre uma lona no chão. Sergio desceu de baldinho com Caco dando segurança. Caco completa – “Essas vias cansam demais, você tem que ficar parado procurando agarra” (F 3/10). Aqui percebemos um rico ambiente interdisciplinar, pois diversos conhecimentos estão distribuídos ao mesmo tempo nesse momento.

Nessas descrições são apresentadas atividades que costumam ser vistas isoladamente em vários ambientes de aprendizagem e especificamente da Educação Física, mas no contexto vivido nessa pesquisa elas se misturaram, sendo que algumas vezes inverteram lógicas padronizadas que estamos acostumados a presenciar.

A lógica de práticas esportivas geralmente é racionalizadora, com regras rígidas, objetivando a vitória, e, portanto, dicotômica. Mas a escalada aproxima o praticante do imaginário. As vias de escalada, por exemplo, têm nomes sugestivos como: Santa Ignorância, Polenta Frita, Invasores, Néphila, entre outras que encontramos em Salesópolis.

A peculiaridade de dar nomes às vias de escalada é uma forma de quebrar a racionalidade do próprio croqui, isto é, do desenho que é feito da via e que mostra os pontos de apoio, o tamanho, a dificuldade e os perigos que se encontram naquela via. O croqui é a forma objetiva de encarar o desafio, enquanto o nome é a forma subjetiva; ambos povoam a mente do escalador e devem permanecer juntos para aplinar os riscos que se pode correr.

Por que subir a montanha?

Qual o motivo leva os sujeitos dessa pesquisa a escalar? A partir de algumas possibilidades que foram levantadas por diversos autores no Capítulo I, pretendemos identificar como pensam os jovens escaladores?

Roncon e Pedro completaram a frase: Meu objetivo é: “ficar mais forte” – “escalar para ficar forte”, respectivamente (CF). Ambos são muito fortes, isso é visível nas aulas e nos exercícios de flexão na barra que executamos. Mas percebem que a escalada pode tornar-lhes ainda mais fortes, pois experimentam diversos movimentos que requerem grande energia. Ficar forte é uma emergência de escalar. Em cada dificuldade que surge durante a subida eles se auto organizam e provocam mudanças corporais, que são novas qualidades ou propriedades consideradas como úteis no futuro.

Mas também há outros objetivos. Alguns deles apontam para a chance de por um fim à angústia. Eles completaram essa frase da seguinte forma: Quando toco a última agarra - “de uma via difícil eu sinto alívio” (Caco – CF). “Dei um suspiro” (Roncon – CF). “Eu demoro pra me tocar que acabou e que eu consegui (Vitor – CF). Escalar é desafiar a morte, metaforicamente ou não, por isso chegar à última agarra é ter vencido o desafio, ou melhor, sobrevivido.

Nosso problema aqui está no ataque que a morte inflige à nossa existência, que é egocêntrica, afinal quando morremos acaba apenas a nossa vida, e não a vida. Mas como diz Morin (2005e: 324) “cada um carrega, com a sua pequenina morte, o cataclisma de um fim de mundo.” A morte pode não ser o fim da vida, mas é o fim daquela existência.

Assim, a angústia por arriscar a existência parece ter fim quando se chega à última agarra da via, isto é, conseguiu-se transcender e afirmar-se no mundo apesar do fim certo de todo ser vivo. Essa forma de encarar um desafio propositalmente arriscado para testar seu valor é feita nessa prática esportiva ludibriando os perigos da queda, pois como afirmam os sujeitos ainda no Completamento de Frases: Meu objetivo é: “me divertir” (Gui, Caco, Vitor - CF), ou “me satisfazer” (Ju - CF). Eles encaram o desafio fatal brincando com ele, tirando prazer da dor, transformando o mal em bem, rindo da morte.

A morte é sim o fim certo do ser, portanto parece razoável levá-la na brincadeira, pois o divertimento pode nos distrair do destino fatal. Como disse Morin (2005c: 138): “Viver de prosa não passa de sobrevivência.” Por mais angustiante e doloroso que seja o momento vivido na escalada acredita-se na vitória, isto é, na possibilidade de chegar a última agarra e vencer os próprios medos e fraquezas.

Mas como encarar esse tipo de desafio e ainda divertir-se com ele? A escalada, como outras atividades de aventura, é uma representação motora, que nesse novo milênio pode servir como aprendizado para enfrentar as incertezas do mundo por vir. Devemos conviver com a imprevisibilidade e acreditar na chance de sucesso na vida como em um jogo de dados. Jogo de dados em árabe significa *az-zahr*, ou acaso (NICOLESCU, 1999). O sentido das atividades de risco parece estar ligado a uma condição accidental ou caótica de acontecimentos. O sentido da escalada aproxima o aventureiro de um jogador de pôquer que mantém sua vida condicionada à sorte que conta a seu favor.

Fruir é deixar as emoções e sensações acontecerem sem que a razão seja prioridade nos comportamentos, mas que ela participe desse processo. Quando Roncon diz sobre a expectativa em relação à rocha: “espero coisas bacanas” (SC), podemos entender que não é apenas aquilo. A fruição é resultado não só do que ele explica, mas também da soma de tudo que vivencia.

Gui, ao falar de suas expectativas coloca o desejo pela montanha como algo que povoa seu imaginário, liberando suas fantasias e sonhos: “Sempre quis fazer novas aventuras e escalar a montanha é uma” (CF). Pedro também se imagina escalando quando completa a frase: “Subindo pedra gigante” (CF). O gigante é como ele vê a montanha que poderá ser vencida com emoção e imaginação.

Na aula do dia 19/08/09 os alunos Gui, Pedro, Caco e Roncon falaram sobre como seria sua primeira vez na rocha. O que mais marcou essa entrevista foi a expressão de felicidade no rosto deles (DC).

“Meu objetivo é superar meus limites para simplesmente me satisfazer” (CF). Ju consegue verbalizar ainda melhor sua intenção na escalada. A satisfação pessoal está acima de outras vontades. Ela percebe que a escalada deve ocorrer pelo prazer que proporciona, não apenas por metas a serem atingidas de forma exterior à sua vontade.

“Meu objetivo é me divertir mandando os boulders e vias, claro” (CF). Vitor destaca o aspecto lúdico da atividade de escalar como fonte de fruição.

Pedro, por exemplo, durante as conversas sempre afirmava positivamente as perguntas como: Você quer escalar na rocha? Acha importante aprender os nós? Você vai conseguir escalar num local mais alto do que na parede da escola? Você não tem medo de escalar? Ele sempre se mostra confiante e sorri quando se expressa sobre seu desempenho ou sua expectativa de subir uma parede ou rocha (SC). Mas após seu sucesso de ter escalado duas vias de 25 metros, em Salesópolis, ele está diferente, novo.

Sua avaliação de desempenho apresenta o quanto percebe o ponto anterior em que estava e sua chegada ao final da via lhe abre novas perspectivas, ele consegue enxergar que fez algo além do que previa ser possível e diz que agora quer escalar com o pai. Ele tinha confiança em seu potencial, mas a novidade da escalada em rocha fez sua máquina corporal

ferver, ou seja, se **auto – eco – geno – feno – re – organizar** (MORIN, 2005e).

Pedro é um ser **auto**, isto é, produtor de si mesmo. Assim, conseguiu produzir formas de movimento novas em seu acervo motor, que lhe permitiram escalar utilizando mais as pontas dos pés, o que era essencial na ocasião.

Ele é um ser **eco**, quer dizer, ecológico, dependente da interação e autônomo para decidir como vai interagir com o meio em que vive. As imposições da rocha: sua inclinação, altura e a falta de agarras coloridas foram obstáculos que o forçaram a interagir e se adaptar, melhorando sua aptidão como ser vivo.

Ele também é **geno**, ou melhor, ele tem potencial hereditário para duplicação reprodutora. Isto lhe dá a capacidade de criar instruções para a máquina celular de seu organismo de forma engramada, ou gravada na memória genética, permitindo que reproduza esses movimentos no futuro.

Pedro é **feno**, isto é, ele tem ânimo para interagir com o meio, pois seu corpo produz energia vital, turbilhonar que mantém o ser vivo e ativo nas decisões e ações de troca com o meio. Ele perdeu na primeira tentativa de subir a rocha, mas bastou o incentivo dos professores e a vontade própria para se lançar em mais uma tentativa derradeira e colher os frutos da vitória na segunda escalada.

Pedro é **re**, ou seja, ele reproduz, recorre, repete, renova, retorna e recomeça: “[...] o recomeço é um movimento espiral que se afasta de sua fonte, cada vez que se aproxima dela” (MORIN, 2005e: 384). Quando Pedro for escalar novamente ele não será mais o mesmo, pois agora está mais preparado, como afirmou após subir a segunda via na rocha: “Agora acho que sou melhor do que antes” Pedro (SC).

Finalmente ele está organizado. Pedro mobilizou todos esses aspectos para se organizar, ou seja, ele ferveu-se por alguns momentos com

tal intensidade para fazer surgir da ubris, isto é, da desordem inicial a dike, ou seja, a ordem, através de uma nova organização interna. Essa estabilidade permanecerá até que novo caos desencadeie um turbilhão de conflitos, desejos, temores, dificuldades e contradições capazes de elevar novamente seu potencial para um patamar ainda mais alto.

Mas não adianta apenas acreditar na turbulência geradora de ordem e desordem. O ser precisa de alegria para viver. A fruição é um estado de felicidade mesmo que momentâneo, que pode gerar o interesse em repetir algo que se experimentou. O prazer em escalar deve vir junto a toda a aprendizagem e desenvolvimento que se possa adquirir e do qual se tenha consciência.

Ju, ao entrevistar Flora durante a aula, pergunta: – “O que você sente depois de escalar?” E ela responde: “cansada”. Ju: – “E quando você termina uma via?” Flora responde sorrindo – “Felicidade!”. Ju – “Qual seu objetivo quando termina uma via?” Flora – “Fazer outra” (F 16/09). Não precisa haver nenhuma meta para que Flora resolva escalar. A escalada lhe proporciona felicidade e isso basta para ela, tanto que sempre quer fazer mais.

Marinho (2001) nos ajuda a entender melhor a busca do prazer na escalada quando afirma que:

Pode-se dizer que o conceito de aventura, nos muros artificiais de escalada, aproxima-se mais de um tipo singular de vivência lúdica, manifestada por um jogo de movimentações corporais, cujos parceiros e equipamentos compõem o cenário (MARINHO, 2001: 79).

A autora ainda aponta para diferenças entre a escalada na natureza que tem maiores imprevisibilidades e riscos em relação a escalada em muros. Assim o prazer na escalada realizada na escola pode ser mais fácil de ser alcançado, pois não exige tanto conhecimento de técnicas de segurança e de fatores psicológicos na ação. A pessoa pode se concentrar mais nos movimentos e no objetivo de terminar a via.

Já a escalada em rocha pode trazer frustração ao praticante que não atingir o topo, apesar do cenário natural e da tranquilidade do local serem mais desejados pelos amantes do isolamento. Por outro lado, quando se consegue chegar ao fim de uma via desejada, a explosão é maior, porque foi necessário reprimir as emoções por mais tempo e dedicar mais habilidades e capacidades físicas e mentais para chegar à meta.

Podemos pensar no prazer dessas escaladas como formas distintas do mesmo:

- quando na parede da escola o sujeito está menos exposto ao risco e seu corpo tem mais liberdade de movimentar-se com menos preocupação em quedas e ferimentos. Assim, o movimento do corpo é o grande captador de sensações positivas; essas sensações retroagem sobre o ser como estímulo ao desejo de fazer novos movimentos.

- quando se escala em rocha há mais riscos potenciais de acidentes, portanto, há mais inibição de movimentos, procura-se mais certeza, por outro lado o enfrentamento do próprio medo e o desejo de chegar ao final, explorando aquela rocha gera sentimentos vigorosos que retroagem sobre o corpo, possibilitando a precisão dos movimentos do corpo e gerando mais vontade de seguir em frente.

Em ambos os casos há um circuito recursivo. “Eu defino aqui como recursivo todo processo pelo qual uma organização ativa produz os elementos e efeitos que são necessários à sua própria existência” (MORIN, 2005a: 231).

O prazer do movimento gera interesse no ser em realizar novos movimentos (parede artificial), ou o desejo de subir proporciona condições de se movimentar para manter a vontade de continuar subindo (rocha). Nos dois casos temos uma organização produtora de si mesma.

Talvez seja esse prazer que difira os seres humanos dos demais. Uma bactéria também se auto organiza para reproduzir-se e viver. Mas no humano isso é diferente porque ele pode sentir prazer na reprodução

colocando seu cérebro a serviço da individualização. Mesmo em seres mais evoluídos, como outros mamíferos, que também sentem prazer, nos diferimos na questão da linguagem. Ela nos permite comunicar nossos sentimentos de forma elaborada e com muito mais variedade nas intenções e vontades. Nosso prazer não é só desejo de chegar ao topo, é prazer em perceber nosso corpo subindo e prazer em querer que nosso corpo nos leve a sentir emoções.

Nas aulas dessa escola, Pedro sempre é um dos primeiros a chegar. Logo coloca a sapatilha e independente de receber alguma instrução do professor, começa a subir pelas agarras, quer seja um boulder marcado na aula anterior, ou algum caminho novo que ele mesmo criou. Há algo no movimento de escalar que o propulsiona para o alto.

Quando ele esteve na rocha encontrou no desafio de atingir o impossível e o improvável, outro motivo que foi além do movimento de ascensão. Dessa vez, foi seu espírito que o empurrou para cima, fazendo a flexão de joelho se tornar extensão e forçando sua mão a tatear a rocha em busca de agarras que permitissem segurar o corpo com firmeza, para nos olhar do topo e perceber que era capaz de chegar onde seus sonhos o levavam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa nasceu das inquietações do pesquisador sobre sua condição singular de professor de escalada escolar. Esse fato, por si só merece atenção, afinal não são muitos que se enveredam por caminhos desconhecidos. Mas as profundas transformações que um escalador passa em sua convivência com as montanhas e a altura, o levam a questionar seu próprio pensamento. E essa aproximação com uma metamorfose interior me fez enfrentar essa via do conhecimento.

A complexidade que o pesquisador percebeu na escalada lhe pareceu distinta da maioria dos pensamentos e modos de vida com os quais conviveu anteriormente. Investigar esses pontos de vista embasados em uma teoria, que pudesse explicar a prática da escalada sem as limitações do modelo científico tradicional, que se baseia no determinismo, na objetividade, na ordem e na razão foi a ideia central desse estudo.

O pensamento de Edgar Morin foi a fundamentação necessária para procurar mais do que respostas prontas para os problemas, ao contrário, foi uma forma de encontrar os problemas, como vimos no Capítulo I.

O método de pesquisa de Gonzalez Rey, por sua vez, permitiu verificar se outras pessoas, no caso, alunos que praticam aulas de escalada, encontram nessa prática: motivos, prazeres, e compreensões que se alinham com a fundamentação teórica.

A síntese desse estudo permite pensar a escalada em sua complexidade, na qual, fazendo parte da vida das pessoas, pode influenciar seu modo de ser. Isso foi possível a partir das contradições entre as subjetividades individuais e sociais com a teoria que sustenta essa pesquisa.

Teoricamente levantamos o problema da nomenclatura da escalada e propusemos que o escalador denominasse sua prática, a partir de sua experiência, pois cada indivíduo percebe de forma diferente uma mesma

situação e a escalada contém diversas formas de prática, aumentando a variedade de respostas possíveis.

Percebe-se que a escalada em rocha agora promove a percepção de distinções entre o modo urbano e selvagem, gerando oposições de significado, mas isso não significa alterar ou confundir a nomenclatura da escalada. O escalador diferencia formas de ascensão, mas mantém seu foco na verticalidade que reúne todos os tipos de escalada.

Escalar apresentou-se como uma forma de conhecer os efeitos que a verticalidade pode causar no corpo: arranhões, aumento de força, domínio de movimentos, o medo de se machucar na queda. Mas percebe-se também, que a partir desse contato com a montanha pode-se conhecer o planeta: sua formação rochosa, a criação das montanhas, os outros seres que a habitam, a nossa fragilidade frente às paredes, além das questões sobre a adaptação orgânica que a escalada provoca.

Na rocha percebe-se que o contato com aranhas, terra, vento, colegas, técnicas de segurança entre tantos outros elementos que compõem o cenário são formas de se apreender o mundo, vivenciando situações e sentindo as emoções dessas vivências. Diferente de ter uma aula de biologia em sala, aqui era possível sentir a rocha, agir sobre ela e perceber a reação da mesma no organismo. Através da distinção entre o eu e o meio pode-se abrir uma porta de conhecimento para o mundo, um conhecimento que surge na junção dos saberes. Assim a escalada mostra-se uma fonte rica de conhecimento interdisciplinar.

Enveredamos também pelo caminho dos problemas, pois analisando a escalada verificamos que ela sempre nos trás um mistério a ser solucionado. Ora é compreender como faremos um movimento, ou qual o caminho melhor a seguir, ou então, estamos na encruzilhada de decidir se continuamos ou não a subir, pois a vida está em jogo.

Os sujeitos da pesquisa em algumas situações mostraram indignação frente aos desafios da rocha, pois afirmaram que escalar cansa, e

que tiveram dificuldade de encontrar as agarras. O contato deles com o ambiente era desafiador, necessitava concentração e acima de tudo o exercício de separar e/ou unir cada elemento do ambiente, para utilizá-lo a seu favor. Por exemplo, deveriam identificar as agarras e saliências na rocha e a forma de aplicar força em cada local, acreditando na segurança que era feita pelo companheiro, ao mesmo tempo deveriam excluir da sua estratégia os caminhos que pudessem levar para o lado errado da via e tirar da sua mente as aflições e medos que resultassem em bloqueio de seus movimentos.

A natureza, ou *physis*, em grego surge da catástrofe entre a ordem e a desordem, permitindo a reorganização auto produtiva do ser. São as imposições da escalada que fornecem aos sujeitos condições propícias para a descoberta de potenciais criativos para resolver o problema de como subir e um dos resultados é a mudança do próprio ser. As indignações ocorriam provavelmente porque estavam num período de desordem, procurando se estruturar e isso geralmente causa desconforto.

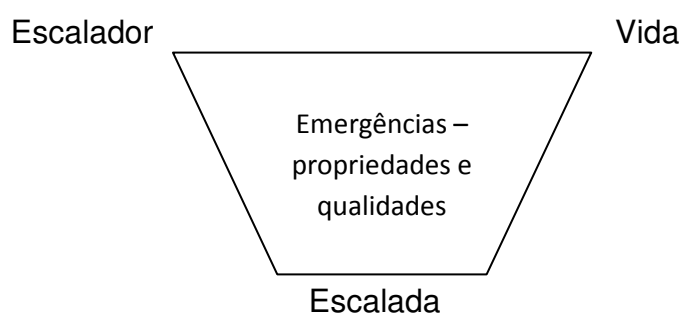
Nossa casa viva, *oikos*, em grego, é esse lugar desafiador para os escaladores, O mundo vertical é uma parte do ambiente que instiga e chama as pessoas ao jogo de escalar. Essa casa viva proporciona aos seres a possibilidade de auto, eco, feno, geno, re, organização. O escalador articula as hereditariedades individuais e culturais (capacidade física de escalar e técnicas de escalada), com as trocas que realiza com o meio (rocha, parceiros de escalada, equipamentos, clima, ensinamentos do professor) produzindo modificações em si e no meio ambiente.

Uma das formas utilizadas na prática esportiva para obter êxito é aplicar determinada técnica. Essa quando automatizada permite maiores possibilidades de acertos. Na escalada um dos fatos que dificulta a utilização de tal programa de movimento é o medo da queda. Os movimentos já realizados com competência podem não servir para todas as situações e a possibilidade de queda inibe a execução segura de movimentos conhecidos. No *oikos*, não basta o conhecimento racionalizado, é preciso emocionar as razões e racionalizar as emoções.

Sobre isso os sujeitos afirmaram que a leitura de via é um instrumento importante para aumentar as chances, mas confirmam que as imposições e aberturas do meio, são componentes que requerem estratégias abertas para a imprevisibilidade. Utilizar a intuição, a sensibilidade e a coragem são igualmente importantes.

A capacidade de escalar as vias na escola, algumas vezes de forma displicente, outras com a necessidade de auxílio do professor por motivo de segurança, ou ainda de enfrentar o desafio de escalar uma via de 25 metros na rocha, confiando na experiência dos professores e na própria habilidade, representam uma manifestação de inteligência. Nesse sentido, a inteligência na escalada é uma emergência, que surge de forma lúdica iludindo a probabilidade de morrer.

A escalada pelas características de equilíbrio e de loucura (*dike* e *ubris*, em grego) no enfrentamento dos riscos provém o praticante de interações, que despertam as qualidades e propriedades no “ser máquina” (Morin, 2005a). Ela dá ânimo para movimentar e aquecer o circuito de organizações ativas de enfrentamento das dificuldades da vida.



Mas qual a finalidade de se arriscar a preciosa vida em uma atividade como a escalada?

“[...] o risco e a luta desenvolvem a astúcia e a inteligência estratégica. Mas o verdadeiro desabrochar da inteligência e do ser humano apela para a conjunção da incerteza do risco e da certeza do

amor. Precisamos que o meio nos traga agressão e afeição” (MORIN, 2005e: 82).

Parece que a “felicidade” de se escalar compensa o “alívio de chegar à última agarra. Nessa tensão entre o prazer e a dor, nos reportamos as sapatilhas apertadas no pé, que ajudam muito nos movimentos, fazendo valer a pena seu uso. Nesse meio que proporciona sentimentos antagônicos os sujeitos aprendem a lidar com situações da vida.

Assim o escalador desenvolve qualidades inteligentes como aprender por si mesmo; hierarquizar o que é importante; eliminar as inutilidades; analisar os meios para chegar a um fim; reconsiderar a sua percepção; utilizar o acaso a seu favor; perseguir os rastros dos erros; refletir sobre o futuro e modificar estratégias (MORIN, 2005f).

Os sujeitos precisaram subir movimentando-se por si mesmos; eles escolheram os equipamentos e técnicas de segurança que usaram, como fizemos na escola antes de irmos à rocha; eles eliminaram os movimentos inúteis nos desafios de *boulder* na escola; eles analisaram a via para atingir seu fim; repensaram seus pontos de vista sobre como seria uma via na rocha; acreditaram na sorte para decidir fazer um movimento quando estavam com pouco equilíbrio; tiveram que encontrar os erros de conceitos que não se encaixavam a realidade da rocha; eles também pensaram no futuro da natureza que os cercava; modificaram estratégias durante a subida quando ela não trouxe sucesso.

As necessidades da escalada ocasionaram adaptações às situações, sem as quais os sujeitos não atingiriam seu objetivo de subir e serem felizes.

Mas nossa dependência cultural pode determinar normas que engessam o comportamento. A escalada pode ocasionar certas condutas mecanizadas como a maioria das práticas esportivas, afinal a utilização de técnicas de segurança obedece padrões e sequências ordenadas de ações

para garantir a vida. Durante o momento empírico pode-se observar, avaliar e auxiliar na especialização de normas de segurança para que os alunos escalassem sem acidentes. Ao mesmo tempo, houve a chance de realizar movimentos menos rígidos que outras práticas, pois apesar de alguns alunos utilizarem a técnica do *drop knee*, isso não foi condição para o sucesso na escalada em rocha. O antagonismo entre norma e liberdade forma a dialética na qual um escalador deve comunicar seus interesses e estabelecer um diálogo consigo, com os outros e com o meio.

Para Morin (2005b) o mundo da ideias, *nous* em grego, tem vida, pois as ligações nervosas cerebrais, que fazemos constantemente são ligações físicas e geram sistemas auto organizados, isto é, sistemas vivos. O escalador, portanto, deve permitir e exercitar tanto os pensamentos objetivos sobre a via e as regras de segurança, quanto deixar que os movimentos, os mitos, as crenças, as intuições e animalidades auxiliem no enfrentamento da morte, para encontrar um significado maior do que apenas uma vitória sobre uma montanha ou uma parede.

Nossa diferença de outros seres vivos reside na capacidade de organização através das interações entre cultura e biologia, e nas relações humanas e celulares que proporcionam ao homo *sapiens demens* (MORIN, 2005d) a existência, isto é, uma emergência que desenvolve a inteligência com consciência e pensamento, nos permitindo perceber o todo nas partes e as partes no todo. Escalar uma via na escola na primeira tentativa como é compreender que o encadeamento das partes é essencial para se completar a via. Esse exercício de movimentos encaixados, tal qual um quebra cabeças, pode facilitar o desenvolvimento do potencial humano.

Outro aspecto a destacar foi a verbalização da responsabilidade que compartilham os sujeitos, nos momentos de dar segurança aos companheiros. Isso não se resume a conhecer e aplicar a técnica de segurança. A responsabilidade para eles é um compromisso com o outro, uma forma de garantir que a recíproca seja verdadeira, isto é, preocupar-se com a vida do outro assim como se preocupam com a minha. O ser é egocêntrico por

natureza, precisa pensar em si para sobreviver, mas a alteridade com os outros seres e com o meio é um caminho para a compreensão e para a ascensão da via.

Aqui se justifica o princípio moral apontado por Morin (2005c) de religação do ser com o outro. Os valores da dignidade humana, vida, solidariedade e assunção dos riscos na aventura, que fazem parte das condutas dos escaladores são assimilados pelos alunos, através da ligação ao outro por uma corda, sentindo a fragilidade da vida em suas mãos.

Na escalada deve emergir um diálogo com o outro para realizar uma via. As habilidades relacionais que precisamos desenvolver são: obter conhecimento pertinente; não faltar com o senso crítico numa tomada de decisão; sacrificar um desejo pessoal em nome do coletivo; combinar audácia e precaução; pensar no bem coletivo, individual e do meio ambiente; identificar e comunicar a luta pelo bem (MORIN, 2005c).

O problema no caso da escalada é que se trata de uma atividade que ruma ao desconhecido, o improvável, o imprevisível e o imponderável e, portanto: “quando se trata de obedecer um dever simples e evidente, o problema não é ético, mas ter a coragem, a força e a vontade de realizar o seu dever. O problema ético surge quando dois deveres antagônicos se opõem” (MORIN, 2005c: 47).

O jogo imita a vida e é a vida. Podemos verificar que o jogo da escalada produz alterações nas dimensões corporais e psíquicas dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Suas motivações para fortalecerem-se, satisfazerem-se, divertirem-se e aliviarem-se da angústia pela incerteza do destino se parecem com as diversas descrições de jogos de vertigem. Guardando as devidas proporções, as emoções de escaladores em *Big Walls* ou em grandes montanhas como o Everest são similares as que nossos sujeitos sentiram, pois há riscos que potencializam o imaginário e mantém a condição de jogar com o acaso da mesma forma que encontramos em qualquer tipo de escalada.

A complexidade da escalada conclui-se pela ligação entre o ser biológico, na descoberta da potencial individualidade; com o ser psicológico na intencionalidade de suas ações; com o ser social na relação com os demais e com o ser eco no pertencimento ao planeta. Talvez essa seja uma forma de compreender a tal corporeidade do ser humano na vertical.

O ambiente vertical é a meta, a montanha é o objetivo e ela está lá como um prêmio, uma glória à coragem, à força, ao equilíbrio, à superação. Sua contradição é a via, o caminho, a subida que pode trazer a morte no deslize, a queda fatal. E no meio do caminho há o ser humano que estabelece uma relação com o ambiente vertical através da sua ascensão. Nessa subida deverá se relacionar, no anel tetralógico, com os elementos: agarras, equipamentos, intempéries, gelo, ar rarefeito, a pele áspera, a sapatilha apertada, o companheiro, a rocha, o vento, o medo, o desejo etc.

A auto organização do ser é o momento vivido com o ambiente vertical e com a via de acesso a ele. A existência do ser em movimento na via, rumo ao topo, é a corporeidade que se expressa. Se a corporeidade é (MOREIRA, 2006), então a escalada é a corporeidade vertical. No conflito entre vida e morte encontra o escalador motivos que dão sentido à sua existência.

Talvez a ascensão da escalada permita mesmo uma transcendência e uma percepção da existência. Nesse caso se podemos falar da escalada como corporeidade na vertical. Então temos na fala de Flora que a escalada a deixa feliz e que isso basta para que continue escalando, pois sabe que escalando será novamente feliz.

Nessa prática esportiva, o corpo é vivido na sua totalidade e funcionalidade, pois pode trazer recompensas que são valorizadas como justas, mesmo com os riscos inerentes sobrepondo o prazer à possibilidade de morrer. Interpretações conflitantes e consoantes estão dispostas ao mesmo tempo na escalada. O prazer da busca vem junto aos riscos da ascensão, não se dissocia, tem vida.

É cedo e tarde para concluirmos qualquer coisa. Cedo, porque a complexidade da vida demanda mais do que essas linhas para uma compreensão desse problema. Tarde, porque talvez melhores conclusões podem gerar melhores soluções para a vida daqueles ao qual a escalada já toma um lugar importante na vida.

Mas de qualquer forma chega a hora de parar e perceber, que a escalada é uma prática esportiva que compreende uma grande complexidade que é experimentada por quem a pratica. Parar e descobrir, que arriscar-se ao imprevisível de uma via de conhecimento como essa, muda nossos pontos de vista sobre a prática e sobre nós mesmos. Parar e entender que a aplicação da escalada como elemento educacional, como estudado, necessita de um espírito aberto à complexidade para não tornar a escalada mais uma prática esportiva presa aos ditames do pensamento disjuntivo.

As considerações aqui expostas são o ponto de partida de novas indagações sobre aspectos da complexidade e sobre a escalada. De forma alguma se esgota o assunto, mas acredita-se que essa pesquisa proporcionou diversas reflexões sobre o tema, elucidando a escalada em diversos aspectos e ampliando a noção de complexidade, como uma possibilidade de pensar sobre a educação física, a educação física escolar e o próprio pensamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMBRUST, I.; PEREIRA, D. W. **Atividades de Aventura para o ensino médio: Propostas Inovadoras**. In: 2º Congresso Brasileiro de Atividade de Aventura. UNIVALE, Governador Valadares, M. G., 5 a 7 de julho de 2007.

ASCHCROFT, Frances. **A vida no limite: a ciência da sobrevivência**. São Paulo: Jorge Zahar, 2001.

ATTARIAN, A. Rock climbers self-perceptions of first AID, safety, and rescue skills. **Wilderness and Environmental Medicine**. v. 13, n, 4, p. 238–244, dez 2002.

ATTALI, M.; SOARES, C. L.; SAINT MARTIN, J. Conseqüências e tentativas de democratização da Educação Física na França entre 1945 e 1981. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 28, n. 2, p. 9 – 20, jan. 2007

BECK, Sergio. **Com Unhas e Dentes**, Edição do Autor, 2ª edição, 2002.

BOUKREEV, Anatoli e De WALT, Weston. **A escalada: a verdadeira história da tragédia no Everest**. São Paulo: Ed 34, 1998.

BOSCHKER, M. S.; BAKKER, F. C. Inexperienced sport climbers might perceive and utilize new opportunities for action by merely observing a model. **Percept Motor Skills**. n. 95, v. 1, ago. 2002, (p. 3 – 9).

BRITO, A. G. As montanhas e suas representações: buscando significados à luz da relação homem – natureza. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**. V. 8, n. 1, 1º sem. 2008.

BRUHNS, Heloisa Turini. Corpos femininos na relação com a cultura. In: ROMERO, Elaine. **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1995.

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Tradução de José Garcez Palha. Lisboa: Cotovia, 1990.

CARBINATTO, Michelle Viviane. **A teoria da complexidade e a Educação Física: buscando a religação dos saberes na área**. Dissertação (Mestrado). Curso de Educação Física. UNIMEP: Piracicaba – SP, 2006.

CBME, 2009. **Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada**. On line. Disponível em: URL <<http://www.cbme.org>> Acesso em 10/08/2009.

CELINO, J. J; LEITE, O. R. A Importância das Controvérsias Geológicas no Ensino de Geologia: exemplo do Modelo Fixista à Tectônica de Placas. **Cadernos de Geociências**, IGEO - Salvador - BA, v. 6, n. 1, p. 41-58, 2001.

COSTA, Cristiane de Souza Carvalho. **Formação profissional no esporte escalada**. Dissertação (Mestrado) Curso de Educação Física, UGF - RJ, 2004.

COSTA, V. L. M; TUBINO, M. J. G. A Aventura e o risco na prática de esportes vinculados à natureza **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v 6, n. 2, p. 96 -112, nov 1999.

COSTA, Vera Lucia Menezes. **Esportes de aventura e risco na montanha. Um mergulho ao imaginário**. 1º ed. São Paulo: Manole, 2000.

DAFLON, Flavio; DAFLON, Cintia. **Escale melhor e com mais segurança: manual de técnicas de escalada**. Rio de Janeiro: do Autor, 2007. 287 p.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. Rio de Janeiro, Atlas, 1989.

DIAS, C. A. G. Convergências, divergências e intersecções: diálogos sobre montanhismo. **Esporte e Sociedade**. Ano 2, n.6, jul./out. 2007.

DIAS, C. A. G; ALVES JUNIOR, E. D. Abertura da temporada de montanhismo 2005 no Rio de Janeiro: notas etnográficas. **Arquivos em Movimento**. Rio de Janeiro, v.2, n.1, jan./jun. 2006.

EMMER, Denise. **Memórias da montanha**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

ESCOLA DA VILA, 2009. On Line. Disponível em: URL: <<http://www.vila.com.br>> Acesso em: 10 de agosto de 2009.

FARIA, A. P. Classificação de montanhas pela altura. **Revista Brasileira de Geomorfologia**. Ano 6, n.2, (21-28), 2005.

FEMERJ, 2009. **Federação de Montanhismo e Escalada do Rio de Janeiro**. On line: Disponível em URL<<http://www.femerj.org>> Acesso em 10/08/2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FERRER, Diego Ferrer. **Bases metodológicas para a preparação física de escaladores esportivos**. Monografia de graduação apresentada na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Ed.35, Petrópolis – RJ: Vozes, 2008.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GASQUES, Marcus Vinicius. **Montanha em fúria: aventura e drama no Cerro Aconcágua, o maior pico das Américas**. São Paulo: Globo, 2002.

GONZALEZ REY, Fernando Luiz. **Pesquisa qualitativa em psicologia. Caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

GONZALEZ REY, Fernando Luiz.. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2005.

HEMMLEB, Jochen; JOHNSON Larry A; SIMONSON, Eric R. **Fantasmas do Everest. Em busca de Mallory e Irvine**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HERZOG. Maurice. **Annapurna. O primeiro cume com mais de 8 mil metros conquistado pelo homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HEYWOOD, I. Urgent dreams: climbing, rationalization and ambivalence. **Leisure Studies**, v. 13, n. 3: jul, (179-194) 1994.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens. O jogo como elemento da cultura.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

HYDER, M. A. Have your students climbing the walls: The growth of indoor climbing. **Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, V. 70, n. 9, (32 - 39) 1999.

KANT, Emmanuel. **Crítica da razão prática.** Lisboa: Edições 70, 1997.

KRAKAUER, Jon. **No ar rarefeito.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LONG, John **How to rock climb.** Chockstone Press. Evergreen, Colorado, 1993.

MAGALHÃES, L; MARINCEK, V. Instrumentos de registro da reflexão do professor. In: CAVALCANTI, Zélia (coordenadora). **A história de uma classe de 4 a 5 anos.** Porto Alegre: Artes Médicas, v.3, (3-11) 1995. (Série Cadernos Escola da Vila).

MAGALHÃES, J.; DUARTE, J.; ASCENSÃO, A.; OLIVEIRA, J.; SOARES, J. O desafio da altitude. Uma perspectiva fisiológica. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto.** V. 2, n. 4 (81-91), 2002.

MANSUR, A. Resgate no Everest. **Revista Veja.** 23 jun. 1999. On line, Disponível em URL: <http://veja.abril.com.br/230699/p_066.html> Acesso em 14 nov. 2009.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 11^a ed. 2007.

MARINHO, Alcyane. **Da busca pela natureza aos ambientes artificiais: reflexões sobre a escalada esportiva.** Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas – Educação Física. Campinas – SP: 2001 (138p).

MARINHO, Alcyane. Da aceleração ao pânico de não fazer nada. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa Turini (org.) **Turismo, lazer e natureza**. Barueri, SP: Manole, 2003.

MELO, Rogério Silva de. **Os jogos das paixões ordinárias nas emoções ascensionais – o imaginário social dos escaladores**. Tese (Doutorado) Curso de Educação Física, UGF – RJ, 2006.

MILNE, Lorus; MILNE, Margery. **The Mountains**. New York: Life Nature Library, 1962.

MORAES, L. C.; OLIVEIRA, D. C. Emoções em situação de risco em alpinismo de alto nível. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte e do Exercício**. 2006; 0: 4–21.

MOREIRA, Wagner Wey. Corporeidade aprendente: a complexidade do aprender viver. In: MOREIRA, Wagner Wey. **Século XXI: a era do corpo ativo**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

MORIN, Edgar. **O Método 1. A natureza da natureza**. Tradução: HEINEBERG, Ilana. Porto Alegre: Sulina, 2ª ed. 2005a.

_____ **O Método 4. As idéias: habitat, vida, costumes, organização**. Tradução: SILVA, Juremir Machado. Porto Alegre: Sulina, 4ª ed. 2005b.

_____ **O Método 6. Ética**. Tradução: SILVA, Juremir Machado. Porto Alegre: Sulina, 2ª ed. 2005c.

_____ **O Método 5. A humanidade da humanidade: a identidade humana**. Tradução: SILVA, Juremir Machado. Porto Alegre: Sulina, 3ª ed. 2005d.

_____ **O Método 2. A vida da vida**. Tradução: LOBO, Marina. Porto Alegre: Sulina, 3ª ed. 2005e.

_____ **O Método 3. O conhecimento do conhecimento**. Tradução: LOBO, Marina. Porto Alegre: Sulina, 3ª ed. 2005f.

_____ **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

_____ **Ciência com consciência.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____ **Os problemas do fim do século.** Lisboa: Editorial Notícias, 1991.

_____ **A inteligência da complexidade.** Edgar Morin e Jean Louis Lê Moigne. Tradução: FALCI, Nurimar Maria. São Paulo, Peirópolis, 2000a.

_____ **A Cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000b.

_____ **Meus demônios.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000c.

_____ **Saberes globais e locais: o olhar da transdisciplinaridade.** Participação de Marcos Terena. Rio de Janeiro: Garamond, 2000d.

NASSIF, Letícia. **Representações do risco sobre a prática do montanhismo na cidade de Petrópolis.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Educação Física – Universidade Católica de Petrópolis, 2004.

NICLEVICS, Valdemar. **Everest, o diário de uma vitória.** Curitiba - PR: Sagamartha, 1995.

NICLEVICS, Valdemar. **Um sonho chamado K2. A conquista brasileira da montanha da morte.** Rio de Janeiro: Record, 2ª ed. 2007

NICOLESCU, Basarab, **Manifesto da Transdisciplinaridade.** São Paulo. Trion 1999.

NOÉ, F.; QUAINÉ, F.; MARTIN, L. Influence of steep gradient supporting walls in rock climbing: biomechanical analysis. **Gait and Posture**, [periódico on line] 2001; 13(2). Disponível em: URL <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11240356?dopt=Abstract>> [18 dez 2008].

OYAGUE, G. P.; LUSAR, A. C.; CERCOS, J. F. Propiedades psicométricas Del cuestionario de habilidades psicológicas en escalada deportiva. **Cuadernos del Psicología del Deporte**. V. 5, n. 1 e 2, 2005.

PEREIRA, B. As limitações do método científico: implicações para a educação física. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v,12, n.2: 228-248, jul/dez, 1998.

PEREIRA, D. W. A complexidade da avaliação dos riscos na escalada em rocha. In: IV Congresso Brasileiro de Atividade de Aventura. FTC. Mucugê – BA. **Anais...** 01 – 04 jul 2009.

PEREIRA, D. W; ARMBRUST, I. Escalada Escolar uma nova forma de competir. In: 2º Congresso Brasileiro de Atividade de Aventura. UNIVALE, Governador Valadares, M. G., 5 a 7 de julho de 2007.

PEREIRA, Dimitri Wuo. **Escalada**. São Paulo: Odysseus Editora, 2007a. Coleção Agôn, o espírito do esporte.

PEREIRA, D. W; MANOEL, M. L. O Treinamento de Escaladores de Competição do Estado de São Paulo. **Revista Mineira de Educação Física**. Viçosa – MG, v. 16, n. 2, ano 16: (108 – 135), 2008.

PEREIRA, A. L; FELIX, M. A experiência do risco no alpinismo. Anais: V Congresso Português de Sociologia – Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Ação. Universidade do Minho, Braga - PO, **Anais...** 12-15 mai 2004.

PIJPERS J. R.; OUDJEANS R.; BAKKER F. Changes in the perception of action possibilities while climbing to fatigue on a climbing wall. **Journal of Sports Sciences**. 2005; 25; 1: 97–110.

PORTELA, Audrey. **A influência da fadiga no tempo de reação de praticantes de escalada em rocha**. Dissertação de Mestrado – UDESC, Florianópolis – SC; 2005.

QUAINE F.; VIGOUROUX L. Maximal resultant four fingertip force and fatigue of the extrinsic muscles of the hand in different sport climbing finger grips. **International Journal of Sports Medicine**. 2004; 25; 8:634–637.

RAMOS O. R. La escalada en el contexto escolar. **Revista Digital · Lecturas y Deportes**. Ano 4 n. 16, out. 1999. Disponível em: URL <<http://www.efdeportes.com/efd16a/escalada.htm>> Acesso em 10/12/08.

SAADI, A. Geomorfologia e tectônica, reflexões conciliatórias. **Geonomos**, Belo Horizonte - MG, v. 6, n. 1, p. 1-9, 1998.

SCHOFFL V.; KLEE S.; STRECKER W. Evaluation of physiological standard pressures of the forearm flexor muscles during sport specific ergometry in sport climbers. **British Journal of Sports Medicine**. 2004; 38: 422-425.

SILVA JUNIOR, W. N. Formação lúdico e corporal na escola. **Memória do Simpósio**, São Paulo: Escola da Vila. 1ª ed., v.4, (9-10). 2007.

SIMPSON, Joe. **Tocando o vazio. A história real da miraculosa sobrevivência de um homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Mauricio Teodoro. **A Inteligência Corporal – Cinestésica como manifestação da Inteligência Humana no Comportamento de Crianças**. 2001. Tese de Doutorado em Educação Física - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SUGUIO, Kenitiro. **Geologia Sedimentar**. São Paulo – SP, 1ª Ed. Edgar Blucher, 2003.

Van der PUTTEN E. P.; SNIDJERS, C. J. Shoe design for prevention of injuries in sport climbing. **Applied Ergonomics**. 2001; 32; 4: 379–387.

ANEXO 1



UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU

AMC - Serviços Educacionais Ltda
Rua Taquari, 546 - Mooca - São Paulo - SP
CEP 03166-000
PABX: 6099-1999 - FAX: 6099-1692

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (pais e ou responsáveis legais)

UM OLHAR SOBRE A COMPLEXIDADE DA ESCALADA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

1. Identificação do pesquisador e da pesquisa

Prof. Dimitri Wuo Pereira

Prof^a. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vilma Lení Nista-Piccolo

Prof. Co-Orientador: Prof. Dr. Wagner Wey Moreira

Telefones para contato: 11-56353407 e 11-91837679

Email: dimitri.wuo@terra.com.br

Eu, _____,
nascido(a) em ____/____/_____, portador(a) do RG nº _____,
responsável legal pelo menor _____,
autorizo sua participação no projeto de pesquisa acima citado nas
dependências da escola e na vivência de escalada em rocha no município de
Salesópolis, sob responsabilidade do Prof. Dimitri Wuo Pereira, aluno do curso
de Mestrado em Educação Física, da Universidade São Judas Tadeu,
orientado pela Prof^a Dr^a Vilma Lení Nista-Piccolo e pelo Prof. Dr. Wagner Wey
Moreira.

Assinando este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é porque
estou ciente de que:

2. Informações aos participantes

2.1 O objetivo dessa pesquisa é verificar e compreender como a
escalada contribui como conteúdo na Educação Física escolar dentro de um

**UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU****AMC - Serviços Educacionais Ltda**

Rua Taquari, 546 - Mooca - São Paulo - SP

CEP 03166-000

PABX: 6099-1999 - FAX: 6099-1692

prisma educacional da complexidade, através da significação que os alunos constroem desse conhecimento. Possibilitando assim conhecer a escalada, conhecer o sentido que os alunos dão à sua vivência e verificando como essa prática se insere na Educação Física.

2.2 Os participantes dessa pesquisa, realizarão 4 (quatro) aulas na própria escola e de 1 (uma) aula em rocha, no município de Salesópolis, distante 110 km de São Paulo. Durante esse processo serão convidados a expressarem sua opinião sobre o significado dessas experiências. Será necessário o deslocamento para a cidade citada em transporte coletivo, cujo gasto será do pesquisador.

2.3 Um caderno de campo será usado para registro das atividades cotidianas, com a garantia de que os participantes não serão identificados em nenhum momento.

2.4 Todos os participantes têm liberdade para desistirem de sua participação na pesquisa a qualquer momento.

2.5 Só podem participar da pesquisa aqueles cujos pais ou responsáveis assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

2.6 A identidade dos sujeitos não será divulgada e todas as informações obtidas através dos registros em caderno de campo, conversações e vídeos serão mantidas em sigilo, sendo utilizadas somente para a elaboração da dissertação e de artigos científicos relacionados ao assunto.

2.7 As imagens das atividades serão posteriormente apresentadas aos alunos e seus pais ou responsáveis e se autorizadas por eles passarão por uma edição com a única finalidade educacional para cursos e palestras.

**UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU****AMC - Serviços Educacionais Ltda**

Rua Taquari, 546 - Mooca - São Paulo - SP

CEP 03166-000

PABX: 6099-1999 - FAX: 6099-1692

2.8 Pressupõe-se que não haverá prejuízos físicos e/ou emocionais para as pessoas participantes da pesquisa. Com relação à escalada, esta é uma atividade de risco quer seja em paredes artificiais ou na rocha. Ferimentos, quedas e até a morte são possibilidades que não podem ser desprezadas. O professor é um especialista nessa atividade e transmite sua experiência para orientar os alunos adequadamente durante a prática proposta. Além disso, o medo é esperado, inclusive fonte de aprendizagem sobre a própria prática, mas seus efeitos deletérios serão conduzidos de forma pedagógica pelo professor respeitando as individualidades. A escolha desse grupo de praticantes se deu inclusive para observarmos esse tipo de reação dos alunos.

2.9 Acreditamos que os participantes dessa pesquisa terão como benefício à prática uma aprendizagem significativa nos aspectos motores e físicos, sua formação humana e principalmente um crescimento pessoal.

3.0 Entre os procedimentos de prevenção de acidentes e socorros de urgência durante as aulas na escola e na rocha teremos sempre a mão uma bolsa de primeiros socorros, cuja utilização pelo professor é atestada por curso específico. A utilização de equipamentos de segurança certificados por órgãos competentes da escalada como a União Internacional das Associações Alpinas e recomendados pela Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada será observada. Todas as técnicas de segurança em escalada são dominadas pelo professor e será empregada a escalada em top rope na escalada em rocha que é a mais segura entre elas. Os procedimentos na escola seguem o padrão das aulas de Educação Física com contato com hospital na região do Butantã em São Paulo e a ficha do aluno com informações sobre sua saúde e convênio médico. Na escalada em rocha, temos contato prévio e direto com a Santa Casa da cidade, na qual poderemos contar com pronto atendimento. A distância da rocha até esse hospital é de 10 km que podem ser percorridos em

**UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU****AMC - Serviços Educacionais Ltda**

Rua Taquari, 546 - Mooca - São Paulo - SP

CEP 03166-000

PABX: 6099-1999 - FAX: 6099-1692

cerca de 20 minutos com o carro do pesquisador que estará à disposição para emergências.

3.1 Todos os participantes através de seus pais ou responsáveis poderão entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade São Judas Tadeu para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa através do telefone 11- 27991944.

3.2 Todos os participantes através dos pais ou responsáveis poderão entrar em contato com o pesquisador através dos telefones e endereço eletrônico disponibilizados acima.

3.3 Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi elaborado em duas vias, permanecendo uma via em poder do participante através do pai ou responsável e outra com o pesquisador.

Prof. Dimitri Wuo Pereira

Pesquisador responsável pelo estudo

Prof^a Dr^a Vilma Lení Nista-Piccolo

Orientadora do estudo e coordenadora do curso de Mestrado em
Educação Física da Universidade São Judas Tadeu

**UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU****AMC - Serviços Educacionais Ltda**

Rua Taquari, 546 - Mooca - São Paulo - SP

CEP 03166-000

PABX: 6099-1999 - FAX: 6099-1692

Após a leitura dos itens anteriormente esclarecidos, estou ciente de que:

1) Obtive todas as informações necessárias para decidir conscientemente sobre a participação do meu (minha) filho (filha) na referida pesquisa.

2) Os dados pessoais do meu (minha) filho (filha) serão mantidos em sigilo e os resultados obtidos através dessa pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho.

3) Estou livre para interromper a participação do meu (minha) filho (filha) na pesquisa a qualquer momento.

4) Confirmando ter conhecimento do conteúdo desse documento e minha assinatura abaixo indica que concordo em com a participação do meu (minha) filho (filha) nessa pesquisa e por isso dou meu consentimento.

Nome completo: _____

RG: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

Endereço eletrônico: _____

Assinatura do pai ou responsável legal:

São Paulo, _____ de _____ de 2009.



UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU

AMC - Serviços Educacionais Ltda

Rua Taquari, 546 - Mooca - São Paulo - SP

CEP 03166-000

PABX: 6099-1999 - FAX: 6099-1692

Termo de autorização e responsabilidade da escola para realização da pesquisa

UM OLHAR SOBRE A COMPLEXIDADE DA ESCALADA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Eu, _____,
nascida (o) em ____/____/____, portadora do RG nº _____,
responsável legal e diretora dessa escola, abaixo assinado, autorizo a
realização da pesquisa acima identificada, nessa unidade escolar. Também me
responsabilizo pela oferta de condições de infra-estrutura, isto é, espaço para
as aulas e materiais. Fornecerei também o transporte a ser pago pelos
participantes durante a execução dessa pesquisa sob a responsabilidade do
pesquisador e professor Dimitri Wuo Pereira, aluno do curso de Mestrado em
Educação Física da Universidade São Judas Tadeu, orientado pela Prof^a Dr^a
Vilma Lení Nista-Piccolo e pelo Prof. Dr. Wagner Wey Moreira.

Assinado esse Termo de Autorização estou ciente de que:

1. O objetivo dessa pesquisa é verificar e compreender como a escalada contribui como conteúdo na Educação Física escolar dentro de um prisma educacional da complexidade, através da significação que os alunos constroem desse conhecimento. Possibilitando assim conhecer a escalada, conhecer o sentido que os alunos dão a sua vivência e verificando como essa prática se insere na Educação Física.

2. Os participantes dessa pesquisa participarão de 4 (quatro) aulas na própria escola e de 1 (uma) aula em rocha, no município de Salesópolis e que durante esse processo serão convidados a expressarem sua opinião sobre o significado dessas experiências. Será necessário o deslocamento para a cidade de Salesópolis em transporte coletivo, cujo gasto será dividido entre os participantes.

**UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU****AMC - Serviços Educacionais Ltda**

Rua Taquari, 546 - Mooca - São Paulo - SP

CEP 03166-000

PABX: 6099-1999 - FAX: 6099-1692

3. Durante a pesquisa serão utilizados como instrumentos para coleta de dados: a análise do Projeto Político Pedagógico, e do Planejamento de Ensino da escola e a observação e registro de aulas de escalada, bem como serão realizadas conversações e gravações das atividades com os alunos participantes.

4. Serão convidados a participar do estudo alunos freqüentadores das aulas de escalada do ensino fundamental II e médio que ocorrem às 4ª e 6ª feiras das 14 às 15 horas, como atividade extra-curricular.

5. Será agendada previamente uma reunião com os pais para fornecer informações sobre a pesquisa e para a assinatura do Termo de Livre Consentimento Esclarecido no caso de concordarem com a participação dos filhos e ou dependentes.

6. Os possíveis prejuízos físicos e emocionais pelos quais poderão passar os participantes estão previstos e declarados a todos, antes de sua ciência.

7. Todos os dados pessoais dos participantes serão mantidos em sigilo e as entrevistas gravadas nos aparelhos Nokia 5620, Sony modelo Handycam – DCR – DVD108 e câmera fotográfica Kodak Easyshare C813 serão apagadas após a transcrição.

8. As imagens gravadas serão apresentadas aos alunos e seus responsáveis e se autorizadas servirão de elementos para edição de um vídeo instrucional.

São Paulo, _____ de _____ de _____

Assinatura da Direção

ANEXO 2



PLANEJAMENTO DO CURSO DE ESCALADA DA ESCOLA DA VILA - 2009

Filosofia

O ano 2000, é o prenúncio de uma nova era.

O avanço tecnológico (internet, satélites, biotecnologia, fibra ótica, mundo virtual) estão levando o ser humano a uma dimensão na qual não podemos prever os próximos passos.

Por outro lado a preocupação com o meio ambiente e com a melhoria da qualidade de vida tornou-se questão de sobrevivência.

A escalada é um resgate das atividades corporais naturais do ser humano em contato com a natureza.

Por esse motivo, a proposta de escalada esportiva escolar é um reencontro dos alunos com o escalar e trepar, num ambiente de cooperação e superação de limites, que é a própria essência da vida do escalador.

Objetivos Gerais

Aspectos motores:

Escalar coordenadamente;
Desenvolver força, flexibilidade e resistência;
Confeccionar nós;
Realizar técnicas (táticas) verticais.

Aspectos congitivos:

Conhecer os equipamentos de escalada;
Criar estratégias;
Interpretar vias;
Planejar uma escalada.

Aspectos sociais:

Desenvolver liderança, cooperação e respeito com o grupo.

Aspectos afetivos:

Superar dificuldades, aumentar a auto-confiança e a coragem frente aos desafios.

Objetivos Específicos

Domínio Motor - o aluno deverá:

a) aplicar os movimentos técnicos (drop knee, flag, twist lock, back step, , oposição, todos os tipos de pegadas, foot work, fendas, chaminés, bote, montê).

b) apresentar fluência e ritmo na escalada.

c) respirar continuamente enquanto escala.

d) escalar com movimentos em equilíbrio estático e em equilíbrio dinâmico.

e) desenvolver sua resistência aeróbia , inclusive com sobrecarga.

f) ter aumentada sua força específica em tronco, abdômen, membros superiores, costas e mãos.

Domínio Cognitivo - o aluno deverá:

a) conhecer, utilizar e cuidar dos equipamentos de escalada esportiva indoor e de rocha.

b) conhecer os equipamentos de escalada em geral.

c) criar estratégias para escalar.

d) Interpretar e criar vias.

e) planejar uma escalada.

f) conhecer e aplicar os procedimentos de primeiros socorros.

g) conhecer aspectos sociais, históricos, geográficos, geológicos da escalada.

h) realizar técnicas verticais com segurança.

i) compreender e respeitar a ética da escalada.

Domínio Afetivo – o aluno deverá:

a) superar obstáculos que a escalada propõe.

b) ter coragem e consciência para realizar tarefas e tomar decisões.

c) confiar em si frente aos desafios.

d) controlar a ansiedade.

Domínio Social – o aluno deverá:

a) cooperar com o grupo.

b) liderar e ser liderado em um grupo.

c) respeitar seu grupo, outros grupos.

d) relacionar-se com o meio ambiente de forma a preservá-lo.

e) apoiar os menos experientes.

Conteúdos

Desenvolvimento da habilidade de escalar (princípio dos apoios triangulares).

Desenvolvimento do posicionamento e sua nomenclatura.

Respiração, ritmo, noção espaço temporal, cinestesia e propriocepção na escalada.

Nós (oito, oito duplo, pescador, fiel, UIAA, lais en gear, nó de fita).

Caminhada.

Desenvolvimento da força isométrica.

Desenvolvimento de resistência de força.

Desenvolvimento de força explosiva.

Os equipamentos de escalada e sua utilização (cadeirinha, sapatilha, mosquetão, corda, grampos, pitons, freios, ascensores, fitas).

Vias de escalada (graduação e leitura).

Segurança em técnicas - táticas verticais (top rope, guiada, solo, solitária, boulder, rapel)

Planejamento (hospedagem, transporte, custos, equipamentos, grupo, vestimentas, tipo de escalada, condições atmosféricas, alimentação, organização interna).

Ética e a escalada (conquista, encadeação, à vista, trabalhada, red point, flash).

Socorros de urgência (diagnóstico e ação).

Pesquisa social, histórica, geográfica e geológica.

Estratégias de Ensino

Aulas teóricas

Aulas práticas de manejo de equipamentos.

Dinâmicas de grupo.

Segurança com diversos tipos de freios.

Montagem de vias.

Aulas práticas de escalada (desenvolvimento de habilidades e capacidades).

Audio visuais.

Exercícios de quebra de paradigma (fazer diferente).

Exercícios com sobrecarga.

Criação e montagem de arquivo bibliográfico da escalada.

Palestras.

Pesquisas bibliográficas.

Competições e encontros com escaladores de outros locais e escolas.

Vivências na natureza e outros locais de escalada.

Professores

Sergio Bento

Dimitri Wuo Pereira